

**EDIMÉIA FURIAN**

**CONFIGURAÇÕES MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS DO  
VOCABULÁRIO BRASILEIRO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA**

**PORTO ALEGRE  
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO**

**CONFIGURAÇÕES MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS DO  
VOCABULÁRIO BRASILEIRO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA**

**EDIMÉIA FURIAN**

**ORIENTADOR(A): PROF(a). DR(a). SABRINA PEREIRA DE ABREU**

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística,  
apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2012**

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Sabrina, agradeço pela orientação e pela compreensão.

Ao Sérgio, pela presença e pelo companheirismo.

À minha família, pela união e por todas as formas de apoio.

À Thaís, à Ester e à Carla, pela ajuda técnica.

À Cristina, à Denise, à Vilma e aos meus colegas e alunos das Prefeituras de Gravataí e Porto Alegre, pelas palavras de carinho e incentivo.

## RESUMO

Os expressivos resultados obtidos nos últimos anos por ginastas brasileiros em campeonatos de ginástica artística de nível mundial têm favorecido a divulgação desse esporte no Brasil, mas ainda é escassa a produção de materiais terminográficos, como glossários ou dicionários, que promovam uma aproximação do público com a linguagem especializada da área. Este trabalho quer indicar bases para a produção desse tipo de material, através do estudo dos nomes atribuídos, no português brasileiro, a movimentos, aparelhos e tudo mais que compõe o universo da modalidade. Obedecendo aos pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia e da Socioterminologia, esta pesquisa se propôs a recolher uma lista de unidades terminológicas brasileiras da ginástica artística e a analisar a constituição morfológica e sintática dessas unidades, investigando a possibilidade de se indicar alguma recorrência em seus processos de formação, bem como a analisar as variantes terminológicas desse léxico. A observação dos dados mostrou a) menor influência do que a suposta em relação aos empréstimos linguísticos; b) predomínio de palavras primitivas sobre as derivadas ou compostas e, entre as derivadas, prevalência da derivação sufixal e da derivação regressiva; c) predomínio das variantes do tipo concorrentes.

**Palavras-chave:** Terminologia – Formação de termos – Ginástica Artística

## ABSTRACT

In the past few years Brazilian gymnasts have been achieving outstanding results in worldwide artistic gymnastics championships favoring the spreading of the sport in Brazil, but the production of terminological materials, such as glossaries and dictionaries, which approach the public to the specialized language, is still insufficient. This research aims at offering some bases for the building of these materials by studying the Brazilian Portuguese terms regarding this sport modality. Based on the Communicative Theory of Terminology and on the Socioterminology, this research gathers a list of artistic gymnastics terms and analyzes their morphological construction in order to point out any recurrence in their processes of formation, as well as analyze the terminological variants of this lexicon. The data showed a) less influence than expected concerning linguistic borrowing; b) predominance of primitive words in comparison with derived words and, among the derived ones, prevalence of agglutination and conversion; c) preponderance of concurrent variants.

**Key-words:** Terminology – Word Formation – Artistic Gymnastics

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CBG – Confederação Brasileira de Ginástica

COI – Comitê Olímpico Internacional

FIG – Federação Internacional de Ginástica (*Fédération Internationale de Gymnastique*)

F1 – Fonte 1: Vieira; Freitas (2007)

F2 – Fonte 2: Brochado; Brochado (2005)

F3 – Fonte 3: Glossários virtuais

G1 – Glossário 1: Birafitness

G2 – Glossário 2: UOL – Olimpíadas 2004

G3 – Glossário 3: UOL – Pan 2007

G4 – Glossário 4: UOL – Olimpíadas 2008

GA – Ginástica Artística

GAM – Ginástica Artística Masculina

GAF – Ginástica Artística Feminina

FRG – Federação Rio-Grandense de Ginástica

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT – Teoria Geral da Terminologia

UT – Unidade Terminológica

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro-síntese dos processos de formação de palavras da língua portuguesa (ABREU, 2010a) .....	35
Figura 2 – Quadro-síntese dos processos de formação de termos na língua portuguesa (ABREU, 2010a) .....	38
Figura 3 – Glossário Birafitness .....	44
Figura 4 – Glossário UOL – Olimpíadas 2008 .....	44
Figura 5 – Glossário UOL – Olimpíadas 2004 .....	46
Figura 6 – Glossário UOL – Jogos Pan-Americanos 2007 .....	46
Figura 7 – Árvore de domínio da ginástica .....	48
Figura 8 – Árvore de domínio da ginástica artística .....	49
Figura 9 – Padrões básicos de movimentos propostos por Russell e Kinsman (1986, <i>apud</i> NUNOMURA e TSUKAMOTO, 2005) .....	50
Figura 10 – Modelo de ficha terminológica .....	54
Figura 11 – Organização da análise das UTs e das variantes .....	57
Figura 12 – Distribuição dos termos em simples ou complexos .....	59
Figura 13 – Distribuição dos processos de derivação das UTs .....	67
Figura 14 – Distribuição dos padrões lexicais das UTs complexas vernaculares .....	70

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Diferenças entre unidade sintagmática e unidade composta, segundo Alves (2007) .....	39-40
Quadro 2 – Termos que apresentaram formas variantes .....	71-72



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: O LÉXICO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA</b> .....	<b>15</b>
1.1 BREVE HISTÓRIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA .....	15
1.1.1 Ginástica como atividade física .....	15
1.1.2 Ginástica artística como esporte de competição .....	16
1.2 A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL.....	17
1.2.1 Origens e desenvolvimento.....	17
1.2.2 Formação do léxico .....	18
RESUMO DO CAPÍTULO .....	20
<b>CAPÍTULO 2: TERMINOLOGIA E FORMAÇÃO DE TERMOS</b> .....	<b>21</b>
2.1. TERMINOLOGIA: OBJETO, CONCEITOS, EVOLUÇÃO.....	21
2.1.1. Unidade lexical x unidade terminológica.....	21
2.1.2. A construção de uma ciência .....	22
2.1.3. Teoria Geral da Terminologia e Teoria Comunicativa da Terminologia .....	23
2.1.4 A variação nas terminologias.....	25
2.2    UNIDADES    TERMINOLÓGICAS:    CONFIGURAÇÕES MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS .....	26
2.2.1    Processos de formação de palavras .....	28
2.2.2 O caso dos empréstimos linguísticos .....	35
2.2.3 Formação por eponímia.....	37
2.2.4 Formação de termos: os trabalhos de Abreu (2010a; 2010b) .....	38
RESUMO DO CAPÍTULO .....	41

<b>CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>43</b>
3.1. CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	43
3.1.1 Recolha dos possíveis termos .....	43
3.1.2 Projeção da árvore de domínio .....	48
3.1.3 Identificação dos contextos de ocorrência.....	51
3.2 ORGANIZAÇÃO FICHA TERMINOLÓGICA .....	53
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	56
<b>CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>57</b>
4.1. CANDIDATOS A UNIDADES TERMINOLÓGICAS.....	58
4.1.1 Unidades terminológicas simples .....	60
4.1.2 Unidades terminológicas complexas.....	68
4.2. CANDIDATOS A VARIANTES .....	71
4.2.1 Variantes concorrentes .....	72
4.2.2 Variantes coocorrentes .....	75
4.2.3 Variantes competitivas .....	76
4.3 REVISANDO AS HIPÓTESES DA PESQUISA .....	77
RESUMO DO CAPÍTULO.....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>86</b>
ANEXO I: NOTÍCIA SOBRE IMPLANTAÇÃO DE PROJETO DE GA..	87
ANEXO II: FICHAS TERMINOLÓGICAS .....	89
ANEXO III: UNIDADES DESCARTADAS NA FORMAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	146

## INTRODUÇÃO

A gente tem o solo que é onde o Brasil ganha bastante [sic] medalhas, onde a gente se destaca mais. O cavalo com alças. As argolas que são ... também legais, tem o cristo. O salto onde a gente corre, bate no trampolim e faz um duplo por cima do cavalo. As paralelas que são uma do lado da outra e a barra fixa que é só uma barra, onde a gente gira no alto. Esses são os seis aparelhos masculinos. No feminino a gente tem a trave, que é aquele bem fininho, no qual a minha irmã se destaca mais. E tem as paralelas que são diferentes também, que são uma em cima e outra em baixo [sic], que as meninas fazem giro na de baixo e na de cima. Salto que é onde a gente corre e faz um duplo mortal por cima. E o solo, que o delas tem música e o nosso não. Então esses são os aparelhos e a ginástica trabalha bastante com o corpo, desenvolve... (CARVALHO, 2007, p. 86).

O trecho reproduzido acima é apresentado por Carvalho (2007) como a transcrição de uma narração de Diego Hipólito para as imagens de uma reportagem sobre ginástica artística veiculada no programa *Sportv News*, em janeiro de 2007. O texto mostra o esforço de um especialista da área, um atleta olímpico da modalidade, em definir, da forma mais simplificada possível, os aparelhos da ginástica artística a telespectadores pouco ou nada familiarizados com aquela terminologia.

Expressões próprias dessa modalidade parecem, a propósito, compor um “ginastiquês”<sup>1</sup> quase inacessível ao espectador leigo. Basta observarmos a “ginástica” que fazem comentaristas e narradores para explicar, durante as transmissões televisivas, as regras e os elementos mais básicos da modalidade. Mesmo assim, a beleza dos movimentos arriscados e precisos desse esporte demonstra ter apelo indiscutível junto ao público<sup>2</sup>.

Foi justamente para conhecer mais profundamente o vocabulário da ginástica artística (GA) que pensei este trabalho. O propósito que primeiro estabeleci foi fazer um estudo linguístico das unidades terminológicas que compõem o vocabulário brasileiro da GA: como são formados esses termos? Há influência de outras línguas? Que estratégias linguísticas são

---

<sup>1</sup> Expressão que li pela primeira vez em Vieira e Freitas (2007).

<sup>2</sup> Conforme ilustra esta notícia: *Apesar de se notarem alguns lugares vazios em parte das arenas dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, nesta quarta-feira se esgotaram as entradas para todas as modalidades ainda em disputa na cidade mexicana, bem como para a cerimônia de encerramento. Com um total de quase um milhão de bilhetes vendidos, o comitê organizador do evento, o Copag, festeja o acerto na estratégia de encher as arenas em vez de encher os bolsos. Em diversas competições, como na ginástica artística e no vôlei, era possível ver filas de gente esperando por ingressos que não existiam, com cartazes na mão.* Disponível em <http://esporte.ig.com.br/panamericano/pan-2011-festeja-estrategia-de-arenas-cheias-e-bolsos-vazios/n1597330457292.html>. Acesso em 18/11/2011.

usadas no português brasileiro para nomear os movimentos, ou, mais precisamente, os elementos executados na GA?

Iniciei o trabalho, então, pesquisando glossários e dicionários de ginástica artística escritos em português brasileiro e publicados no Brasil. Não encontrando materiais oficiais que reunissem uma amostra significativa dessa terminologia, precisei recolher os candidatos a termos<sup>3</sup> a partir de três fontes: i) um pequeno glossário que compõe a seção de um livro de divulgação da modalidade; ii) itens descritos como pertencentes à terminologia da ginástica na seção de um livro didático para formação de professores de GA; e iii) glossários virtuais publicados em alguns portais, de forma não oficial. Portanto, este trabalho consiste em duas tarefas básicas: recolher o que é apresentado como terminologia da GA e estudar, do ponto de vista linguístico, as unidades que compõem o vocabulário dessa área especializada.

A explicação para o fato de não existirem (ou não serem divulgadas) obras que organizem a terminologia brasileira da GA pode ter relação com a história do esporte no Brasil. Introduzida no país por imigrantes alemães que colonizaram o Rio Grande do Sul, a prática da GA se limitou, por muito tempo, aos ginásios de clubes tradicionais, sobretudo os fundados por alemães. Desde os últimos anos, no entanto, esse esporte vem atraindo a atenção de um grande número de brasileiros, sobretudo após as conquistas da gaúcha Daiane dos Santos, na década passada. Com a popularização da televisão por assinatura, competições internacionais de ginástica passaram a fazer parte da programação de canais especializados, o que contribuiu para que aumentasse o interesse do público pela modalidade.

Entretanto, esse interesse ainda não se traduz (ou não se traduzia, até pouco tempo) em volume de pesquisa científica sobre o tema, conforme ressaltam Nunomura e Piccolo (2005) em *Compreendendo a Ginástica Artística*. Na apresentação da obra, as autoras ressaltam a escassez de trabalhos acadêmicos sobre GA produzidos por instituições de ensino brasileiras e mesmo de cursos para profissionais que queiram se aprimorar na área. Isso prova o quanto a GA é um campo ainda em formação no Brasil.

E que contribuição teria, para a área da ginástica, um trabalho como este que agora apresento? Meu propósito é justamente iniciar um estudo que poderá ser consultado por aqueles que futuramente se dedicaram a criar glossários ou dicionários de ginástica destinados ao público leigo ou a profissionais da informação, ou mesmo para aqueles que quiserem aprofundar outras obras já existentes, se for o caso. A proximidade dos Jogos Olímpicos no Brasil, em 2016, cria a expectativa de que novos materiais de divulgação esportiva sejam

---

<sup>3</sup> Chamo *candidatos a termos* porque, nas fontes que forneceram tais unidades, não é indicada a metodologia que gerou a identificação das palavras ou do conjunto de palavras listados como unidades terminológicas da GA.

produzidos, e algumas bases para a elaboração de um material dessa natureza para a GA estão alicerçadas nesta dissertação. Cumpre alertar, no entanto, que o vocabulário que compõe o *corpus* deste trabalho representa apenas uma amostra do universo de possíveis termos da área. Isso porque seria impossível, dentro do âmbito desta pesquisa, dar conta de todos os nomes de elementos executados na ginástica artística. Para se ter uma ideia, o atual Código de Pontuação, documento que normatiza das competições de GA, prevê, apenas para os aparelhos masculinos, 801 elementos técnicos possíveis de execução (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

Inserido na área de investigação conhecida como estudos linguísticos e na subárea Estudos do Léxico, este trabalho se propõe, então, a apresentar a nomenclatura básica das unidades terminológicas que compõem o vocabulário desse domínio temático. Pretende também contribuir com o desenvolvimento de pesquisas na área dos Estudos do Léxico, à medida que descreve a configuração morfológica e sintática de uma terminologia que, ao que consta, ainda não foi objeto de uma sistematização.

Portanto, os objetivos gerais deste trabalho são:

- a) sistematizar a terminologia brasileira da ginástica artística;
- b) descrever a constituição linguística das unidades terminológicas (UTs) que compõem essa terminologia;
- c) verificar a existência de variantes terminológicas nessa terminologia e analisar sua constituição linguística.

Especificamente, a pesquisa visa a:

- a) identificar as UTs que constituem a terminologia brasileira da ginástica artística;
- b) identificar as variantes das UTs que constituem a terminologia brasileira da ginástica artística;
- c) apresentar a nomenclatura terminológica da ginástica artística brasileira;
- d) analisar a constituição morfológica das UTs simples dessa terminologia, verificando se há, nelas, estruturas morfológicas recorrentes que caracterizem os processos de formação lexical mais produtivos no domínio examinado;
- e) analisar a constituição sintática das UTs complexas dessa terminologia, verificando se há, nelas, padrões estruturais recorrentes que possam indicar os

mecanismos mais produtivos para a formação de sintagmas terminológicos no domínio examinado;

- f) analisar a constituição linguística das variantes das UTs dessa terminologia e indicar o tipo de variante mais recorrente.

Para alcançar tais objetivos, este trabalho se orientou pela busca de respostas às seguintes questões:

- a) Quais são os termos básicos da GA no português brasileiro (PB)?
- b) Como são formados os termos do vocabulário básico da GA brasileira?
- i) Há influência de outras línguas na terminologia básica desse domínio?
- ii) Que estratégias linguísticas são usadas no PB para nomear os movimentos executados na GA?
- c) Quais são as variantes terminológicas recorrentes na terminologia da GA?

A partir das questões acima, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

- a) A terminologia da GA brasileira é formada a partir de lexias vernaculares e estrangeiras.
- b) Na configuração morfológica das UTs simples, predomina a formação de nomes deverbais (sobretudo nas denominações de movimentos); nas UTs complexas, há o predomínio de núcleos deverbais.
- c) As variantes competitivas são predominantes nessa terminologia, tendo em vista a forte presença de lexias estrangeiras.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, abordo os aspectos gerais da constituição do léxico da ginástica artística, a partir da história da ginástica no mundo, terminando por descrever o espaço que ela ocupa hoje no cenário esportivo do país e, conseqüentemente, apontando alguns aspectos que poderão ter influenciado a constituição do léxico desse domínio no panorama brasileiro. No segundo capítulo, apresento o referencial teórico adotado para a pesquisa, expondo os principais conceitos relativos à Terminologia; apresento também a caracterização das unidades terminológicas e suas diferentes facetas, de acordo com a literatura especializada. Ainda nesse capítulo, descrevo os principais aspectos que devem ser considerados quando se pretende fazer a apresentação e a descrição de uma

terminologia. O terceiro capítulo destina-se à exposição dos procedimentos metodológicos adotados para a constituição do *corpus*, o que envolveu a recolha das possíveis UTs e a atestação em textos autênticos. Também descrevo os procedimentos analíticos adotados para a descrição da configuração morfológica das UTs simples e para a descrição da configuração sintática das UTs complexas. No capítulo 4, procedo à análise dos dados e, no capítulo 5, exponho as considerações finais.

## CAPÍTULO 1: O LÉXICO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Este capítulo objetiva apresentar, em linhas gerais, a história da ginástica artística e sua influência na constituição do léxico deste domínio. Para tanto, na seção 1.1, procuro mostrar como essa atividade física transformou-se em uma modalidade esportiva. Na seção 1.2, olhando mais pontualmente para os fatos históricos que marcaram a inserção da ginástica artística no cenário brasileiro, mostro que o início da formação dessa terminologia está vinculado à chegada dos primeiros imigrantes alemães no Brasil, ou, seja, as UTs chegaram através de mãos estrangeiras, o que me leva a supor que boa parte desse léxico contenha ainda resquícios de sua filiação.

### 1.1 BREVE HISTÓRIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

#### 1.1.1 Ginástica como atividade física

Em sentido amplo, *ginástica* remete a *atividade física*. Em *História Geral da Educação Física*, Marinho (1980) explica de que forma a atividade física esteve presente nas diferentes civilizações que conhecemos, desde a pré-história até a atualidade. No capítulo reservado à Grécia, o autor expõe trechos de obras de Platão e Aristóteles, os quais incluíam a ginástica como parte do plano educacional dos gregos. Explica ele que, juntamente com a música, a ginástica tinha a missão de garantir a harmonia do corpo e da alma aos jovens dos 7 aos 16 anos. A partir dos 17, os exercícios tornavam-se mais intensos: eram os exercícios militares.

A era moderna retoma a ginástica como atividade que pode colaborar para a formação física e moral do ser humano. Traçando um panorama da modalidade desde seu fortalecimento na Europa do século XIX até sua difusão para o Brasil, Soares (2009, p. 135-136) explica que, nos anos 1800, ela “criou uma espécie de emulação coletiva numa Europa que protagonizava processos singulares de construção nacional, castigada por guerras e, além de tudo, por um estado crescente de *degeneração física*” (grifo da autora). Sob esse aspecto, a ginástica praticada por grandes grupos se transforma em espetáculo, onde são exibidos corpos saudáveis, moldados pela prática disciplinada do exercício físico.

Segundo a autora, da preocupação em produzir um espetáculo, os governos passam a ver na ginástica um instrumento de educação dos corpos. A necessidade de garantir uma



ordenação mínima ao fluxo de pessoas vindas das zonas rurais à Europa fabril do século XIX encontra, muitas vezes, respaldo na ordem militar. Como complemento, a medicina oferece técnicas de cuidado do corpo:

A ginástica, portanto, como expressão da cultura e como forma específica e mais especializada de uma *educação do corpo* urbano, guardou, assim, em seu conteúdo, relações próximas e mesmo dependência de instituições bastante fortes no período, como a militar e a médica (SOARES, 2009, p. 145, grifos da autora).

Ela relata ainda que, tomando um espaço até então ocupado pela medicina, na forma de ortopedia, a ginástica transforma-se numa alternativa para os indivíduos conhecerem as potencialidades dos seus corpos através dos exercícios físicos. Os tratados de ginástica surgem, então, para propor movimentos específicos para diferentes membros do corpo. A partir daí, a ginástica chega às escolas.

### **1.1.2 Ginástica artística como esporte de competição**

É também no século XIX que se localiza a origem da chamada ginástica moderna, com o alemão Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), conhecido como *o pai da ginástica*. De acordo com Publio (2005), Jahn faz do *turnen* (*ginástica*, em alemão) um meio de preparar fisicamente a juventude da Prússia para lutar contra invasões estrangeiras. Ele cria, em 1811, numa floresta próxima a Berlim, o primeiro espaço ao ar livre para a prática de ginástica, que ficaria conhecido como “Parque do Povo”. Lá teriam sido introduzidos ou adaptados alguns aparelhos da ginástica artística que conhecemos hoje. Seu método tinha um caráter nacionalista e buscava inculcar, nos jovens, virtudes como autoconfiança, autodisciplina, independência, lealdade e obediência. Influenciado pelos métodos do educador suíço Johann Pestalozzi, “ele convenceu a juventude alemã a praticar a Ginástica, fornecendo-lhes um ideal heroico, o gosto pelo esforço e pelo risco, o hábito da obediência voluntária e o senso das antigas tradições da nação” (PUBLIO, 2005, p.19).

Em 1818, Jahn é acusado de conspiração, e, de 1820 a 1842, a prática da ginástica é proibida na Alemanha (o que fica conhecido por *bloqueio ginástico*), por ser considerada subversiva. O bloqueio ginástico acarreta a emigração de muitos ginastas da Alemanha para outros países, difundindo a modalidade por toda a Europa (PUBLIO, 2005).

Relata Publio (2005) que foi o belga Nicolas Cupérus quem impulsionou a propagação dos exercícios ginásticos pela Europa e pelo mundo. Em 1881, ele teria reunido delegados holandeses, franceses e belgas, fundando o “Comitê Permanente das Federações Europeias de

Ginástica”. Embora Cupérus não fosse favorável à elevação da ginástica ao patamar de esporte competitivo, ele acabaria por ceder, e então surgiram os torneios internacionais de ginástica, eventos idealizados pelo francês Charles Gzalet e por alguns ginastas. Nicolas Cupérus foi o primeiro presidente da Federação Internacional de Ginástica (FIG) – em francês, *Fédération Internationale de Gymnastique* –, organização formada a partir da então Federação Europeia de Ginástica. Foram os Jogos Olímpicos de 1952 o marco a partir do qual seriam estabelecidas as regras da ginástica artística como esporte de competição.

## 1.2 A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL

### 1.2.1 Origens e desenvolvimento

No século XIX, chegam ao Brasil os primeiros imigrantes alemães, dos quais a maior parte se instala na região sul. Esses imigrantes desenvolvem formas de associação, incluindo a ginástica (ou o *turnen*) como uma atividade cultural.<sup>4</sup> Assim, surgem as Sociedades Ginásticas, onde se praticavam exercícios aos moldes do método criado por Jahn (SOARES, 2009). Para Leomar Tesche (2001), o *Turnen*, através das sociedades ginásticas, tinha a função de preservar, além da cultura, a identidade étnica dos imigrantes.

Nas escolas brasileiras, a prática da ginástica enquanto atividade física geral sofria influência dos diferentes métodos europeus, destacando-se o francês. Já na organização social das comunidades alemães, o cenário era outro:

Se, de um ponto de vista do pensamento das elites dirigentes no Brasil, no que concerne à educação escolar e a programas de educação em geral, a ginástica francesa é aquela que aparece em destaque, na vida cotidiana deste imenso Sul e parte do Sudeste brasileiro, é a ginástica praticada por imigrantes alemães que ganha ‘corpo’, é a ginástica alemã (SOARES, 2009, p. 154).

Conforme relata Publio (1998), as competições de ginástica no Rio Grande do Sul têm início no final do século XIX, e a prática da ginástica olímpica<sup>5</sup> no Brasil também começa neste estado, já em meados do século XX. Em 1951, a Confederação Brasileira de Desportos

<sup>4</sup> Tesche (2001) diverge nesta questão: para ele, embora alguns autores afirmem ter o *turnen* chegado ao Brasil através das primeiras famílias alemãs a colonizar a região sul, a atividade teria sido, na verdade, introduzida pelos *Brummer*, legionários alemães que lutaram pelo Brasil na guerra contra Rosas, na Argentina.

<sup>5</sup> Segundo Nunomura e Nista-Piccolo (2005), tanto *ginástica artística* quanto *ginástica olímpica* são denominações usadas internacionalmente. A FIG, segundo as autoras, adota a primeira, em razão de incluir, na segunda, todas as modalidades de ginástica que fazem parte do Programa Olímpico (ver p. 47).

(CBD) filia-se à Federação Internacional de Ginástica (FIG), e iniciam, no Brasil, os Campeonatos Brasileiros de Ginástica.

Nos últimos anos, o espaço do Brasil na ginástica artística tem se ampliado. A primeira participação de ginastas brasileiros em Jogos Olímpicos foi em Moscou, em 1980, com João Luiz Ribeiro e Cláudia Magalhães. Na década de 1990, Luisa Parente chamou a atenção de muitos brasileiros para uma modalidade até então muito pouco prestigiada por aqui. Depois dela, viria Daniele Hypólito, conquistando a medalha de prata na prova de solo, no Campeonato Mundial de Ghent, na Bélgica, em 2001.

Efetivamente, foi na década passada que a GA ganhou espaço inédito em transmissões televisivas no Brasil. Não apenas canais por assinatura, mas também canais abertos passaram a transmitir, ao vivo, algumas competições internacionais de GA. E isso se deu a partir das conquistas da gaúcha Daiane dos Santos, a primeira brasileira a se tornar campeã mundial, na prova de solo, em Anaheim, EUA, em 2003. Ao citar os principais representantes da GA brasileira na atualidade, Vieira e Freitas (2007, p. 12) comentam o lugar de destaque de Daiane dos Santos, apresentando-a como “uma atleta símbolo em sua modalidade, uma das mais destacadas e conhecidas esportistas brasileiras de sua geração, responsável pela abertura de uma inédita fase de ouro para a ginástica do país”.

A fase de ouro a que os autores se referem compreende, sobretudo, as conquistas individuais de Daiane e de Diego Hypólito, hoje bicampeão mundial na prova de solo. Uma vez que elementos inovadores da ginástica levam o sobrenome do primeiro atleta a executá-los, já estão oficializados os movimentos *dos santos*, creditado a Daiane, e *hypólito*, a Diego. Mas o sucesso também diz respeito a boas participações por equipes em competições de grande porte, o que mostra que as vitórias nessa modalidade não são fatos isolados, mas frutos de um trabalho que busca dar estrutura aos atletas e formar seleções masculina e feminina competitivas.

Em Jogos Olímpicos, evento esportivo mais importante para a ginástica em nível mundial, nenhum brasileiro ainda ganhou medalha. Nas duas últimas edições, em Atenas (2004) e Pequim (2008), Daiane dos Santos obteve a 5<sup>a</sup> e a 6<sup>a</sup> colocações, respectivamente, na prova de solo, e Diego Hipólito foi o 6<sup>o</sup> colocado em Pequim, também no solo. Na disputa por equipes, a seleção feminina obteve a 9<sup>a</sup> e a 8<sup>a</sup> posições em 2004 e 2008, respectivamente.

### **1.2.2 Formação do léxico**

A despeito do espaço que a ginástica artística brasileira conquistou no cenário esportivo do país nos últimos anos, ainda não se pode afirmar que ela figure entre os esportes mais populares em termos de praticantes. Nista-Piccolo (2005) relaciona três fatores entre as possíveis explicações para a adesão ainda discreta dos brasileiros à modalidade: custo dos aparelhos, espaço físico insuficiente e falta de profissionais qualificados.

Na dissertação *O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008*, Oliveira (2010) analisa o progresso e as deficiências que a GA apresentou nesses últimos anos. Os resultados de sua pesquisa mostram o quanto o Brasil ainda é dependente, na ginástica, do conhecimento produzido no exterior. Sobre a arbitragem da modalidade, ele confirma a pouca oferta de cursos de formação técnica de árbitros no país, durante o período estudado. Isso, segundo ele, fez com que poucos árbitros brasileiros – apenas os que participaram de cursos no exterior por conta própria ou de competições internacionais com a seleção brasileira – tenham tido a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos.

Outro ponto que ele destaca em seu trabalho é a importação de técnicos de outros países para trabalhar na formação dos ginastas brasileiros, assunto controverso entre técnicos e dirigentes da GA brasileira. Ele destaca que, embora a questão esteja nas rodas de discussão atualmente, há muito são trazidos técnicos de outros países para atuar no Brasil. Para a maior parte de seus entrevistados, a vinda do técnico estrangeiro é positiva, embora alguns ressaltem que esses profissionais deveriam atuar na formação de outros técnicos, não se limitando a organizar o treinamento dos ginastas, mas compartilhando com os técnicos locais o seu conhecimento. De 2001 a 2008, por exemplo, a seleção brasileira feminina de ginástica foi treinada pelo ucraniano Oleg Ostapenko, acompanhado de sua mulher, Nadja Ostapenko, e de sua assistente técnica, Irina Ilyashenko, que o substituiu no comando técnico da seleção feminina desde o fim do seu contrato. Recentemente, foi anunciada a volta de Oleg Ostapenko para comandar um projeto ambicioso a ser implantado no Paraná, estado que já abrigou a seleção permanente de ginástica (anexo I).

Diante desse panorama, é possível dizer que ainda estamos a caminho de uma autonomia técnica quando o assunto é ginástica artística. Com pouca bibliografia e oferta insuficiente de cursos de capacitação de técnicos e professores, continuamos muito presos ao que é produzido fora do país. É natural, portanto, que a terminologia da ginástica no Brasil sofra ainda influência significativa das línguas de países em que o esporte se desenvolveu primeiramente ou está mais avançado.

Tendo a ginástica artística brasileira sua origem ligada aos imigrantes alemães, e dado o papel que as sociedades ginásticas tiveram no desenvolvimento deste esporte, não seria surpresa se encontrássemos, no léxico brasileiro da GA, muitas expressões em alemão. Cabe lembrar, no entanto, que as Sociedades Ginásticas sofreram intervenção do Estado em 1938, através de um Decreto-Lei que obrigava sua nacionalização (PUBLIO, 2005), o que pode, de alguma maneira, ter reduzido a influência da língua alemã nos termos que compõem hoje a terminologia da ginástica brasileira.

Da mesma forma, o fato de o francês ser idioma oficial da FIG e do Comitê Olímpico Internacional (COI) possibilitaria uma influência da língua francesa no léxico da ginástica que conhecemos atualmente. E, por fim, muitos materiais e documentos internacionalmente difundidos são escritos também em inglês. Isso, somado à própria difusão da língua inglesa neste século e no século passado, poderia sugerir influência sobre o vocabulário em questão.

Quando os livros escritos em outras línguas é que fornecem o embasamento teórico para estudantes de uma área, é natural que se empreguem termos originais dessas línguas. Da mesma forma, quando os técnicos e árbitros brasileiros têm sua formação no exterior, a substituição dos termos estrangeiros encontra natural resistência na língua.

## RESUMO DO CAPÍTULO

Com o objetivo de apresentar uma breve sistematização da história da ginástica artística e sua influência na constituição do léxico deste domínio, neste capítulo, procurei mostrar como essa atividade física transformou-se em uma modalidade esportiva e como ocorreu a sua inserção no cenário brasileiro. Vimos que a ginástica artística teve origem na Alemanha, chegando ao Brasil no século XIX. Também vimos que houve um desenvolvimento considerável da modalidade no Brasil, nos últimos anos, mas que, segundo especialistas da área, ainda carecemos de material e de produção técnica locais. Tudo isso me leva a supor que uma grande quantidade de UTs desse léxico contenha ainda resquícios de sua filiação.

No próximo capítulo, apresento o referencial teórico adotado para a pesquisa, destacando a subárea dos Estudos do Léxico, na qual a pesquisa está assentada. Abordo a Terminologia, sua evolução e seu objeto e apresento a caracterização das UTs e suas diferentes facetas, de acordo com a literatura especializada.

## CAPÍTULO 2: TERMINOLOGIA E FORMAÇÃO DE TERMOS

Tendo apresentado no capítulo anterior um pouco da história da ginástica artística e sua influência mais imediata na constituição do léxico desse domínio, neste capítulo, exponho o referencial teórico adotado nesta pesquisa para a apresentação e a descrição do léxico em questão. Com esse objetivo em mente, na seção 2.1, mostro as propriedades que aproximam e que separam as unidades lexicais e as unidades terminológicas e comento as principais discussões acerca dos vieses teóricos que sustentam os estudos terminológicos, procurando contemplar desde o ponto de vista dos estudos clássicos até os chamados estudos de orientação linguístico-textual. Na seção 2.2, apresento os principais aspectos que devem ser levados em conta para a descrição da configuração morfológica e sintática de UTs.

### 2.1. TERMINOLOGIA: OBJETO, CONCEITOS, EVOLUÇÃO

#### 2.1.1. Unidade lexical x unidade terminológica

Na introdução deste trabalho, expliquei que ele se inscreve nos estudos linguísticos, na subárea Estudos do Léxico. Chama-se Lexicologia o ramo da linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais<sup>6</sup> (Polguère, 2003). O objeto da linguística, por sua vez, é a língua, a que Polguère atribui a seguinte definição (aproximada da definição saussureana, segundo ele): “ [...] Cada língua é um sistema de signos convencionais e de regras de combinação desses signos, que formam um todo complexo e estruturado<sup>7</sup>” (POLGUÈRE, 2003, p. 16).

Segundo o autor, a língua evolui no tempo, e pode ser estudada tanto diacronicamente, quando considerada sua evolução, quanto sincronicamente, quando observada sua utilização atual. É a segunda perspectiva, a sincrônica, que prioritariamente norteia esta investigação.

---

<sup>6</sup> *La lexicologie est une branche de la linguistique qui étudie les propriétés des unités lexicales de la langue, appelées lexies* (POLGUÈRE, 2003, p. 41). São minhas esta e as demais traduções de citações deste trabalho.

<sup>7</sup> [...] *Chaque langue est un système de signes conventionnels et de règles de combinaison de ces signes, qui forment un tout complexe et structuré.*

Ocorre que algumas unidades lexicais são empregadas em contextos particulares, ditos especializados. Ao conjunto de palavras ou expressões próprias de uma área, seja ela uma ciência, uma arte ou qualquer outro domínio do conhecimento, dá-se o nome de terminologia (com inicial minúscula). A terminologia é o que constitui uma linguagem de especialidade<sup>8</sup>.

Para Pavel (2002), a linguagem de especialidade (ou linguagem especializada) se diferencia da língua comum por empregar sua gramática e uma parte do seu léxico de forma singular, visando a uma comunicação o mais precisa possível num campo particular do conhecimento. A análise de textos de uma determinada linguagem especializada permite a identificação dos termos dessa área e, a partir daí, a compreensão dos conceitos a eles vinculados.

Termos, por sua vez, são unidades da língua comum – sujeitas, portanto, aos mesmos fenômenos linguísticos possíveis de afetar quaisquer palavras da língua – que adquirem valor especializado ao expressar conceitos próprios de uma área. Por exemplo, *saída*, na língua geral, designa *o ato ou efeito de sair*. Na ginástica artística, *saída* também se refere ao ato de sair, mas ganha sentido especializado ao expressar o ato de sair do aparelho, finalizando uma apresentação e executando movimentos pré-determinados.

A diferença entre os termos e as palavras da língua comum, para Cabré (1993), não reside na perspectiva formal ou semântica, e sim no caráter pragmático e comunicativo que adquirem em situações discursivas. Por designar conceitos próprios de atividades especializadas, os termos são conhecidos principalmente pelos profissionais de cada área e aparecem com alta frequência em textos especializados.

### **2.1.2. A construção de uma ciência**

Para dar conta do estudo dos termos, construiu-se uma disciplina científica chamada Terminologia (com inicial maiúscula), definida por SAGER (1990, p. 2) como “estudo e campo de atividade concernente a recolha, descrição, processamento e apresentação de termos, isto é, de itens lexicais pertencentes a áreas especializadas de uso de uma ou mais línguas”.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>Alguns terminólogos recomendam *linguagem de especialidade* em vez de *língua de especialidade*, visto se tratar não de um sistema diferente de comunicação, mas do uso da língua em situação diferenciada (BARROS, 2004).

<sup>9</sup>“*Terminology is the study of and the field of activity concerned with the collection, description, processing and presentation of terms, i.e. lexical items belonging to specialised areas of usage of one or more languages*”.

Até que a Terminologia se consolidasse como ciência, no século XX, houve um longo percurso. Antes foi preciso defender a cientificidade da terminologia como conjunto das unidades especializadas. Conforme explica Alan Rey (1979), *terminologia*, nos dicionários do século XIX, exceto nos dicionários especiais, era definida com certa depreciação. Em francês, por exemplo, o termo teria aparecido apenas em 1801, na obra *Neologie*, de Sébastien Mercier, para designar “abuso de termos incompreensíveis”. Nos dicionários da época, segundo Rey (1979, p.7, grifo do autor) “*terminologia* marca frequentemente a ideia de um conjunto de palavras difíceis, obscuras e inúteis”.<sup>10</sup> Só teria sido possível observar o reconhecimento do valor científico da terminologia pela definição que lhe deu William Whewell, em 1837, na Inglaterra: “sistema de termos empregados na descrição de objetos da história natural”. Em francês, apenas em 1978 o dicionário *Petit Robert*, organizado pelo próprio Alan Rey, teria registrado *terminologia* como “estudo sistemático dos termos [...] que servem para denominar classes de objetos e conceitos...; princípios gerais que presidem este estudo” (REY, 1979, p. 8)<sup>11</sup>.

Como disciplina, a Terminologia se assenta na segunda metade do século XX, o que ocorre devido à necessidade de compartilhar conhecimentos científicos internacionalmente. É essa necessidade que leva alguns estudiosos a se dedicar ao estudo dos termos (KRIGER; FINATTO, 2004).

Desde o século passado, são duas as principais linhas teóricas que orientam o fazer terminológico na sua concepção geral: a Teoria Geral da Terminologia (TGT) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), além da Socioterminologia, que será abordada na seção 2.1.4. Embora aproximadas pela história, visto que a TGT é considerada a pedra fundamental dos estudos de terminologia, o que diferencia a TGT da TCT é o enfoque que ambas adotam para o estudo do termo: enquanto a primeira assume uma perspectiva normativa, a segunda se volta à descrição, aos aspectos linguísticos das unidades terminológicas.

### **2.1.3. Teoria Geral da Terminologia e Teoria Comunicativa da Terminologia**

---

<sup>10</sup> “[...] terminologie marque souvent l’idée d’un ensemble de mots difficiles, obscurs et inutiles”.

<sup>11</sup> “Étude systématique de termes [...] servant à dénommer classes d’objets et concepts...; principes généraux qui président à cette étude.”



Nesta seção, tratarei das diferentes perspectivas teóricas que sobre o fazer Terminológico e apresentarei os argumentos que sustentam a perspectiva teórica adotada nesta dissertação.

Teoria *Geral da Terminologia* (TGT) é como se denomina a disciplina criada pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster, que, em sua tese de doutorado, nos anos 30, revelou a preocupação em estabelecer uma metodologia para o tratamento dos dados terminológicos. Barros (2004, p. 55) explica que, “para ele, essa disciplina tinha como objetivo dar as bases científicas para a eliminação da ambiguidade nos discursos técnicos e científicos”. Wüster fez parte da chamada Escola de Viena, que, juntamente com a Escola de Praga e a Escola Russa, compõe as chamadas Escolas Clássicas, para quem, segundo Krieger e Finatto (2004) a padronização dos termos técnicos garantiria a eficiência da comunicação profissional.

Reconhecendo a contribuição da TGT e de seu fundador para o desenvolvimento da ciência terminológica, Krieger e Finatto (2004) explicam que a deficiência dessa teoria está na ênfase prescritiva em detrimento da descrição ou da explicação dos fenômenos ligados às terminologias. As autoras entendem que a limitação da TGT advém da seguinte concepção:

Os termos são designações de conceitos científicos. Em consequência, os termos não são vistos como elementos naturais das línguas naturais, pois são compreendidos como unidades de conhecimento que comportam denominações. Nessa ótica, os conceitos científicos são identificados por meio de rótulos, etiquetas denominativas criadas com determinadas peculiaridades que permitem fugir das ambiguidades do léxico comum. Isso evidencia uma valorização da dimensão conceitual das terminologias em detrimento do ponto de vista que as considera como elementos naturais dos sistemas linguísticos com todas as implicações aí decorrentes (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 33).

O efeito prático dessa concepção seria, pois, o artificialismo da linguagem, isto é, a terminologia seria uma espécie de linguagem ideal, e não real. A variação (ver seção 2.1.4), por exemplo, é entendida por Wüster como uma “perturbação” (FAULTICH, 2006, p.27), uma vez que, para essa teoria, um termo deveria corresponder a apenas um conceito, e um conceito deveria ser denominado por um único termo (relação biunívoca).

Por entender que a TGT limitava o estudo dos termos a uma abordagem prescritiva (ou normativa), linguistas propuseram que se voltasse à descrição e ao estudo do funcionamento das UTs. Isso se acentuou a partir da década de 90, acompanhando um desenvolvimento natural da Linguística. A principal mudança em relação às teorias clássicas é que, com essa chamada face linguística da Terminologia, a condição de termo passa a ser assegurada apenas pelo uso ou pelo contexto. Em outras palavras, uma unidade do léxico comum assume o caráter de termo por portar um conceito de uma área especializada.

As reflexões que sugeriram um novo olhar para as UTs fundamentaram a *Teoria Comunicativa da Terminologia* (TCT), proposta pela espanhola Maria Teresa Cabré. É da própria Cabré (1993) o trecho a seguir, que explica como a TCT entende a relação do termo com os demais elementos da língua geral:

As relações que estabelecem os termos, tanto com o léxico em geral como com os demais componentes da gramática, não permitem observar nenhuma especificidade que as faça sistematicamente diferentes das relações que, por sua vez, mantêm as palavras com seu entorno gramatical. No entanto, deve-se salientar que, dentro do componente léxico de uma língua, os termos se relacionam muito mais estreitamente com os demais termos da mesma disciplina – com os quais constituem subsistemas específicos estruturados – do que com termos de áreas temáticas diferentes<sup>12</sup> (CABRE, 1993, p. 170).

Quando a autora se refere ao *entorno gramatical*, deixa claro que a TCT concebe as relações entre os termos na situação discursiva. Também destaca a necessidade de se olhar o termo em seus diferentes níveis, entre os quais o morfológico e o sintático.

#### 2.1.4 A variação nas terminologias

A condição de integrantes do léxico geral faz dos termos objetos também sujeitos a variação, ou seja, a formas distintas de remeter a um mesmo significado. Se, por muito tempo, a variação foi considerada um problema, a Socioterminologia, disciplina que tem em François Gaudin, nos anos 1990, um de seus maiores expoentes, a acolhe como fenômeno natural das linguagens de especialidade, e inúmeros trabalhos passam a descrever a variação em léxicos especializados.

Às unidades produto de variação dá-se o nome de variantes. A Socioterminologia estuda as diferentes formas de variação dos termos, a fim de oferecer suporte à produção de obras terminográficas, como dicionários e glossários especializados.

Uma pesquisadora que impulsionou os estudos socioterminológicos foi Fausltich, para quem “uma teoria socioterminológica tem como *modus operandi*, numa mesma área de conhecimento, os diferentes níveis de comunicação que dependem das circunstâncias de emissão, das características dos interlocutores, do suporte por meio do qual se dá a

---

<sup>12</sup> “Las relaciones que establecen los términos, tanto con el léxico en general como con los demás componentes de la gramática, no permiten observar ninguna especificidad que las haga sistemáticamente diferentes de las relaciones que, a su vez, mantienen las palabras con su entorno gramatical. Sin embargo, debe subrayarse que, dentro del componente léxico de una lengua, los términos se relacionan mucho más estrechamente con los demás términos de la misma disciplina – con los cuales constituye subsistemas específicos estructurados – que, con términos de áreas temáticas diferentes.

comunicação, entre outros” (FAULSTICH, 2006, p. 29). A pesquisadora apresentou, em 2001, seu Constructo Teórico da Variação em Terminologia, que propõe a organização das variantes em três categorias: concorrentes, coocorrentes e competitivas.

- a) Variantes concorrentes: abarcam variações linguísticas, motivadas por fenômenos próprios da língua, e variações de registro, motivadas pelo ambiente em que se realizam os usos dos termos. As linguísticas podem ser de ordem fonológica (*portfólio / porta-fólio*<sup>13</sup>); morfológica (*bactéria avirulenta / bactéria não virulenta*), gráfica (*cãibra / cãimbra*), lexical (*melhoramento genético de plantas / melhoramento de plantas*) e sintática (*vetor de clonagem gênica / vetor de clonagem de genes*). Já as variações de registro compreendem os domínios geográfico (*caxumba / papeira*); discursivo (*parotidite / caxumba*) ou temporal (*libra / arrátel*<sup>14</sup>).
- b) Variantes coocorrentes: compreendem os casos de sinonímia, em que nomes diferentes são atribuídos a um mesmo referente (*infeccionar / infectar*).
- c) Variantes competitivas: abarcam as situações em que empréstimos linguísticos competem com formas vernaculares. O item estrangeiro entra na língua (*franchising delivery*) e, por ser sentido como estranho, uma forma híbrida (*serviço de delivery*) ou vernacular (*serviço de entrega em domicílio*) é criada, estabelecendo-se a competição.

Essas três categorias de Faulstich (2001) nortearão a análise das variantes registradas nesta pesquisa. Dado o que foi exposto no primeiro capítulo a respeito da constituição do léxico da ginástica artística, podemos esperar um número significativo de variantes competitivas no *corpus* em estudo.

## 2.2 UNIDADES TERMINOLÓGICAS: CONFIGURAÇÕES MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS

<sup>13</sup>Também os exemplos são da autora.

<sup>14</sup> Termo que indica 500 gramas (exemplo de Mello, 2001, *apud* Faulstich, 2006)

Conforme exposto anteriormente, o que diferencia um termo de uma palavra<sup>15</sup> do léxico geral são aspectos pragmáticos e comunicativos, uma vez que critérios formais ou semânticos não permitem tal distinção. A terminologia “deve participar das mesmas regras de construção de frases e de constituição do discurso que as demais unidades léxicas da língua.” (CABRÉ, 1993, p. 170).<sup>16</sup> Esse mesmo ponto de vista é expresso por Krieger (2001):

Em verdade, os termos revelam sua naturalidade aos sistemas linguísticos de várias formas, sendo uma delas a consonância aos padrões morfossintáticos das línguas que os veiculam, independentemente de serem originais ou corresponderem a estruturas neológicas. Assim também, tal como as outras unidades lexicais dos sistemas linguísticos, sofrem processos de sinonímia e variação das mais diferentes naturezas (p. 71).

Dessa forma, os mesmos processos de formação de palavras da língua geral são observados na formação de termos. No entanto, Krieger e Finatto (2004) explicam que, apesar de termos e palavras apresentarem características estruturais muito semelhantes, podem ser destacados alguns traços particulares das terminologias, como predomínio de nomes, embora adjetivos e verbos também possam assumir a condição de termos; predomínio de unidades complexas; significativa ocorrência de afixos gregos e latinos; possibilidade de formação por siglas, acrônimos, abreviaturas e fórmulas. As autoras ressaltam, porém, que apenas características morfossintáticas não asseguram a condição de termo a uma unidade da língua. Essa condição deve ser confirmada, segundo elas, também por aspectos semânticos, textuais e pragmáticos.

Argumenta Basílio (2006) que a criação de novas palavras está associada à necessidade de nomear tudo o que de novo é descoberto ou construído pela humanidade. Essa constante renovação exige que o léxico seja um sistema dinâmico, passível de expansão, a qual, no entanto, não ocorre pelo mero acréscimo de novos nomes ao repertório já criado, pois isso implicaria sobrecarga de memória. São os processos de formação, “fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico”, que nos possibilitam “formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam mas que não conhecíamos anteriormente”. A autora atribui ao léxico a qualidade metafórica de “ecologicamente correto”, uma vez que os processos de formação de palavras representam “padrões de reciclagem de materiais para a produção de novas formas” (BASÍLIO, 2011, p.10).

---

<sup>15</sup> *Palavra* tem, neste texto, sentido correspondente a *unidade lexical*.

<sup>16</sup> “[...] *la terminología debe participar de las mismas reglas de construcción de frases y de constitución del discurso que las demás unidades léxicas de la lengua*”.

Da mesma maneira, Alves (2006) relaciona ao desenvolvimento das ciências e das técnicas a necessidade de criação de novos termos, os quais são empregados para nomear inventos e tecnologias novos. Ela confirma que, embora em algumas áreas de especialidade como medicina e química possam ser observados mecanismos específicos de formação de termos, a renovação lexical nos domínios especializados obedece aos mesmos padrões de formação de palavras do léxico não especializado.

Sendo assim, passo a tratar, primeiramente, dos processos de formação de palavras do português brasileiro para, em seção posterior, abordar especificamente a formação de termos. Em relação a processos morfológicos, algumas divergências podem ser encontradas entre autores de diferentes linhas teóricas, em particular no tocante à classificação de certos fenômenos como flexão ou derivação, como nos casos de expressão de grau, e derivação ou composição, nos casos de prefixos considerados autônomos. Neste trabalho, para organizar a apresentação dos processos de formação de palavras e de termos, seguirei os quadros estruturados por Abreu (2010a), na pesquisa *Processos de formação de termos: um breve exercício analítico*. Às definições da autora, acrescentarei explicações de Alves (2007), Basílio (2007; 2011) e Rocha<sup>17</sup> (2008).

### 2.2.1 Processos de formação de palavras

Explica Abreu (2010a) que, em relação à *estrutura morfológica*, as palavras podem ser primitivas, derivadas ou compostas. As primitivas não têm origem em outras formas e servem de base para a formação das palavras derivadas. Um exemplo de forma primitiva é *bola*<sup>18</sup>. Já as formas derivadas são criadas pela adjunção de um ou mais morfemas derivacionais à forma simples. É o que ocorre em *bolada*, produto da forma simples *bola* acrescida do sufixo *-ada*. As formas compostas, por sua vez, formam-se pela união de duas ou mais formas simples, como ocorre em *bola-de-neve*.

Quanto à formação de palavras, ela observa que a derivação e a composição são os processos mais frequentes. Vejamos cada um deles.

#### 1) Derivação

---

<sup>17</sup> Embora Basílio (2011) e Rocha (2008) descrevam os processos de formação de palavras respondendo às teses gerativistas, não há, neste trabalho, nenhum comprometimento com o gerativismo.

<sup>18</sup> Exemplo meu

Palavras derivadas resultam da adjunção de afixos a uma base<sup>19</sup>, definida por Rocha (2008, p. 98) como “a sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa”. A derivação pode ser: prefixal, sufixal, prefixo-sufixal, parassintética, regressiva, imprópria ou conversiva. Embora inclua, em seu trabalho, a derivação imprópria e a derivação regressiva entre os processos de derivação, Abreu (2010a) esclarece que há divergência entre os pesquisadores sobre o assunto, uma vez que não há, nesses dois casos, acréscimo de afixo a uma base.

#### a) *Derivação prefixal*

Na prefixação, ocorre o acréscimo de um afixo à esquerda da base. Alves (2007, p.15) considera prefixos as “partículas independentes ou não independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe a ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série”. Basílio (2011) explica que, apesar de o prefixo promover alteração semântica na palavra resultante, não ocorre alteração quanto à classe da base. A respeito disso, Alves (2007, p. 23) salienta que há exemplos em que “um prefixo, unido a uma base substantiva, pode atribuir-lhe função adjetiva ou mesmo adverbial”, citando o exemplo de “normas *antipoluição*”. Rocha (2008, p.155), informando adotar nomenclatura de Basílio, chama esse mecanismo de *adjetivação precária*. As palavras a seguir são exemplos de derivação prefixal. Nestes exemplos, como nos demais relativos à derivação, o elemento que originou a formação aparece à esquerda, e o resultado, à direita:

<i>des-</i>	<i>desordenar</i>
<i>in-</i>	<i>inconcluso</i>
<i>pré-</i>	<i>pré-olímpico</i>
<i>re-</i>	<i>reabrir</i>

#### b) *Derivação sufixal*

A sufixação supõe o acréscimo de um afixo à direita da base. Para Alves (2007, p. 29) o sufixo é “elemento de caráter não autônomo e recorrente” que “atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical”. Rocha (2008, p.

---

<sup>19</sup> Rocha (2008) alerta que há falsas bases, assim como falsos prefixos e sufixos, chamados, respectivamente, de basoides, prefixoides e sufixoides. Esses elementos não cumprem, segundo ele, a condição de recorrência, a qual caracteriza os elementos mórficos.

95) apresenta a derivação sufixal como “o processo de formação de palavras mais rico e diversificado da língua portuguesa, sendo, conseqüentemente, o mais acionado pelos falantes”.

Os seguintes exemplos representam casos de derivação sufixal no português:

<i>-eiro</i>	<i>goleiro</i>
<i>-izar</i>	<i>fiscalizar</i>
<i>-mento</i>	<i>investimento</i>
<i>-nte</i>	<i>aviltante</i>

*c) Derivação prefixo-sufixal*

Neste processo, são acrescentados afixos à direita e à esquerda da base, não de forma simultânea, isto é, ocorre primeiramente a prefixação e, à nova base, junta-se um sufixo; ou ocorre o inverso: forma-se uma palavra nova a partir da união de uma base a um sufixo e, posteriormente, num segundo processo, o prefixo se une ao elemento já formado. É o que ocorre, por exemplo, em:

<i>des-</i> (base) <i>-mento</i>	<i>desarmamento</i>
<i>in-</i> (base) <i>-mente</i>	<i>indecentemente</i>
<i>des-</i> (base) <i>-ção</i>	<i>desorientação</i>

*d) Derivação parassintética*

A parassíntese compreende o acréscimo de afixos simultaneamente à direita e à esquerda da base. Alves (2007) observa que este processo não é muito produtivo no português contemporâneo. Basílio (2011) acrescenta que na derivação parassintética o prefixo promove uma alteração semântica na palavra formada, enquanto o sufixo define sua categoria lexical. Para Rocha (2008), os processos de parassíntese incidem sempre sobre bases nominais (substantivos ou adjetivos), e as palavras resultantes são sempre verbos ou adjetivos. São exemplos de derivação parassintética no português:

<i>a-</i> (base) <i>-ar</i>	<i>amaldiçoar</i>
<i>en-</i> (base) <i>-ecer</i>	<i>enlouquecer</i>
<i>des-</i> (base) <i>-ar</i>	<i>desossar</i>

e) *Derivação imprópria ou conversão*

Ocorre, nesse processo, a alteração da classe original da palavra sem que se observe, nela, qualquer alteração morfológica. Alves (2007) afirma que os casos mais frequentes desse mecanismo são os de emprego de adjetivos e verbos como substantivos, ressaltando que a ocorrência da conversão só é observada no contexto em que a unidade aparece. São exemplos de derivação imprópria ou conversiva:

*brincar*            “a importância do *brincar*”  
*rufar*                “o *rufar* dos tambores”;  
*endividado*        “solução para os *endividados*”.

f) *Derivação regressiva*

A derivação regressiva consiste na supressão de elementos da palavra original, resultando em outra palavra. Alves (2007) explica que o elemento suprimido tem caráter sufixal, acrescentando que os substantivos deverbais são exemplos frequentes de derivação regressiva no português. Nesses casos, ocorre a substantivação das formas verbais através do acréscimo das vogais *a*, *e* e *o* ao radical do verbo. Basílio (2007) comenta que, em certos casos, é difícil identificar se é o verbo que dá origem ao substantivo, o que configuraria a derivação regressiva, ou o inverso: um verbo seria formado a partir de um substantivo pelo processo de sufixação. Ela sugere que, para indicar o elemento primitivo e o derivado nesse processo, seja considerada a relação sintático-semântica que o substantivo estabelece com o verbo. Para elucidar a questão, ela cita dois exemplos:

[...] como *A demora de Maria está aborrecendo Pedro* pode ser interpretada como *Pedro está ficando aborrecido porque Maria está demorando*, *demora* deve ser considerada como uma formação deverbal. Já em *O enfeite de Maria não durou muito* não podemos ter a interpretação *Maria não demorou muito se enfeitando* ou *Maria não demorou muito sendo enfeitada*; conseqüentemente, *enfeite* deve ser considerado como um substantivo básico (Basílio, 1987, p. 42).

No primeiro exemplo da autora, *demora* é o substantivo criado para expressar, de forma nominal, ação de *demorar*. A nominalização tem, assim, também uma motivação sintática. Já *enfeite* não tem a função de nominalizar ação de *enfeitar*, o que parece é justamente o contrário, e por isso ele é considerado o elemento de origem. Portanto, se casos não claros quanto ao mecanismo de derivação, se regressiva ou sufixal, forem constatados no *corpus*, adotarei os critérios de Basílio (2007).



É importante ainda mencionar que, para Rocha (2008, p. 183), a derivação regressiva seria um tipo de derivação sufixal, porque a nominalização a partir de um verbo poderia ocorrer com “sufixo implícito *zero*”. Neste trabalho, entretanto, não acatarei a posição deste autor em relação à derivação regressiva.

Os seguintes exemplos ilustram a derivação regressiva no português:

<i>lutar</i>	<i>luta</i>
<i>escolher</i>	<i>escolha</i>
<i>castigar</i>	<i>castigo</i>

## 2) Composição

A composição é o processo em que ocorre a união de duas bases, formando um único elemento. Esse mecanismo pode se concretizar de duas maneiras: por justaposição ou por aglutinação.

### a) *Justaposição*

Neste tipo de formação, há preservação da autonomia morfológica das palavras unidas, isto é, duas bases se unem, resultando num elemento de sentido único, mas morfológicamente ainda se reconhecem as duas bases, que mantêm cada qual seu acento tônico. Alves (2007) não usa a mesma nomenclatura, referindo-se a composição subordinativa, em que um dos elementos do composto determina o outro, e composição coordenativa, em que dois elementos da mesma classe se justapõem. No português, alguns exemplos de justaposição são:

*saca-rolhas*  
*meio-dia*  
*girassol*

### b) *Aglutinação*

Na aglutinação, ocorre a fusão fonética das palavras unidas, isto é, passa a haver apenas um acento tônico no todo formado. Além do critério de ordem fonética, costuma-se afirmar que, morfológicamente, uma das unidades que formam o composto perde algum elemento. São comumente citados como exemplos de aglutinação na língua portuguesa:

*aguardente*

*embora*

*planalto*

Para a formação de novas palavras, além da derivação e da composição, os processos mais produtivos na língua, há o que Abreu (2010a) lista como “outros processos”. Vejamos esses casos, então.

### 3) Outros processos

Esta categoria, na organização de Abreu (2010a), engloba a abreviação, a siglação, a acrossemia e o hibridismo. Os três primeiros representam casos de redução. O último envolve unidades lexicais não originárias do português.

#### a) Abreviação

É um processo que consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. Alves chama o mecanismo de *truncação*, explicando que ele acontece quando uma parte da palavra, geralmente a parte final, é eliminada. Rocha (2008) denomina *derivação truncada* e explica que ela pode ser de dois tipos: estrutural, quando o elemento cortado é ou o sufixo (*cesariana: cesária*), ou uma das bases (*zoológico: zoo*), e não estrutural, quando o corte é aleatório (*Maracanã: Maraca*). Ele ressalta que, tal como a siglação (próximo item), a derivação truncada é um mecanismo de economia de linguagem. Além dos exemplos já citados, temos:

*fotografia*                      *foto*

*televisão*                        *tevé*

*lipoaspiração*                *lipo*

#### b) Siglação

Uma sigla é formada pela redução de uma unidade complexa às suas letras iniciais. Alves (2007) não diferencia *sigla* de *acrônimo* (próximo item). Para ela, trata-se de um tipo especial de formação sintagmática em que ocorre redução do sintagma às iniciais das palavras que o formam, ou, ainda, união de algumas sílabas dessas palavras, como em *Associação*

*Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)*. Rocha (2008, p. 172) explica que “as derivações sigladas [...] funcionam como palavras normais da língua. Na escrita, podem aparecer grafadas inteiramente com maiúsculas, o que lhes dá a aparência de elementos especiais da língua, quando, na verdade, elas se comportam como palavras normais”. O caráter de “normalidade” atribuído às siglas se deve, segundo ele, às seguintes condições: i) novas palavras podem ser formadas a partir das siglas, como em *celetista*, de CLT; ii) as siglas podem adquirir caráter de entidades autônomas na língua, visto que os falantes desconhecem o que ele chama de “decomposição” dessas siglas, como ocorre em CEP; iii) algumas siglas se tornam polissêmicas, como *ibope*, em que *dar ibope* significa render boa audiência ou conquistar bom público; iv) algumas siglas mantêm a forma com que foram geradas, mesmo que a base seja modificada, como em MEC, que hoje corresponde a Ministério da Educação, mas, à época em que a sigla foi gerada, era Ministério da Educação e Cultura; v) a sigla pode exercer a mesma função sintática que um substantivo, como neste exemplo fornecido pelo autor, em que a função exercida é a de sujeito: *O PT fará um congresso em Ubá* e *O Partido dos Trabalhadores fará um congresso em Ubá*. São também exemplos de siglação:

*CTI*

*COB*

*ONG*

c) *Acrossemia*

Este tipo de formação se dá pela redução das várias palavras que compõem uma expressão às suas partes iniciais. É o que ocorre, por exemplo, em:

*EMBRATUR*

*InCor*

*URCAMP*

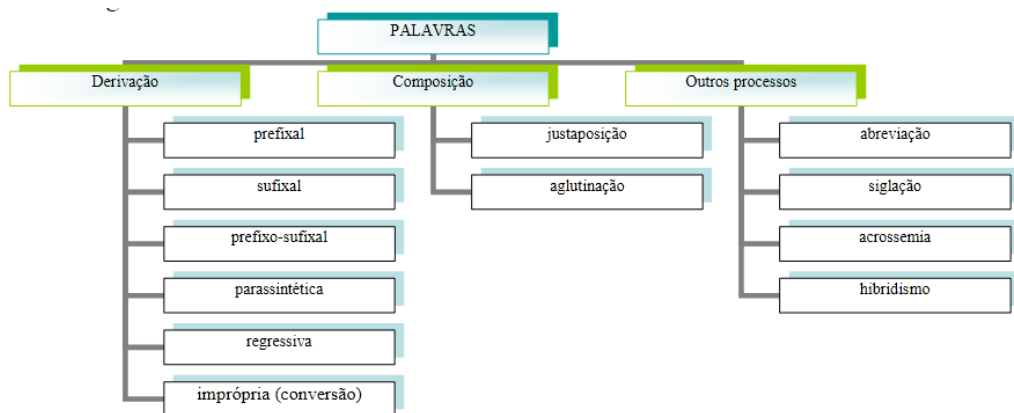
d) *Hibridismo*

As formações híbridas acontecem quando se juntam elementos de línguas diferentes. Rocha (2008) adverte que, embora formas como *bicicleta* e *centímetro* sejam consideradas, pela gramática diacrônica, como híbridas, por se formarem pela junção de elementos latinos e gregos, não podem ser exemplos de hibridismo pela gramática sincrônica, uma vez que a

competência lexical do falante já considera esses elementos pertencentes à língua portuguesa. São exemplos de hibridismo:

*fashion* (inglês) + *-ista* (português)      *fashionista*  
*marketing* (inglês) + *-eiro* (português)      *marketeiro*

Todos os processos de formação de palavras descritos nessa última seção foram resumidos por Abreu (2010a) no quadro-síntese reproduzido a seguir.



**Figura 1 – Quadro-síntese dos processos de formação de palavras da língua portuguesa (ABREU, 2010a)**

Quanto ao empréstimo, a autora afirma que tal processo “não diz respeito aos mecanismos linguísticos de formação propriamente ditos” (ABREU, 2010a, p. 607) e que, por isso, não o inclui entre os mecanismos possíveis de formação de palavras do português. O empréstimo, portanto, é considerado forma não vernacular. A próxima seção aborda esse processo.

### 2.2.2 O caso dos empréstimos linguísticos

Segundo Alves (2007), a neologia por empréstimo pode ocorrer sob várias formas: a primeira delas é a de estrangeirismo propriamente dito, quando o elemento é sentido como estrangeiro ao vernáculo da língua local. Ela ressalta a frequente ocorrência desse tipo de empréstimo em vocabulários técnicos como o do esporte, que fornece termos como *pole-position*, e o da economia, com *leasing* e *marketing*. Explica ainda a autora que, por consciência de que o leitor poderá não interpretar o estrangeirismo, também é comum que o

emissor do texto aponte a tradução da palavra estrangeira, com num exemplo reproduzido de um jornal, em que *intifada* aparece entre parênteses, sucedendo à forma *rebelião palestina*.

A integração do estrangeirismo à língua de chegada pode, segundo Alves (2007), implicar alterações gráficas, morfológicas ou semânticas. Palavras como *abajur* e *xampu* sofreram adaptação ortográfica, já *turnê* aparece também concorrendo com o correspondente estrangeiro *tournée*. Da mesma forma, ela observou o processo de composição a partir da forma inglesa *new*: *new-jecas* e *niu-jeca*. Como exemplo de adaptação semântica, ela cita, entre outros, *ranking*, cujo sentido teria se especializado para “posição nos negócios”.

Afirma ainda a autora que alguns estrangeirismos, pela alta frequência na língua, passam a empréstimos, como ocorreu com *jeans* e *lingerie*. Quando uma forma estrangeira é sentida como adaptada ao léxico, passa a constar do acervo da língua como empréstimo. Para Rocha (2008, p.71), “considera-se uma forma linguística como um empréstimo sincrônico, ou simplesmente empréstimo, se essa forma apresentar um fonema ou uma sequência de fonemas estranhos ao sistema fonológico do português”.

Outra forma de integração da unidade estrangeira ao léxico citada por Alves (2007) é o decalque, “de difícil reconhecimento, pois consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora” (ALVES, 2007, p. 79). A forma *alta tecnologia* foi, segundo ela, decalcada do inglês *high technology*. Ambas as formas, como é comum nos casos de decalque, costumam rivalizar, acrescenta.

Na sua dissertação de mestrado, Bastarrica (2010) analisou os empréstimos linguísticos do inglês no léxico do comércio exterior. Para isso, valeu-se, inicialmente, de seis categorias descritivas propostas por Lamberti (1999). Tais categorias descrevem possíveis comportamentos de unidades lexicais estrangeiras quando em contato com o português:

- i. mantém a forma tal qual no inglês e gera a tradução de uma forma linguística. Exemplo: *e-mail/correio eletrônico, hot-dog/cachorro-quente*;
- ii. mantém a forma tal qual no inglês, mesmo que exista um equivalente no PB<sup>20</sup>. Exemplos: *black music/música negra, designer/estilista*;
- iii. mantém a forma tal qual no inglês, mas provoca o surgimento de um novo significado para um termo já existente na língua. Exemplos: *franchising/franquia, homepage/página*;
- iv. gera palavra derivadas ou compostas híbridas e motiva o surgimento de um novo significado para uma palavra já existente no PB. Exemplos: *motoboy/motoqueiro*;
- v. gera unidades terminológicas complexas (UTCs) híbridas e UTCs vernaculares. Exemplos: *serviço de delivery, serviço de entrega*;
- vi. abandona a forma de origem em favor de um decalque no PB. Exemplos: *loja de conveniência*, com base no modelo em inglês, *convenience store* (LAMBERTI, 1999 *apud* BASTARRICA, 2010, p. 35-36).

---

<sup>20</sup> Português brasileiro

Às categorias de Lamberti (1999), Bastarrica (2010) acrescentou mais cinco, de maneira a contemplar todas as unidades identificadas no seu *corpus*. São elas:

1. O empréstimo mantém a forma do inglês sem gerar nenhum decalque, nenhuma forma vernacular equivalente. Exemplos: **swap, dumping, drawback**.
2. O empréstimo mantém a forma do inglês e gera uma forma adaptada; logo em seguida, recompõe-se e gera uma unidade terminológica complexa (UTC) híbrida ou vernacular. Exemplos: **Declaração de Trânsito de Contêiner (DTC), informação de contêineres Ship's convenience**.
3. O empréstimo mantém a forma do inglês e, a partir dessa forma, gera uma forma adaptada às convenções ortográficas do PB. Exemplos: “**ferry-boats**”, **packing-list, pré-stacking**.
4. O empréstimo mantém a forma de origem, isto é, a forma do inglês, mas apresenta evidências de registro (aspas ou itálico) de que o falante ainda considera o termo como sendo estrangeiro. Exemplos: “**drawback**”, “**warrants**”, *swap*.
5. O empréstimo gera uma tradução, um decalque no PB e, a título de reforço, mantém o termo em inglês, como uma explicação. Exemplos: **empresa de fomento comercial ou factoring, mensageiro internacional (on board courier)** (BASTARRICA, 2009, p. 75).

Para a análise que apresentarei no capítulo 4, buscarei relacionar cada eventual empréstimo a uma das onze situações descritas por Lamberti (1999) e Bastarrica (2010). Embora elas tenham estudado os empréstimos do inglês, a gama de possibilidades parece suficiente para dar conta de todas as situações relativas a esse fenômeno da língua.

### 2.2.3 Formação por eponímia

Um processo que não se refere a formação morfológica, mas que deve ser observado no *corpus* deste trabalho é a eponímia, visto que, como referido no capítulo 1, um elemento considerado inédito passa a ser referido no Código de Pontuação da GA pelo nome do primeiro ginasta a executá-lo. Henriques (2004) define assim esse tipo de formação:

Na terminologia linguística, o epônimo costuma ser apresentado como resultado de um processo metonímico que se baseia numa relação de contiguidade entre nomes de pessoas e significações que não têm uma palavra própria para exprimi-la ou para as quais se propõe uma nova denominação (p. 43).

Exemplos da língua comum apresentados pelo autor para ilustrar esse fenômeno são *gari*, inspirado em Aleixo Gary, funcionário da empresa responsável pela limpeza das ruas no Rio de Janeiro, no início do século passado, e *gandula*, cuja origem remete ao jogador argentino de futebol Bernardo Gandulla, que costumava buscar as bolas que saíam do campo.

No caso da GA, a proposição de uma nova denominação é uma forma de homenagem ao atleta. O epônimo, nesse caso, pode ser uma variante do nome que expressa a descrição do próprio elemento: *duplo twist carpado* ou *dos santos*.

#### 2.2.4 Formação de termos: os trabalhos de Abreu (2010a; 2010b)

Buscando investigar se haveria recorrência de determinados processos na formação de termos, Abreu (2010a) reuniu os resultados expressos em dez trabalhos acadêmicos sobre léxico especializado e, a partir deles, propôs um esquema geral dos processos de formação de termos.

O *corpus* foi composto de oito capítulos de livros, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado que tiveram como objetos as terminologias dos seguintes domínios do conhecimento: enologia, microeconomia, biotecnologia, ciências físicas, biológicas e afins, indústria moveleira, microcomputação e caju. O objetivo do trabalho foi verificar a possibilidade de sistematizar os processos de formação de termos tal como se pode fazer com os processos de formação de palavras.

A pesquisadora dividiu os processos de formação de termos em dois tipos: 1) gerais (derivação e composição) e 2) decorrentes de variação terminológica (redução). Constatou ela que, nos trabalhos analisados, a sufixação e a prefixação foram, nesta ordem, os processos derivacionais mais frequentes; já a composição sintagmática se sobressaiu entre os processos composicionais. Entre os motivados pela variação, destacou-se a elipse.

O quadro representativo dos processos de formação de termos, o qual, conforme observado anteriormente, foi descrito como preliminar por Abreu (2010a), está reproduzido a seguir.

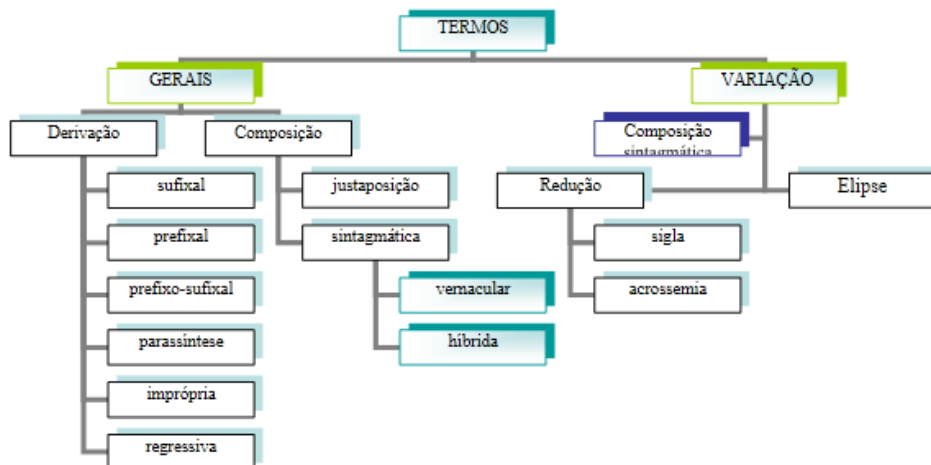


Figura 2 – Quadro-síntese dos processos de formação de termos na língua portuguesa (ABREU, 2010a)

Podemos observar que este quadro tem um desenho um tanto distinto do quadro que representa os processos de formação de palavras. Entre os processos de formação de termos, temos agora, como um tipo de composição, a chamada composição sintagmática, que aparece subdividida em dois tipos: vernacular e híbrida. À primeira, pertencem “termos formados por bases portuguesas” e, à segunda, “termos formados por base portuguesa e por base estrangeira acrescida de palavra portuguesa” (ABREU, 2010a, p. 619).

Tratando do texto especializado, L’Homme (2004, p. 59) define como termos simples “as unidades léxicas compostas de uma única entidade gráfica”<sup>21</sup>, o que inclui tanto os termos formados por uma única base quanto os derivados, formados por uma base e um ou mais morfemas derivacionais. Já os termos complexos, segundo ela, são os “constituídos de várias entidades gráficas separadas por espaço ou por diacríticos como hífen ou apóstrofo”<sup>22 23</sup>. Outra característica dos termos complexos é que, muito comumente, percebe-se o sentido composicional, depreendido do sentido das unidades simples que o formam.

Mas a definição de L’Homme não deixa claro em que grupo estariam os compostos formados por aglutinação e aqueles formados por justaposição e cujas bases não se separam por hífen. Já Alves (2007), quando se refere ainda à língua geral, apresenta uma distinção entre o que chama de unidades sintagmáticas e unidades compostas. Ela denomina composição sintagmática o arranjo sintático entre os membros que integram um segmento frasal, constituindo-se numa única unidade léxica. Destaca a alta frequência desse tipo de construção em textos técnicos (tal como observou em relação aos empréstimos) e explica as diferenças entre unidade sintagmática e unidade composta, conforme resumi neste quadro, acrescentando exemplos meus:

<b>unidade sintagmática</b>	<b>unidade composta</b>
O elemento determinante sempre vem depois do determinado. Exemplo: <i>vinho tinto</i>	Admite o elemento determinante antes do determinado. Exemplo: <i>belas-artes</i>
Seus elementos são flexionados de acordo com as categorias de origem. Exemplo: <i>vinhos tintos</i>	Pode obedecer a regras próprias de flexão de gênero e número. Exemplo: <i>homens-rã</i>

<sup>21</sup> [...] terme simple servira à designer les unités lexicales composées d’une seule entité graphique.

<sup>22</sup> Terme complexe sera utilisé pour désigner les termes constitués de plusieurs entités graphiques séparées par des blancs ou par des diacritiques comme le trait d’union ou l’apostrophe [...].

<sup>23</sup> As construções com apóstrofo não são tão comuns em português como o são em francês.



Encontra-se em vias de lexicalização.	Está lexicalizado e, por isso, é geralmente grafado com hífen.
---------------------------------------	--

**Quadro 1 - Diferenças entre unidade sintagmática e unidade composta, segundo Alves (2007)**

Quanto ao último item de distinção, sabe-se que certas unidades classificadas como compostas podem não ser grafadas com hífen, como *fim de semana*<sup>24</sup>, o que dificulta sua classificação. Conforme Alves (2007, p. 51), “a tradição gramatical considera composta a unidade léxica cuja lexicalização não mais é posta em dúvida pelos falantes”. No entanto, o que se percebe é que se trata de uma distinção ainda não satisfatoriamente estabelecida.

Alves (2007) ainda acrescenta que podem decorrer duas situações a partir da identificação de um sintagma terminológico: ou ele é substituído por uma única base, ou cristaliza-se e insere-se no léxico da língua. São exemplos de sintagmas terminológicas do domínio da informática citados por ela: *agenda eletrônica*, *processador de texto* e *inteligência artificial*.

Para Barros (2004), um processo muito recorrente na formação de termos sintagmáticos do português é aquele que tem como lexema-base um hiperônimo, a saber, um termo mais genérico, ao qual se agregam outros lexemas. Um exemplo dado pela autora é *raio*, que pode gerar *raio laser*, *raio ultravioleta*, *raio infravermelho* etc. Ela também explica que os termos complexos podem compor-se de várias unidades, havendo algumas com grande extensão, como *amiloiose cutânea genuína localizada maculopapulosa*. O que diferencia um sintagma terminológico ou lexical de um sintagma livre é, segundo ela, o grau de lexicalização, entendido como o processo que transforma uma sequência de unidades numa só unidade léxico-semântica.

A composição sintagmática pode aparecer na forma reduzida, o que, segundo Abreu (2010a), é motivado por variação. A variação, por sua vez, pode ocorrer por elipse ou por redução. A elipse representa “o apagamento de um dos elementos da estrutura sintática do composto sintagmático”, enquanto a redução ocorre “quando os elementos são reduzidos às letras iniciais ou se manifestam de forma acrossêmica” (p. 620).

Em trabalho posterior, Abreu (2010b) analisou os aspectos gramaticais envolvidos na formação de termos reduzidos. Para tanto, reuniu um *corpus* com UTs complexas das áreas da Hemodinâmica e do Comércio Exterior. As unidades do léxico da Hemodinâmica às quais

<sup>24</sup> Exemplo de CUNHA, C; CINTRA, L. Nova Gramática do Português. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

corresponderam variantes reduzidas, quando na forma expandida, apresentaram os seguintes padrões estruturais (adaptado de ABREU, 2010b, p.391):

1. substantivo + adjetivo: *decúbito dorsal*
2. substantivo + adjetivo + adjetivo: *resistência vascular sistêmica*
3. substantivo + preposição + substantivo: *fração de ejeção*
4. substantivo + preposição + artigo + substantivo + adjetivo: *persistência do canal arterial*
5. substantivo + preposição + adjetivo + substantivo: *transposição de grandes artérias*

Pelos exemplos reproduzidos acima, podemos observar que as unidades resultantes da composição sintagmática apresentaram núcleo nominal. Esse núcleo foi modificado ou por um ou mais adjetivos (exemplos 1 e 2), ou por um sintagma preposicional (exemplos 3, 4 e 5). Embora os exemplos representem apenas uma pequena amostra dos padrões possíveis para formação de unidades complexas, as configurações sintáticas mais frequentes desse tipo de unidade parecem realmente ser essas. É o que confirma Dal Corno (2006), corroborando as afirmações de outros linguistas:

Dito de outra forma, as estruturas mais frequentes que as UTs poliléxicas podem assumir nas línguas românicas são o sintagma nominal formado por nome + adjetivo [...] e o sintagma nominal formado por nome + sintagma preposicionado [...]. Nessa estrutura, o nome sempre será o núcleo determinado, e o adjetivo, seja ele simples ou perifrástico – isto é, sob a forma de uma locução adjetiva ou sintagma nominal preposicionado –, desempenhará a função de determinante (DAL CORNO, 2006, p. 137).

Portanto, no capítulo 4, confirmaremos se essas estruturas prevalecem também no léxico da GA. Conforme anunciado na Introdução, existe a expectativa de que os núcleos nominais que formam as UTs complexas sejam derivados de verbos, uma vez que grande quantidade dos termos dessa área designa movimentos.

## RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, discorri acerca da revisão da literatura sobre o assunto tratado nesta dissertação: a configuração morfológica e sintática das UTs. Vimos que um termo, segundo a TCT, é uma unidade simples ou complexa que veicula conceito especializado, e que os

mesmos processos de formação de palavras se aplicam à formação de termos. Também vimos que os termos, por comporem textos reais especializados, são sujeitos a variação, e que essa variação pode ser de diferentes tipos. No próximo capítulo, apresentarei os procedimentos metodológicos que possibilitaram o estudo dos processos envolvidos na formação dos termos simples e complexos da GA.

## CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na seção 3.1, descrevo os critérios que nortearam a formação do *corpus*, desde a seleção das fontes que forneceram os candidatos a UTs até a recolha dos textos em que foram pesquisados seus contextos de ocorrência. Na seção 3.2, descrevo os itens que compuseram a ficha terminológica de cada unidade. Por fim, na seção 3.3, explico os procedimentos atinentes à análise dos dados.

### 3.1. CONTITUIÇÃO DO *CORPUS*

#### 3.1.1 Recolha dos possíveis termos

Inicialmente, procurei glossários e dicionários de ginástica artística em livros técnicos e em *sites* oficiais. Para que as possíveis UTs representassem a terminologia brasileira – atualizada – da ginástica, entendi como fundamental que, em primeiro lugar, a obra fosse originalmente escrita em português brasileiro e, como segundo critério, que fosse atual (editada no máximo há duas décadas). O único material que encontrei com essas características não era um glossário, mas a seção de um capítulo do livro *Fundamentos da Ginástica Artística e de Trampolins*, de Fernando Brochado e Monica Brochado, publicado em 2005. Na seção *A terminologia*, os autores destacam a importância do ensino da terminologia adequada da GA aos novos aprendizes e listam nomes de posições e movimentos característicos da modalidade, associando-lhes conceitos ou descrições técnicas.

Reservando temporariamente o livro, passei a buscar glossários e dicionários de ginástica na internet. Minha busca identificou, em princípio, três glossários: o primeiro, reproduzido na página seguinte, estava publicado num portal chamado Birafitness<sup>25</sup>, que anunciava ser “O Portal da Educação Física”:

---

<sup>25</sup> [http://www.birafitness.com/ginastica\\_olimpica/glossario.htm](http://www.birafitness.com/ginastica_olimpica/glossario.htm)

## GLOSSÁRIO

### TERMOS TÉCNICOS E EXPRESSÕES UTILIZADAS NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

[A](#) [B](#) [C](#) [D](#) [E](#) [F](#) [G](#) [H](#) [I](#) [J](#) [K](#) [L](#) [M](#) [N](#) [O](#) [P](#) [Q](#) [R](#) [S](#) [T](#) [U](#) [V](#) [W](#) [X](#) [Y](#) [Z](#)

**Abertura:** Ação muscular de extensão da articulação dos quadris.

**Ajuda:** É quando um auxiliar participa diretamente, segurando o executante para que este consiga realizar o exercício proposto. Há, portanto, contato físico entre o ajudante e o executante.

**Alongamento:** Alongamento envolve movimentos forçando o aumento da amplitude de movimento das articulações. Servem também nos treinos de Ginástica Artística para ganho de flexibilidade. Não é bom iniciar exercícios de alongamento sem aquecimento prévio.

**Antepulsão:** ação de flexão dos ombros em torno de um eixo transversal sobre o plano sagital.

**Apoio:** É a posição tomada pelo executante, quando a maior parte do peso do corpo estiver acima do ponto de sustentação, estando o cotovelo e tronco acima deste. Ex.: Apoio

**Figura 3 - Glossário Birafitness**

O segundo glossário aparecia na página dos Jogos Olímpicos de 2008 do portal UOL<sup>26</sup>:

### Entenda a Ginástica artística

[História](#)
[Regras](#)
[Glossário](#)
[Infográfico](#)
[No Brasil](#)
[Histórico de Medalhas](#)
[Curiosidades](#)

**A**

**ABERTURA:**

Ação muscular de extensão da articulação dos quadris

SAIBA MAIS

- ▶ História no Brasil
- ▶ Conheça as regras

**AVIÃO:**

Posição de equilíbrio em que o ginasta mantém uma perna no chão e eleva a outra para trás. Exige força, flexibilidade e equilíbrio

**C**

**CARPADA:**

As pernas estendidas formam um ângulo com o tronco. É possível ter também uma posição carpada de pernas afastadas

**D**

**DOS SANTOS:**

Acrobacia criada por Daiane dos Santos dá dois giros em torno do corpo, seguido de dois mortais no ar com uma flexão no quadril, levando as mãos à altura do joelho

**Figura 4 - Glossário UOL – Olimpíadas 2008**

<sup>26</sup> <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/modalidades-olimpicas/ginastica-artistica/>

A primeira busca indicou ainda um terceiro glossário, na página dos Jogos Pan-Americanos de 2007 do portal Yahoo. Este último, no entanto, em pouco tempo não mais aparecia na página, o que me levou a descartá-lo.

Os glossários dos portais UOL e Birafitness não eram apresentados como oficiais, isto é, vinculados a algum órgão de regulamentação do esporte. O objetivo desses materiais, ao que se percebia, era divulgar, a internautas leigos, alguns conceitos associados a termos mais correntes da ginástica artística. Não encontrei explicações sobre a metodologia de seleção e organização dos termos, nem sobre os critérios que os faziam constar de tais glossários. O primeiro indicava, em algumas das definições, referências bibliográficas.

Por se tratar de glossários não oficiais, pensei em não usá-los para a minha pesquisa. Entretanto, o fato de não encontrar outros materiais dessa natureza me levou à decisão de partir deles, buscando, à medida do possível, indicar possíveis imprecisões que apresentassem.

Assim, elaborei uma lista com todos os termos, descartando aqueles que se repetiam. Julguei coerente, também, acrescentar a essa lista os termos citados no livro de Fernando e Monica Brochado, mesmo que aparecessem na forma de enumeração e não na de glossário.

Em seguida, formei um *corpus* para verificação do contexto de ocorrência dos termos, que será descrito na página seguinte. Durante a etapa de checagem dos termos e de conferência de informações, acessei inúmeras páginas virtuais que veiculavam conteúdo sobre GA. Através desses acessos, tomei conhecimento de outros três glossários: o primeiro deles, composto de 16 termos, era parte do livro *O que é ginástica artística*, de Sílvia Vieira e Armando Freitas (2007), editado em parceria entre a editora Casa da Palavra e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB). O glossário compreendia 16 termos, que nomeavam, sobretudo, elementos executados no solo, segundo informação dos próprios autores. Os outros dois eram glossários do portal UOL, estando um na página das Olimpíadas 2004<sup>27</sup> e o outro na página dos Jogos Pan-Americanos de 2007<sup>28</sup>, conforme se pode ver nas reproduções a seguir.

---

<sup>27</sup> <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/modalidades/ginasticaartistica/glossario.jhtm>

<sup>28</sup> <http://pan.uol.com.br/pan/2007/modalidades/ginasticaartistica/glossario.jhtm>

UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Estilo Shopping

UOL Olimpíadas 2004 BUSCA [ ] Esporte [v] OK

**Arquivo**  
**Atenas**  
**Bate-papo**  
**Blogs Olímpicos**  
**Brasileiros**  
**Colunistas**  
**Fotos**  
**História**  
**Humor**  
**Medalhas**  
**Paraolimpíadas**  
**Resultados**  
**Sedes**  
**Todas as Olimpíadas**  
**TV UOL Olimpíadas**  
**Últimas notícias**  
**UOL Esporte**  
**Modalidades**

## Glossário

### Ginástica artística

**Avião** - posição de equilíbrio em que o ginasta mantém uma perna no chão e eleva a outra para trás. Exige força, flexibilidade e equilíbrio

**Carpada** - as pernas estendidas formam um ângulo com o tronco. É possível ter também uma posição carpada de pernas afastadas

**Estendida** - o corpo deve estar em linha reta, sem nenhum ângulo

**Flairs** - movimento específico do cavalo com alças. O ginasta alterna o apoio das mãos, enquanto as pernas ficam separadas e estendidas e circulam o corpo

**Flic-flac** - movimento preapatória para acrobacias. O ginasta leva os braços ao solo ao mesmo tempo em que seus pés deixam o solo, usando um grande impulso dos ombros. Pode ser executado para a frente ou para trás

**Flic-flac de pernas separadas** - a ginasta executa um flic-flac sobre a trave com as pernas separadas, de modo que uma perna chegue à trave antes da outra. Requer equilíbrio, alinhamento e precisão

**Quadro da modalidade**

País				Total
1º ROM	4	3	3	10
2º EUA	2	6	1	9
3º JAP	1	1	2	4
15º BRA	0	0	0	0

▶ Resultados

Figura 5 – Glossário UOL – Olimpíadas 2004

UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Estilo Shopping

UOL Pan 2007 @ UOL BUSCA Web Notícias Imagens Vídeo Shopping

**Atletas Brasileiros**  
**Bate-papo**  
**Calendário**  
**Fotos**  
**Guia do Rio de Janeiro**  
**Grupos de Discussão**  
**História**  
**Infográficos**  
**Medalhas**  
**Países**  
**Parapan**  
**Resultados**  
**Locais de Competição**  
**TV UOL**  
**Últimas Notícias**  
**Você Manda**  
**MODALIDADES**  
**Futebol**  
**Futsal**  
**Ginástica Artística**  
**Ginástica Rítmica**  
**Handebol**

## Ginástica artística

HOME | O ESPORTE | BRASILEIROS | RESULTADOS | INFOGRÁFICO

HISTÓRICO | NO BRASIL | CURIOSIDADES | RANKING | REGRAS | GLOSSÁRIO

**A**

**Abertura:** Ação muscular que serve como extensão da região do quadril

**Aparelho:** Como são chamadas as "provas" da ginástica. As mulheres disputam quatro aparelhos (trave, solo, salto sobre o cavalo e barras assimétricas) e os homens, seis (solo, salto sobre o cavalo, barra fixa, barras paralelas, argolas e cavalo com alça)

**Argolas:** Aparelho que consiste em duas argolas dispostas a 2,55 m do chão

**Avião:** Posição de equilíbrio em que o ginasta mantém uma perna no chão e eleva a outra para trás. Exige força, flexibilidade e equilíbrio

**B**

**Bananeira:** O mesmo que parada de mão

**Barra fixa:** Aparelho que consiste em uma barra que fica a 2,55 m de altura

**QUADRO DE MEDALHAS**

País				Total
1º EUA	97	88	52	237
2º CUB	59	35	41	135
3º BRA	54	40	67	161
4º CAN	39	43	55	137
5º MEX	18	24	31	73

▶ Veja o quadro geral

**AGENDA DA MODALIDADE**

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Figura 6 - Glossário UOL – Jogos Pan-Americanos 2007

Diante da existência de novos materiais, foi necessário cotejar novamente os termos de cada uma das fontes que forneceram unidades candidatas a termo da GA. Essas fontes foram assim identificadas:

- 1) Fonte 1 (F1): glossário do livro *O que é Ginástica Artística*, de Vieira; Freitas (2007), com 16 entradas;
- 2) Fonte 2 (F2): livro Brochado; Brochado (2005) na seção 3.1. *A terminologia*, com 33 itens<sup>29</sup>;
- 3) Fonte 3 (F3): glossários virtuais, sendo eles:
  - a) Glossário 1 (G1): portal Birafitness, com 82 entradas;
  - b) Glossário 2 (G2): portal UOL, página Jogos Olímpicos de 2004, com 23 entradas;
  - c) Glossário 3 (G3): portal UOL, página Jogos Pan-Americanos de 2007, com 63 entradas;
  - d) Glossário 4 (G4): portal UOL, página Jogos Olímpicos de 2008, com 31 entradas.

As unidades listadas em todas as fontes somaram 248. Desse total, foram excluídas as que se repetiram em mais de uma fonte e também foram agrupadas ao termo de entrada todas as possíveis variantes, como nestes dois exemplos: a) na F1, *pirueta* e *parafuso* constam da mesma entrada; na F2, constituem itens diferentes, porque associados a conceitos distintos; em F3:G1, *parafuso* aparece em entrada própria, mas seguido da informação “o mesmo que *pirueta*”; b) o item *parada de mãos* não apresenta variante em F1; já F3:G4 traz, entre parênteses, indicando a variação, a unidade *bananeira*; F3:G1, além de indicar *bananeira* como variante, traz também *parada de dois apoios*.

Ainda nesta fase, padronizei as entradas, de forma que fossem apresentadas sempre na forma masculina e singular, exceto nos casos em que a unidade só se realiza no feminino e/ou no plural, como *argolas* e *barras paralelas*. Dessa forma, a entrada

---

<sup>29</sup> A unidade *Felge* não foi analisada porque o texto não expressa o conceito e ela vinculado, embora os autores afirmem que oitavas e sublançamentos sejam “movimentos de *Felge*”. Da mesma forma, não fizeram parte do *corpus* as unidades *facial ou de frente*, *dorsal ou de costas* e *lateral ou de lado*, a que autores se referem como termos que designam a situação do executante em relação ao aparelho, porque isoladamente não representam um conceito especializado na GA.



*volteios*, por exemplo, que assim aparecia no G1, passou a *volteio*; *valores de conexão*, registrada nessa forma no G3, passou a *valor de conexão*.

Também excluí as unidades não pertencentes ao domínio da ginástica artística, isto é, que não correspondiam a conceitos especializados dentro da GA. Para isso, precisei projetar a árvore de domínio da modalidade.

### 3.1.2 Projeção da árvore de domínio

A árvore de domínio que representa o vocabulário da GA foi pensada ao longo de todo o trabalho de recolha das UTs. No entanto, foi com a relação dos possíveis termos pronta que projetei sua versão definitiva.

Uma árvore de domínio, segundo explicam Pavel e Nolet (2001), é a representação, na forma de um diagrama, das relações entre os conceitos que formam uma área temática em terminologia. Esse diagrama também é conhecido por árvore conceitual ou mapa conceitual. Nele podem ser visualizadas as relações hierárquicas e lógicas entre os conceitos de um determinado domínio.

A ginástica artística, juntamente com outros seis tipos de ginástica de competição ou de exibição, compõe as subcategorias da categoria *ginástica*: ginástica acrobática, ginástica aeróbica, ginástica artística feminina (GAF), ginástica artística masculina (GAM), ginástica rítmica, ginástica de trampolins e ginástica para todos. A FIG considera a GAF e a GAM modalidades diferentes.

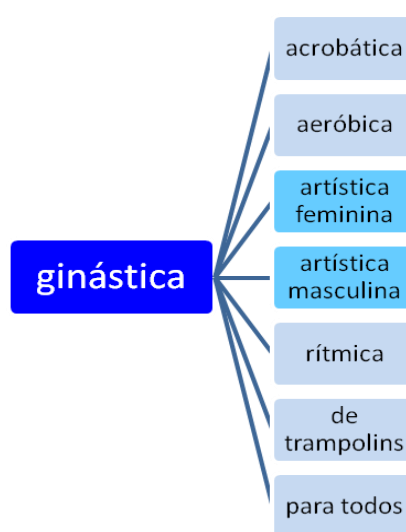


Figura 7 – Árvore de domínio da ginástica

Buscando mostrar as relações entre as subáreas da GA, projetei a seguinte árvore de domínio:

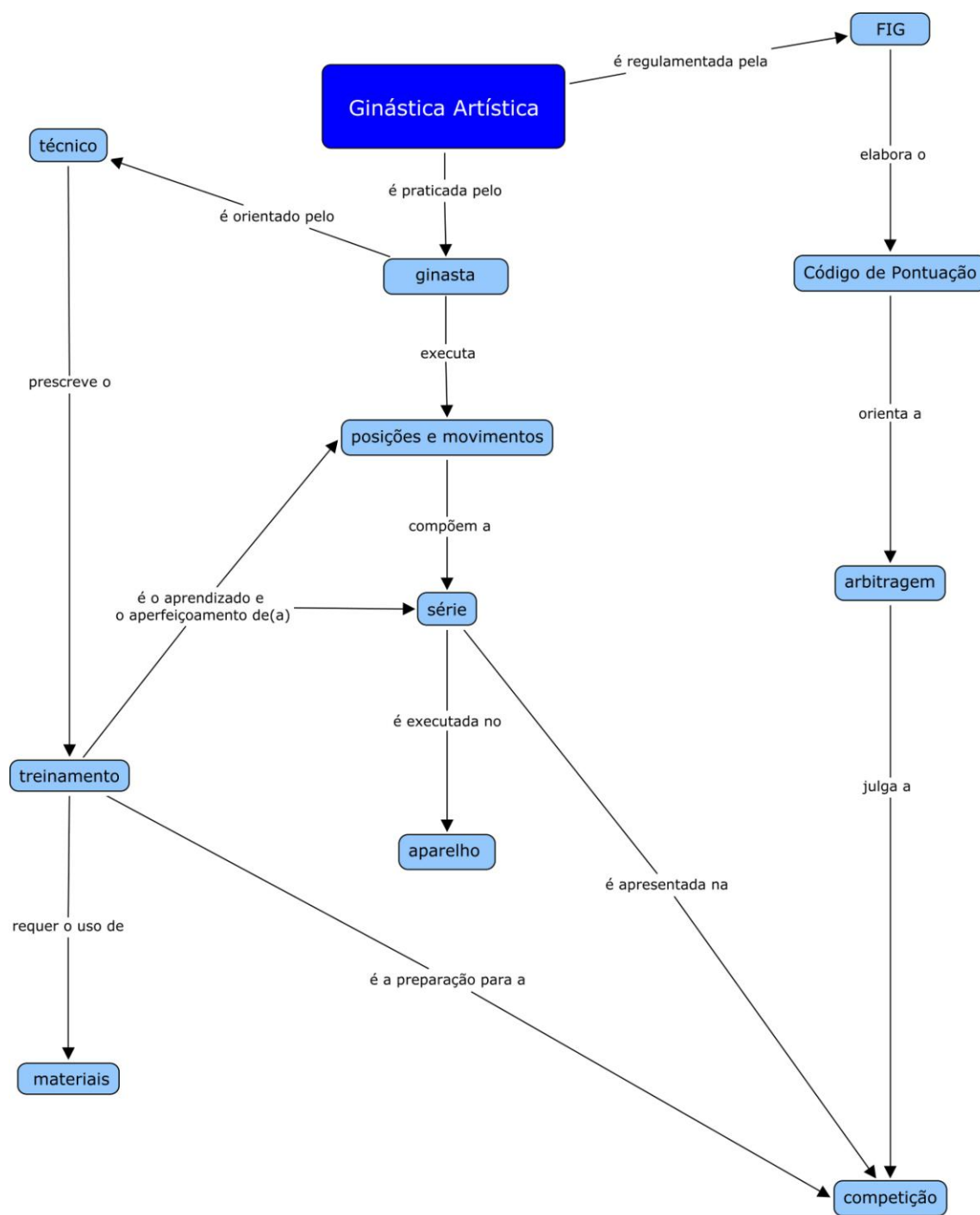


Figura 8 – Árvore de domínio da ginástica artística

Como se pode observar no mapa conceitual, posições e movimentos foram incluídos no mesmo subdomínio. Isso se deve à dificuldade para distinguir o que é posição de base, o que é movimento simples e o que é movimento combinado na GA.

Nunomura e Tsukamoto (2005, p. 37-58) fizeram um levantamento de trabalhos acadêmicos que descreveram os padrões de movimento da ginástica artística. Elas mostraram os trabalhos de pesquisadores que propuseram formas distintas de categorizar os movimentos básicos, sendo que as classificações fundamentaram-se, sobretudo, em critérios mecânicos, com o objetivo fornecer subsídios aos profissionais que desejassem iniciar um trabalho com GA.

Como exemplo, reproduzo a seguir o quadro representativo dos *Padrões Básicos de Movimento* de Russel e Kinsman (1986, *apud* NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2005).

PBM	Tipos	Princípio Mecânico
(1) Aterrissagens	- sobre os pés - sobre as mãos - com rotação - sobre as costas	Utilizar mais tempo e mais partes do corpo para absorver o momento de qualquer aterrissagem.
(2) Posições estáticas	- apoios - suspensões - equilíbrios	Relação entre o Centro de Gravidade (CG) e a Base de Apoio (BA): - quanto mais próximo o CG da BA, maior a estabilidade; - o CG deve estar dentro da BA; - quanto maior a BA, maior a estabilidade; - para um corpo segmentado, a estabilidade será maior quando o CG de cada segmento estiver situado verticalmente sobre o CG do segmento imediatamente abaixo.
(3) Deslocamentos	- sobre os pés - em apoio - em suspensão	Aplicação de força interna (contração muscular) para mover o CG.
(4) Rotações	- no eixo longitudinal - no eixo transversal - no eixo ântero-posterior	Para iniciar uma rotação, aplicar uma força que não passe pelo CG. Quanto mais longe a força for aplicada do CG, maior o efeito de rotação.
(5) Saltos	- com as duas pernas - com uma perna - com as mãos	Aplicação de força interna ou externa para produzir um deslocamento rápido do CG. Essa força deverá ser de magnitude suficiente, na direção desejada e aplicada a um corpo rígido.
(6) Balanços	- da suspensão - do apoio	Na fase Ascendente, o momento será diminuído. Na fase Descendente, o momento será aumentado. A retomada das mãos deverá ser realizada no topo ou ponto morto. A barra deverá ser segurada em forma de gancho.

Quadro 1: Síntese dos PBMs propostos por Russel e Kinsman (1986)

Figura 9 – Padrões básicos de movimento propostos por Russel e Kinsman (1986, *apud* NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2005)

Além de movimentos básicos, existem o que Nunomura e Tsukamoto (2005) chamam de *habilidades específicas da ginástica*, que são, segundo elas, combinações de padrões básicos. Os exemplos seguintes descrevem duas dessas combinações possíveis:

- (a) Kipe na barra: Balanço da Suspensão + Posição Estática (apoio)
- (b) Flic-Flac: Salto dos Pés + Rotação no Eixo Transversal + Aterrissagem sobre as Mãos + Salto das Mãos + Aterrissagem sobre os pés (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2005, p. 39).

Como se observa, um mesmo elemento pode reunir vários padrões de movimento. Logo, se para cada padrão fosse criado um subdomínio, seria demasiado complexo associar os elementos a esses subdomínios. Em razão disso, conforme expliquei, todos os tipos de movimentos e posições ficaram agrupados sob o mesmo subdomínio: *posições e movimentos*.

As unidades excluídas por não pertencerem ao domínio da GA foram 12 (anexo 3), e todas constavam do Glossário 1<sup>30</sup>. Exemplos de itens descartados por essa razão são *aquecimento*, que remete a uma prática necessária a qualquer atividade física, não especificamente à GA, e *indumentária adequada*, ao qual não correspondia um conceito, mas algumas indicações sobre vestimenta e materiais adequados à prática da modalidade.

### 3.1.3 Identificação dos contextos de ocorrência

A etapa seguinte constitui-se em confirmar, no *corpus* de checagem, a ocorrência das unidades apontadas nas fontes como termos. Para isso, reuni nove trabalhos acadêmicos (entre teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos), todos com data de publicação igual ou posterior ao ano 2000 e que apresentavam a expressão “ginástica artística” no título, e seis regulamentos técnicos recentes de competições nacionais ou estaduais de GA.

O *corpus* de checagem foi formado por textos em versão eletrônica, além das obras de Brochado e Brochado (2005) e Vieira e Freitas (2007). A relação dos textos eletrônicos que compuseram o *corpus* de checagem é a seguinte:

---

<sup>30</sup> O G1 lista “termos técnicos e expressões utilizadas na ginástica artística”, conforme se vê na imagem reproduzida na página 44. É possível que as unidades excluídas pertenceriam ao que o glossário define como “expressões” e não termos técnicos.

## Trabalhos acadêmicos:

- BORTOLETO, M. A. C. *O caráter objetivo e o subjetivo na ginástica artística*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2000.
- DUARTE, L. H. *O medo na ginástica artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008.
- NUNOMURA, M. Lesões na ginástica artística: principais incidências e medidas preventivas. *Motriz*, Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, pp. 21 – 29.
- OLIVEIRA, M. dos S. de; BORTOLETO, M. A. C. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2. trim. 2011.
- \_\_\_\_\_ . O código de pontuação da ginástica artística masculina ao longo dos tempos. *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 20, n. 1, p. 97-107, 1. trim. 2009.
- OLIVEIRA, M. dos S. de. *A evolução da ginástica artística masculina nos últimos 20 anos (1987-2007)*. Trabalho de conclusão de curso. Campinas: Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_ . *O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2010.
- SCHIAVON, L. M. *Ginástica Artística feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)*. Tese de doutorado. Campinas, Unicamp, 2009.
- SOUZA, G. M. de; ALMEIDA, F de S. Queixa de dor músculo-esquelética das atletas de 6 a 20 anos praticantes de ginástica artística feminina. *Arq Med ABC*. 2006;31(2):67-72.

## Regulamentos técnicos:

- CBG. *Regulamento Técnico – Campeonato Brasileiro – GAM 2008*. Disponível em

- [http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Ginastica\\_OLimpica/Regulamentos/08\\_reg\\_tec\\_gam\\_pre\\_infantil.pdf](http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Ginastica_OLimpica/Regulamentos/08_reg_tec_gam_pre_infantil.pdf) Acesso em 12.03.2011.
- CBG. *Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAM 2008*. Disponível em [http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Ginastica\\_OLimpica/Regulamentos/09\\_reg\\_tec\\_gam\\_tn.pdf](http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Ginastica_OLimpica/Regulamentos/09_reg_tec_gam_tn.pdf). Acesso em 12.03.2011.
  - \_\_\_\_\_. *Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAM 2011*. Disponível em [http://cbginastica.com.br/cbg/2011/regulamentos/REG%202011/GAM%202011/GAM\\_Reg\\_TNGA.pdf](http://cbginastica.com.br/cbg/2011/regulamentos/REG%202011/GAM%202011/GAM_Reg_TNGA.pdf). Acesso em 15.06.2011.
  - \_\_\_\_\_. *Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAF 2011*. Disponível em <http://cbginastica.com.br/cbg/2011/regulamentos/REG%202011/GAF%202011/Regulamento%20Campeonato%20Brasileiro.pdf>. Acesso em 15.06.2011.
  - \_\_\_\_\_. *Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAM 2010*. Disponível em [http://www.cbginastica.com.br/cbg/index.php?option=com\\_content&view=article&id=63&Itemid=76](http://www.cbginastica.com.br/cbg/index.php?option=com_content&view=article&id=63&Itemid=76). Acesso em 12.03.2011.
  - FRG (Federação Riograndense de ginástica). *Programa técnico copas escolares e torneios estaduais ginástica artística 2011*. Disponível em: [http://www.frginastica.com.br/download/ga/2011/PROGRAMA\\_TECNICOFRG\\_2011.pdf](http://www.frginastica.com.br/download/ga/2011/PROGRAMA_TECNICOFRG_2011.pdf). Acesso em 15.06.2011.

Ao final desse processo, à lista das unidades confirmadas pelo *corpus* de checagem, somaram-se outras variantes, indicadas nos próprios textos que compuseram o *corpus* de checagem. Estas, por sua vez, também foram checadas e, quanto atestadas, incluídas no verbete correspondente. As unidades principais e as candidatas a variantes descartadas nesse processo de checagem constam do anexo III deste trabalho.

Os vários processos de organização da lista definitiva (entre inclusões e exclusões) geraram um total de 77 candidatos a UTs e de 28 variantes. Passei, então, à etapa seguinte: a elaboração do quadro informativo das unidades confirmadas.

### 3.2 ORGANIZAÇÃO DA FICHA TERMINOLÓGICA

A ficha terminológica apresenta as informações relativas aos candidatos a termos. A seguir, está reproduzida uma das fichas, como exemplo.

<p><b>APOIO</b></p> <p><b>Categoria gramatical:</b> substantivo</p> <p><b>Gênero:</b> masculino</p> <p><b>Subdomínio:</b> posições e movimentos</p> <p><b>Informação conceitual:</b> <i>São chamadas de apoio as posições em que o peso do corpo é sustentado prioritariamente sobre os braços</i> (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).</p> <p><b>Contexto:</b> <i>Hoje uma série de barras paralelas deve ser composta por elementos de impulso e de vôo passando pela suspensão e pelo apoio [...] (FIG, 2007) (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 291).</i></p>
---

**Figura 9 - Modelo de ficha terminológica**

O primeiro item da ficha é a entrada, onde é apresentado o candidato a termo ou a sintagma terminológico. Em alguns casos, a unidade foi listada na fonte já com alguma forma de apagamento, como em *mortal*, cujo núcleo (*salto*) nem sempre se realiza, e em *barras assimétricas*, que tem o adjetivo *paralelas* também apagado. Nesses casos, a entrada apresenta a forma plena da unidade.

O campo *categoria gramatical* informa a classificação gramatical, quando se trata de UT simples, ou traz a indicação *sintagma terminológico*, quando a UT é complexa. Logo abaixo da categoria gramatical, é indicado o *gênero* da unidade.

Em *subdomínio*, é registrada a área da GA a que está vinculada a unidade. Os subdomínios possíveis, apresentados na forma de diagrama na seção 3.2, são os seguintes: arbitragem, aparelhos, Código de Pontuação, competição, FIG, ginasta, materiais, posições e movimentos, série, técnico, treinamento.

O campo *informação conceitual* reproduz o que as fontes apresentaram como conceito ou descrição de cada unidade. Como o objetivo deste trabalho é descrever linguisticamente termos associados à GA, não houve compromisso em checar a precisão dos conceitos informados nas fontes, embora tenham sido inseridas notas explicativas sempre que constatada alguma divergência entre as descrições associadas às unidades e as informações veiculadas em outros textos. Foi em razão de algumas definições não

obedecerem ao rigor metodológico exigido pelo método científico e também por se tratar de um trabalho pré-terminológico que optei por chamar este campo de “informação conceitual” em vez de definição terminológica. Como alguns termos se repetiram em mais de uma fonte, a informação conceitual reproduzida na ficha terminológica é a que julguei mais coerente, a partir do que li em textos sobre GA. Nos casos em que as definições eram iguais ou muito semelhantes, reproduzi aleatoriamente uma delas.

No campo *contexto*, é reproduzido o trecho do(s) texto(s) componente(s) do *corpus* de checagem que confirmou a condição de possível termo da unidade em questão. Quando essa unidade apareceu em mais de um texto ou mais de uma vez no mesmo texto, selecionei prioritariamente o contexto cuja informação complementava o que havia sido reproduzido no campo “informação conceitual”. Nos casos em que a unidade pesquisada apareceu em tabela ou em figura, apenas uma parte da tabela ou da figura foi reproduzida.

Por fim, foram registradas as possíveis formas variantes da unidade. Houve casos em que a variante foi indicada na própria entrada do glossário (*Piruetta/Paraufo* - Fonte 1) ou então no texto referente à descrição ou ao contexto (*As provas (aparelhos) são realizadas sempre na mesma ordem [...] – conceito associado à entrada aparelho, que mostrou a variante prova - Fonte 2*). Nesses casos, apenas mais um contexto de ocorrência foi indicado. Já nos casos em que a variante foi reconhecida pela leitura dos outros textos do *corpus* de checagem, dois contextos de ocorrência foram indicados. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a unidade *barra fixa*, que, conforme constatei em outros textos, realiza-se também como *barra* apenas.

Para estabelecer o que seria considerado UT e o que seria considerado variante, estabeleci os seguintes critérios:

- a) as unidades listadas nos glossários foram consideradas UTS; outras unidades correspondentes identificadas nos textos do *corpus* de checagem foram consideradas variantes;
- b) as unidades que apresentaram apagamento de um de seus formantes foram consideradas variantes das respectivas unidades expandidas;
- c) quando os glossários apresentaram mais de uma unidade na mesma entrada, indicando tratar-se de sinonímia, a primeira unidade da entrada foi considerada a UT, e as demais, as variantes;



- d) nas unidades identificadas como sinônimas em glossários diferentes, se uma delas era estrangeira, esta foi considerada variante.

Em algumas fichas, foram incluídas ainda notas explicativas<sup>31</sup>. Elas esclarecem questões técnicas referentes a conceitos veiculados pelos termos ou variantes ou, ainda, indicam algum procedimento particular no tocante à constituição de um item como termo.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para a análise, dividi as unidades confirmadas pelo corpus de checagem em termos e variantes, discutindo separadamente cada grupo. Posteriormente, indiquei os processos de formação que incidiram sobre cada termo.

Para o estudo das variantes, inicialmente apresentei um quadro indicando a que termo correspondia cada variante. Analisei separadamente os três tipos de variantes, segundo categorias de Faulstich (2001) descritas no capítulo 2 e, para cada categoria, indiquei os processos de formação morfológicos e sintáticos que incidiram sobre as unidades, destacando quais desses processos foram predominantes, isto é, quais processos foram mais recorrentes nas unidades que compuseram o *corpus*, independentemente do número de vezes que essas unidades apareceram nos textos. Predominância, portanto, neste trabalho, refere-se apenas a maior frequência.

No capítulo seguinte apresento, então, a análise dos dados recolhidos.

---

<sup>31</sup> Como esta versão do texto foi revisada após a defesa, incluí também, nos quadros informativos, notas referentes a alguns esclarecimentos feitos pelo professor João Carlos Oliva, membro da banca examinadora, durante sua arguição.

## CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem o propósito de apresentar e analisar as unidades que compõem o *corpus* desta pesquisa e também de responder às hipóteses aventadas no início do trabalho. Ele está dividido em três seções, sendo que as duas primeiras analisam os dados, obedecendo à seguinte organização:

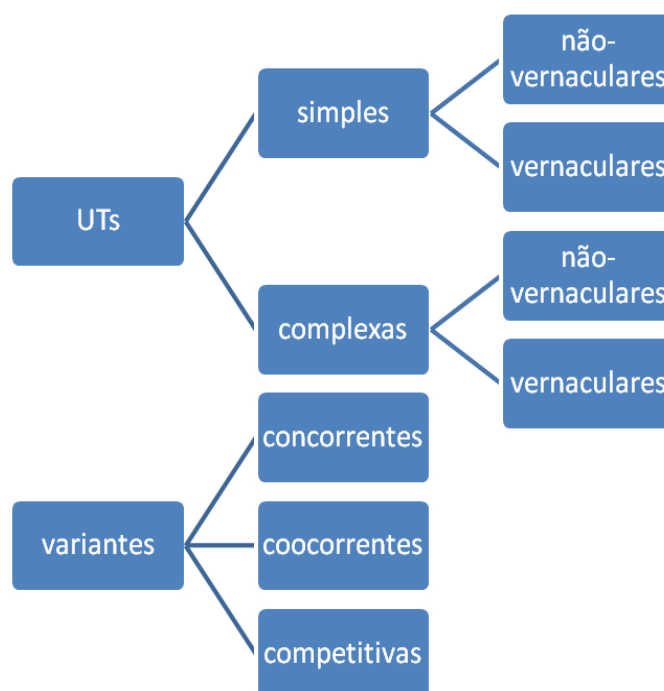


Figura 11 – Organização da análise das UTs e das variantes

Na seção 4.1, então, apresento a lista de candidatas a UTs do vocabulário brasileiro da ginástica artística, discutindo os processos de formação das unidades simples e complexas. Desconsidere, nessa etapa, o fato de que as palavras podem ter entrado prontas, pois meu trabalho apenas mostra os processos factíveis no universo do léxico que examino. Ressalto que, se a análise fosse de cunho histórico, certamente outros resultados seriam revelados.

Na 4.2, apresento as candidatas a variantes, organizadas em três categorias: concorrentes, coocorrentes e competitivas. Por fim, na seção 4.3, retomo as hipóteses da

pesquisa, comentando se as perspectivas iniciais foram ou não confirmadas com o trabalho.

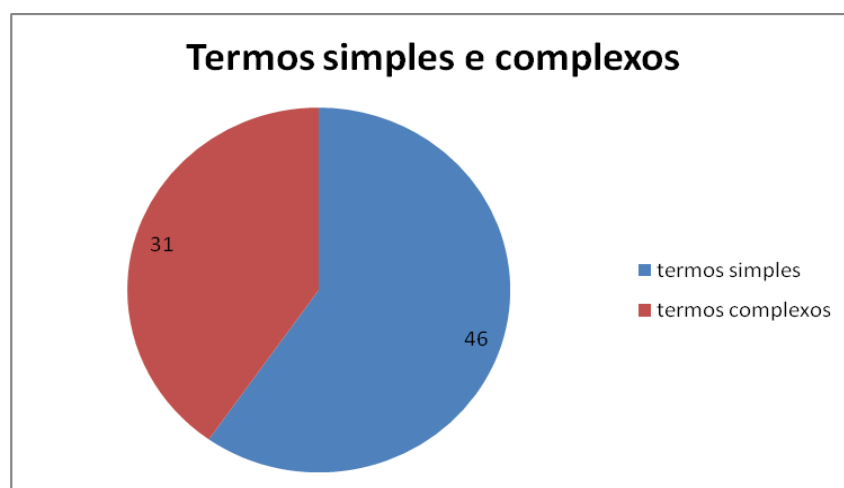
#### 4.1. CANDIDATOS A UNIDADES TERMINOLÓGICAS

Os procedimentos metodológicos descritos no capítulo anterior conduziram à formação de uma lista de 77 unidades lexicais candidatas a termos e, portanto, portadoras de sentido especializado na GA. Além dessas unidades que projetaram verbetes, foram registradas 28 formas variantes, as quais serão discutidas separadamente, após o estudo dos termos. A lista seguinte apresenta as 77 candidatas a UTs da GA.

- |  |                                |
|--|--------------------------------|
| 1. <i>abertura</i>                       | 22. <i>empunhadura</i>         |
| 2. <i>ajuda</i>                          | 23. <i>empunhadura cubital</i> |
| 3. <i>aparelho</i>                       | 24. <i>empunhadura dorsal</i>  |
| 4. <i>apoio</i>                          | 25. <i>empunhadura mista</i>   |
| 5. <i>apoio dorsal</i>                   | 26. <i>empunhadura palmar</i>  |
| 6. <i>apoio facial</i>                   | 27. <i>equilíbrio</i>          |
| 7. <i>argolas</i>                        | 28. <i>espacato</i>            |
| 8. <i>avião</i>                          | 29. <i>execução</i>            |
| 9. <i>avião facial</i>                   | 30. <i>flair</i>               |
| 10. <i>barra fixa</i>                    | 31. <i>flic-flac</i>           |
| 11. <i>barras paralelas</i>              | 32. <i>ginasta</i>             |
| 12. <i>barras paralelas assimétricas</i> | 33. <i>giro</i>                |
| 13. <i>câmbio</i>                        | 34. <i>giro gigante</i>        |
| 14. <i>cavalo com alças</i>              | 35. <i>grau de dificuldade</i> |
| 15. <i>composição</i>                    | 36. <i>nota final</i>          |
| 16. <i>dominação</i>                     | 37. <i>oitava</i>              |
| 17. <i>duplo twist carpado</i>           | 38. <i>parada de mãos</i>      |
| 18. <i>elemento</i>                      | 39. <i>parafuso</i>            |
| 19. <i>elemento acrobático</i>           | 40. <i>pirueta</i>             |
| 20. <i>elemento ginástico</i>            | 41. <i>passada</i>             |
| 21. <i>elemento técnico</i>              | 42. <i>ponte</i>               |

- |                                 |                                |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 43. <i>posição afastada</i>     | 61. <i>solo</i>                |
| 44. <i>posição carpada</i>      | 62. <i>stalder</i>             |
| 45. <i>posição estendida</i>    | 63. <i>sublançamento</i>       |
| 46. <i>posição grupada</i>      | 64. <i>suspensão</i>           |
| 47. <i>posição selada</i>       | 65. <i>suspensão alongada</i>  |
| 48. <i>quadrupedia</i>          | 66. <i>suspensão dorsal</i>    |
| 49. <i>quipe</i>                | 67. <i>tempo</i>               |
| 50. <i>reversão</i>             | 68. <i>tesoura</i>             |
| 51. <i>reversão lateral</i>     | 69. <i>tkatchev</i>            |
| 52. <i>roda</i>                 | 70. <i>trampolim</i>           |
| 53. <i>rodante</i>              | 71. <i>trave de equilíbrio</i> |
| 54. <i>rotação</i>              | 72. <i>tsukahara</i>           |
| 55. <i>saída</i>                | 73. <i>vela</i>                |
| 56. <i>salto mortal</i>         | 74. <i>volteio</i>             |
| 57. <i>salto sobre o cavalo</i> | 75. <i>voo</i>                 |
| 58. <i>segurança</i>            | 76. <i>yamashita</i>           |
| 59. <i>sequência acrobática</i> | 77. <i>yurchenko</i>           |
| 60. <i>série</i>                |                                |

Das 77 unidades, observamos que 46 são simples e 31, complexas, lembrando que unidades simples e complexas se diferenciam pelo número de entidades gráficas que apresentam (uma ou mais de uma). A distribuição das UTs segundo esse critério pode ser visualizada no gráfico a seguir.



**Figura 12:** Distribuição dos termos em simples ou complexos

Observamos, portanto, a prevalência das unidades simples no *corpus* estudado. Em geral, são as complexas que predominam nas linguagens especializadas, conforme vimos na seção 2.2. No entanto, em trabalho que estudou os termos que nomeiam movimentos e golpes da capoeira, Dos Anjos (2003) observou que 60% dos termos que formaram seu glossário eram simples, o mesmo percentual observado neste trabalho. Esses dados indicam que, diferentemente de outras terminologias, a terminologia do esporte parece apresentar predomínio de UTs simples.

Uma vez que às unidades simples caberá a análise morfológica e, às complexas, a análise sintática, farei uma nova subdivisão: UTs simples e UTs complexas.

#### 4.1.1 Unidades terminológicas simples

Os termos simples identificados no *corpus* foram os seguintes:

<i>abertura</i>	<i>ginasta</i>	<i>solo</i>
<i>ajuda</i>	<i>giro</i>	<i>stalder</i>
<i>aparelho</i>	<i>oitava</i>	<i>sublançamento</i>
<i>apoio</i>	<i>parafuso</i>	<i>suspensão</i>
<i>argolas</i>	<i>passada</i>	<i>tempo</i>
<i>avião</i>	<i>pirueta</i>	<i>tesoura</i>
<i>câmbio</i>	<i>ponte</i>	<i>tkachev</i>
<i>composição</i>	<i>quadrupedia</i>	<i>trampolim</i>
<i>dominação</i>	<i>quipe</i>	<i>tsukahara</i>
<i>elemento</i>	<i>reversão</i>	<i>vela</i>
<i>empunhadura</i>	<i>roda</i>	<i>volteio</i>
<i>equilíbrio</i>	<i>rodante</i>	<i>vôo</i>
<i>espacato</i>	<i>rotação</i>	<i>yamashita</i>
<i>execução</i>	<i>saída</i>	<i>yurchenko</i>
<i>flair</i>	<i>segurança</i>	
<i>flic-flac</i>	<i>série</i>	

Em relação à categoria gramatical, observamos que todas as unidades são substantivos. Embora adjetivos, verbos e advérbios também possam ser termos, em geral, são os substantivos que assumem essa condição.

Para o estudo morfológico, inicialmente tratarei das formações não vernaculares. Nesse grupo, além dos empréstimos, incluo os epônimos, uma vez que são todos nomes estrangeiros.

#### 4.1.1.1 Formas não vernaculares

##### a) Empréstimos

Os empréstimos linguísticos identificados no *corpus* foram 2:

*flair*

*flic-flac*

Segundo as categorias apresentadas no capítulo 2, *flair* e *flic-flac* não são formas adaptadas ao sistema fonológico do português, sendo que mantiveram as formas originais sem gerar nenhum decalque ou forma vernacular equivalente. Ambas as unidades aparecem em alguns glossários produzidos em inglês. Em um deles<sup>32</sup>, as entradas dos dois termos são assim apresentadas:

***Flair***

*One of the three basic swings on pommel horse, a flair is a hybrid of legs swings and circles. Each flair consists of two undercuts and one circle, which looks complex at full speed.*

***Flic-flac***

*A move where a gymnast takes off from one or two feet, jumps backward onto the hands and lands on the feet; also known as a "flip-flop" or "back handspring."*

Já nos glossários em francês que consultei, apenas *flic-flac* aparece. Foi o caso deste<sup>33</sup> exemplo:

<sup>32</sup> <http://www.2008.nbcolympics.com/gymnastics/insidethissport/glossary/newsid=100855.html>. Acesso em 14. 11.2011.

<sup>33</sup> <http://fr.beijing2008.cn/92/45/article212014592.shtml>. Acesso em 14.11.2011.

*Flic-flac* : Mouvement lors duquel un gymnaste fait un appel d'un ou des deux pieds, effectue un saut avant sur les mains et atterrit sur les pieds ; également connu sous le nom de « renversement arrière » ou de « flip-flop ».

Portanto, é provável que *flair* tenha sido introduzido na língua portuguesa pelo inglês. Já *flic-flac* pode ter sido importado de qualquer uma das duas línguas: inglês ou francês.

#### b) Epônimos

O segundo caso observado nas unidades simples são os epônimos, formas comuns no léxico da ginástica artística, conforme afirmado anteriormente. No *corpus* pesquisado, 5 palavras simples são nomes de ginastas. Na relação a seguir, o nome do ginasta homenageado e sua nacionalidade estão na coluna da esquerda, e o epônimo, na da direita:

Josef Stalder (suíço)	<i>stalder</i>
Alexander Tkatchev (russo)	<i>tkatchev</i>
Mitsuo Tsukahara (japonês)	<i>tsukahara</i>
Haruhiro Yamashita (japonês)	<i>Yamashita</i>
Natalia Yurchenko (russa)	<i>Yurchenko</i>

Tais nomes representam, naturalmente, uma pequena amostra do vasto número de elementos nomeados dessa forma, uma vez que cada novo elemento reconhecido pelo Código de Pontuação recebe o sobrenome do ginasta que primeiro o executou, conforme já explicado no capítulo 2.

#### 4.1.1.2 Formas vernaculares

As demais palavras do repertório de candidatos a UTs simples são vernaculares, isto é, obedecem a padrões morfológicos do português. São elas:

<i>abertura</i>	<i>apoio</i>	<i>câmbio</i>
<i>ajuda</i>	<i>argolas</i>	<i>composição</i>
<i>aparelho</i>	<i>avião</i>	<i>dominação</i>

<i>elemento</i>	<i>pirueta</i>	<i>série</i>
<i>empunhadura</i>	<i>ponte</i>	<i>solo</i>
<i>equilíbrio</i>	<i>quadrupedia</i>	<i>sublançamento</i>
<i>espacato</i>	<i>quipe</i>	<i>suspensão</i>
<i>execução</i>	<i>reversão</i>	<i>tempo</i>
<i>ginasta</i>	<i>roda</i>	<i>tesoura</i>
<i>giro</i>	<i>rodante</i>	<i>trampolim</i>
<i>oitava</i>	<i>rotação</i>	<i>vela</i>
<i>parafuso</i>	<i>saída</i>	<i>volteio</i>
<i>passada</i>	<i>segurança</i>	<i>voo</i>

Entre as palavras simples, 16 são primitivas, lembrando que palavra primitiva é aquela que não resulta de um processo de derivação ou de composição. Ela também pode servir de base à formação de novas palavras na língua. É o que acontece, por exemplo com *roda*, de que derivam *rodeiro* e *rodador*.

Foram identificadas como palavras primitivas:

<i>aparelho</i>	<i>parafuso</i>	<i>tempo</i>
<i>argolas</i>	<i>pirueta</i>	<i>tesoura</i>
<i>avião</i>	<i>quipe</i>	<i>trampolim</i>
<i>elemento</i>	<i>roda</i>	<i>vela</i>
<i>espacato</i>	<i>série</i>	
<i>ponte</i>	<i>solo</i>	

Vários desses termos são formados semanticamente por metáfora visual, como *avião*, *parafuso*, *ponte*, *roda*, *tesoura* e *vela*. A origem de *parafuso* é obscura, segundo os dicionários Houaiss (2009) e Aurélio (2004). Entre as versões populares que dão conta da origem da palavra, uma delas sugere a forma alemã *bohreisen*, de *bohren*, "furar", e *eisen*, "ferro". Nesta pesquisa, *parafuso* foi considerada primitiva.

Em relação a *aparelho*, poderia ser considerada a possibilidade de se identificar seu processo de formação como derivação regressiva a partir do verbo *aparelhar*. No entanto, se voltarmos à explicação de Basílio (2007), apresentada na seção 2.2.1, concluiremos que *aparelho* não veicula o sentido de *ação de aparelhar*. Nesse caso, parece ser o verbo a palavra derivada.



A lexia *tempo* consta de um glossário trilíngue<sup>34</sup> como *salto tempo* e é descrita como correspondente francês ao inglês *whip back salto*. O termo *tempo*, tal qual apresentado em francês, tem constituição morfológica equivalente em português; portanto, não foi necessária adaptação morfofonêmica ao nosso idioma. Mas, por apresentar conformidade com o padrão da nossa língua, não foi considerado empréstimo. O termo parece ter chegado à ginástica via música, uma vez que designa, em francês, o ritmo de execução de um trecho musical, conforme indica o *Trésor de la langue française*<sup>35</sup> na rubrica *musique* do verbete.

Já *quipe* e *espacato* sofreram adaptação morfofonêmica para se incorporar ao idioma. *Quipe* é apresentada por Brochado e Brochado (2005) como *kippe*, que, em alemão, significa *báscula*, explicam eles. Conforme veremos na seção que analisa as variantes, também foi registrada e confirmada a forma *kipe*, o que mostra que houve gradual adaptação ao português. *Espacato*, por sua vez, também tem uma forma variante: *espacate*. A provável origem também é alemã: *spagat*.

Retomando o que foi exposto no capítulo 2, tempos que uma palavra simples pode ser primitiva, derivada ou composta. Excluídas as primitivas, permanece uma lista de 23 UTs a analisar. Como não foi registrada qualquer ocorrência de formação por composição, todos os candidatos a termos restantes sofreram algum tipo de derivação. São eles:

<sup>34</sup> <http://www.lexique-jo.org/2004/lexique.cfm?theme=GYMN1&rubrique=GYMN>. Acesso 14/11/2012

<sup>35</sup> “*Vitesse d'exécution d'un morceau, généralement donnée au début par les indications chiffrées du métronome. Synon. Movement*”.  
<http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/tlfiv5/saveregass.exe?17;s=3827011950;r=1>; Acesso em 14/11/2012

<i>abertura</i>	<i>execução</i>	<i>rotação</i>
<i>ajuda</i>	<i>ginasta</i>	<i>saída</i>
<i>apoio</i>	<i>giro</i>	<i>segurança</i>
<i>câmbio</i>	<i>oitava</i>	<i>sublançamento</i>
<i>composição</i>	<i>passada</i>	<i>suspensão</i>
<i>dominação</i>	<i>quadrupedia</i>	<i>volteio</i>
<i>empunhadura</i>	<i>reversão</i>	<i>voo</i>
<i>equilíbrio</i>	<i>rodante</i>	

Entre os termos derivados, não foram identificados casos de derivação prefixal, prefixo-sufixal, parassintética e imprópria<sup>36</sup>. Isso quer dizer que esses 23 termos são formados ou por derivação sufixal, ou por derivação regressiva, que representam as duas possibilidades de formação de substantivos a partir de verbos, conforme explica Basílio (2011), embora a sufixação sirva também à formação de outras classes.

Começamos, então, pelo mecanismo da derivação sufixal.

As ocorrências de afixos que se unem à direita da base foram 15. Estes são os sufixos e as palavras derivadas por sufixação registrados:

–(a)nça	<i>segurança</i>
–(a)sta	<i>ginasta</i>
–ção <sup>37</sup> / –são <sup>38</sup>	<i>composição</i>
	<i>dominação</i>
	<i>execução</i>
	<i>rotação</i>
	<i>reversão</i>

<sup>36</sup> No *corpus* analisado, não há ocorrência de *lance* ou *lançamento*, os quais seriam, por hipótese, bases para os termos *sublance* e *sublançamento*. Por essa razão, não destaquei o prefixo *sub*.

<sup>37</sup> Segundo observação da professora Enilde Faulstich, as palavras terminadas pelo sufixo –ção entraram prontas a partir do latim. No entanto, considerando o caráter sincrônico deste trabalho, não levo em conta a origem da palavra, mas apenas a possibilidade de ela servir de base para uma derivação.

<sup>38</sup> Santos (2006) observou, entre os linguistas, tendência a considerar –são uma realização de –ção, posição que adotei neste trabalho. Numa análise diacrônica, porém, *suspensão* e *reversão* poderiam ser consideradas como provenientes do processo de formação de palavras denominado nominalização deadjetival, por terem sido formadas a partir de *suspensio* e *reverso*.

	<i>suspensão</i>
–ia	<i>quadrupedia</i> <sup>39</sup>
-(a)da / -(i)da	<i>passada</i> <i>saída</i>
-mento	<i>sublançamento</i>
–(a)nte	<i>rodante</i>
–ura <sup>40</sup>	<i>abertura</i> <i>empunhadura</i>

Nas 15 palavras formadas por sufixação, reconhecemos 8 sufixos diferentes, o que indica uma certa variedade de sufixos no léxico analisado. As palavras formadas por –ção e sua variante –são predominaram, o que se conforma com padrões da língua comum. Conforme Basílio (2011), juntamente com –mento, –ção figura entre os sufixos mais produtivos para a formação de substantivos a partir de verbos. Os demais sufixos tiveram uma distribuição relativamente homogênea entre as demais unidades, sendo registradas não mais que duas ocorrências de cada um.

À exceção de *ginasta*, *quadrupedia*, *abertura* e *empunhadura*, as demais lexias resultantes de processos analisados neste trabalho como sufixação seriam, por critérios sincrônicos, casos de nominalização. Esse processo permite, segundo Basílio (2011, p.42), “expressar a noção verbal em si, sem as amarras dos requisitos gramaticais do verbo”.

O outro tipo de derivação constatado na formação dos termos simples da GA foi a derivação regressiva, que deu origem a 8 palavras:

<sup>39</sup> O sufixo –ia parece não ser ativo em novas formações. É possível que *quadrupedia*, lexia ainda não dicionarizada, seja um neologismo formado a partir de *quadrúpede*.

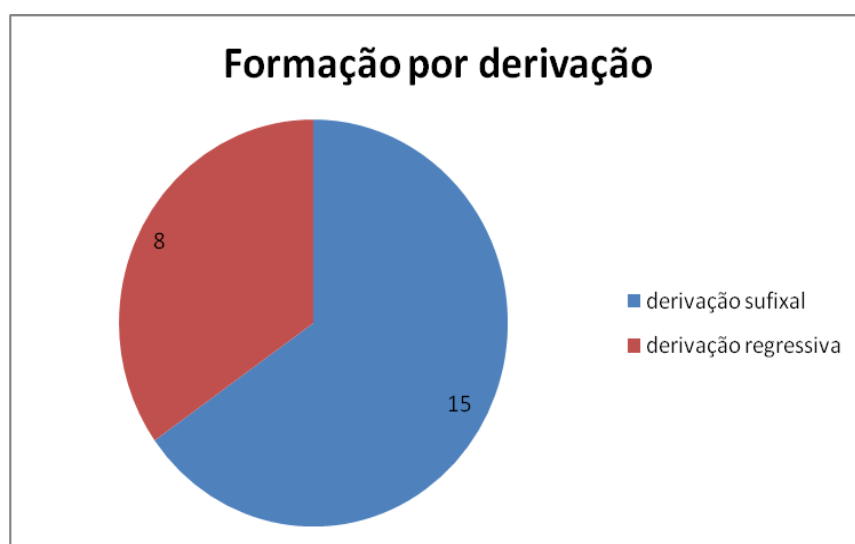
<sup>40</sup> Em *abertura* e *empunhadura*, as bases possivelmente sejam os radicais dos participios verbais *aberto* e *empunhado*; portanto, bases adjetivas.

*ajuda*  
*apoio*  
*câmbio*  
*equilíbrio*

*giro*  
*oitava*  
*volteio*  
*voo*

A derivação regressiva também é um processo pelo qual se formam substantivos a partir de verbos. No entanto, conforme explicado na seção 2.2.1, não ocorre o acréscimo de um sufixo, razão por que difere da nominalização deverbal. As ocorrências acima<sup>41</sup> confirmam que a derivação regressiva, sobretudo a que gera formas terminadas em -o, é um processo produtivo no léxico da ginástica artística.

A distribuição dos processos de derivação identificados nos termos simples que compõem do vocabulário da GA está representada neste gráfico:



**Figura 13: Distribuição dos processos de derivação das UTs**

Como vimos, então, derivação sufixal foi o processo mais frequente no léxico analisado, seguido da derivação regressiva. Por suas características particulares, esse vocabulário parece buscar recursos na língua para expressar, na forma de nome, certas ações manifestas por verbos.

<sup>41</sup> Embora a origem de *equilíbrio* etimologicamente seja atribuída à forma latina *aequilibrium*, 'equilíbrio, nível igual das balanças', o falante não tem esse conhecimento e, uma vez que sabe a forma 'equilibrar', opera com ela para formar *equilíbrio*.

### 4.1.2 Unidades terminológicas complexas

As 31 unidades formadas por mais de uma entidade gráfica, chamadas unidades complexas ou sintagmáticas, são as seguintes:

<i>apoio dorsal</i>	<i>grau de dificuldade</i>
<i>apoio facial</i>	<i>nota final</i>
<i>avião facial</i>	<i>parada de mãos</i>
<i>barra fixa</i>	<i>posição afastada</i>
<i>barras paralelas</i>	<i>posição carpada</i>
<i>barras paralelas assimétricas</i>	<i>posição estendida</i>
<i>cavalo com alças</i>	<i>posição grupada</i>
<i>duplo twist carpado</i>	<i>posição selada</i>
<i>elemento acrobático</i>	<i>reversão lateral</i>
<i>elemento ginástico</i>	<i>salto mortal</i>
<i>elemento técnico</i>	<i>salto sobre o cavalo</i>
<i>empunhadura cubital</i>	<i>sequência acrobática</i>
<i>empunhadura dorsal</i>	<i>suspensão alongada</i>
<i>empunhadura mista</i>	<i>suspensão dorsal</i>
<i>empunhadura palmar</i>	<i>trave de equilíbrio</i>
<i>giro gigante</i>	

Dessas 31 UTs complexas, 30 são construções sintáticas típicas do português, e apenas 1 tem, em sua composição, forma estranha ao vernáculo. Início por ela, então.

#### a) Formas complexas não vernaculares

A UT *duplo twist carpado* é formada por duas palavras vernaculares – *duplo* e *carpado* – e uma importada – *twist*. Como veremos na seção que descreve às variantes, a forma inglesa *twist* é apresentada como sinônimo de *parafuso*. Em *carpado*, embora o Houaiss (2009) aponte provável formação por *carpa* + *-ado*, parece ter havido decalque do francês *carpé*. Como houve adaptação para o português, foi considerada uma forma vernacular.

Portanto, *duplo twist carpado* sofre o segundo dos processos propostos por Bastarrica (2010) e explicitados no capítulo 2: o empréstimo mantém a forma estrangeira e gera uma forma adaptada; logo em seguida, recompõe-se e gera uma unidade terminológica complexa (UTC) híbrida ou vernacular. Trata-se, portanto, de uma unidade terminológica complexa híbrida.

b) Formas complexas vernaculares

Podemos observar que há duas estruturas sintáticas preponderantes entre as UTs complexas vernaculares: (substantivo + adjetivo) e (substantivo + preposição + substantivo). As unidades que apresentam núcleo nominal seguido de adjetivo são maioria. Têm essa estrutura as 24 unidades seguintes, que representam mais de 3/4 do total de UTs complexas vernaculares:

<i>apoio dorsal</i>	<i>giro gigante</i>
<i>apoio facial</i>	<i>nota final</i>
<i>avião facial</i>	<i>posição afastada</i>
<i>barra fixa</i>	<i>posição carpada</i>
<i>barras paralelas</i>	<i>posição estendida</i>
<i>elemento acrobático</i>	<i>posição grupada</i>
<i>elemento ginástico</i>	<i>posição selada</i>
<i>elemento técnico</i>	<i>reversão lateral</i>
<i>empunhadura cubital</i>	<i>salto mortal</i>
<i>empunhadura dorsal</i>	<i>sequência acrobática</i>
<i>empunhadura mista</i>	<i>suspensão alongada</i>
<i>empunhadura palmar</i>	<i>suspensão dorsal</i>

Conforme afirmado no referencial teórico, os sintagmas desse tipo figuram entre os mais recorrentes nas linguagens de especialidade. O adjetivo, nessa construção, atua como determinante do nome, que é o núcleo do sintagma.

As formas *apoio*, *giro* e *salto* são núcleos deverbais resultantes do processo de derivação regressiva. Já as formas *reversão* e *suspensão* são também deverbais, mas formadas por sufixação. Somando-se esses dois processos, temos que 7 das 24 unidades complexas têm núcleo verbal.

A estrutura com dois adjetivos (substantivo + adjetivo + adjetivo), em que o primeiro determina o substantivo e o segundo, o sintagma, foi observada em apenas uma ocorrência:

*barras paralelas assimétricas*

Conforme veremos na seção 4.2.1, os itens dessa estrutura podem sofrer apagamento. É o que ocorre, por exemplo, em *paralelas assimétricas*.

Na segunda forma mais produtiva, o sintagma preposicionado, um nome atua como núcleo e é determinado por um adjetivo antecedido de preposição. Em uma dessas formas (*salto sobre o cavalo*), a estrutura sofre pequena modificação, devido à inserção do artigo definido antes do nome. São 5 os sintagmas preposicionados:

*cavalo com alças*

*trave de equilíbrio*

*grau de dificuldade*

*salto sobre o cavalo*

*parada de mãos*

Em *parada de mãos*, há núcleo deverbal formado por sufixação e, em *salto*, um núcleo formado por derivação regressiva. Portanto, 2 das 5 unidades acima apresentam núcleo deverbal.

No gráfico a seguir, podemos visualizar a distribuição das diferentes estruturas sintáticas das unidades complexas vernaculares.



**Figura 14:** Distribuição dos padrões lexicais das UTs complexas vernaculares

Verificamos, portanto, que apenas três padrões sintáticos foram identificados entre as UTs complexas do vocabulário da GA. Sintagmas adjetivais representaram a formação mais frequente no *corpus* estudado. As formações com núcleo verbal, tanto nos casos de sufixação quanto de derivação regressiva, foram frequentes, mas não predominantes.

#### 4.2. CANDIDATOS A VARIANTES

Foram 24 as unidades simples e complexas que apresentaram formas variantes. Dessas, 21 apresentaram apenas uma variante, 2 apresentaram duas variantes e 1 unidade apresentou três variantes. Assim, o total de variantes soma 28. No quadro a seguir, podemos ver, na primeira coluna, o termo listado como verbete na ficha terminológica e, nas colunas à direita, sua(s) forma(s) variante(s).

<b>termo</b>	<b>variante 1</b>	<b>variante 2</b>	<b>variante 3</b>
<i>ajuda</i>	<i>auxílio</i>		
<i>aparelho</i>	<i>prova</i>		
<i>barra fixa</i>	<i>barra</i>		
<i>barras paralelas</i>	<sup>1</sup> <i>paralelas</i>		
<i>barras paralelas assimétricas</i>	<i>barras asssimétricas</i>	<sup>2</sup> <i>paralelas</i>	<i>paralelas assimétricas</i>
<i>cavalo com alças</i>	<i>cavalo</i>		
<i>duplo twist carpado</i>	<i>dos santos</i>		
<i>empunhadura</i>	<i>tomada</i>	<i>pegada</i>	
<i>equilíbrio</i>	<i>parada</i>		
<i>espacato</i>	<i>espacate</i>		
<i>grau de dificuldade</i>	<i>dificuldade</i>		
<i>parafuso</i>	<i>twist</i>		
<i>posição afastada</i>	<i>afastado</i>		
<i>posição carpada</i>	<i>carpado</i>		
<i>posição estendida</i>	<i>estendido</i>		
<i>posição grupada</i>	<i>grupado</i>		



<i>posição selada</i>	<i>selado</i>		
<i>quipe</i>	<i>kipe</i>		
<i>roda</i>	<i>estrela</i>		
<i>rodante</i>	<i>rondada</i>		
<i>salto mortal</i>	<i>mortal</i>		
<i>salto sobre o cavalo</i>	<i>salto sobre a mesa</i>	<i>salto</i>	
<i>sublançamento</i>	<i>sublance</i>		
<i>trave de equilíbrio</i>	<i>trave</i>		

**Quadro 2: Termos que apresentaram formas variantes**

Os termos simples que apresentaram variantes foram 10, enquanto os complexos foram 14. Nenhum dos termos simples e apenas três dos complexos apresentaram variantes complexas. Isso pode indicar uma função de simplificação ou economia linguística atribuída à produtividade de formas variacionais nesse léxico.

Analisarei, a partir daqui, cada tipo de variante separadamente.

#### 4.2.1 Variantes concorrentes

Uma variante concorrente, para lembrar, apresenta variação em relação à forma e pode ser linguística ou de registro. Não foi identificado no *corpus* qualquer caso de variação de registro. Esta é, então, a lista das 16 unidades que, em relação às UTs, apresentaram variação do tipo linguística:

<i>afastado</i>	<i>mortal</i>
<i>barra</i>	<sup>1</sup> <i>paralelas</i>
<i>barras assimétricas</i>	<sup>2</sup> <i>paralelas</i>
<i>carpado</i>	<i>paralelas assimétricas</i>
<i>cavalo</i>	<i>salto</i>
<i>dificuldade</i>	<i>selado</i>
<i>estendido</i>	<i>sublance</i>
<i>grupado</i>	<i>trave</i>

A quase totalidade (15) dos casos de variação linguística nessas unidades é do tipo lexical, pois se deve ao apagamento (indicado entre parênteses) de algum elemento da estrutura do sintagma. Os núcleos não se realizaram em 11 dessas UTs:

<sup>1</sup> (barras) paralelas	(posição) estendido(a)
<sup>2</sup> (barras) paralelas(assimétricas)	(posição) grupado(a)
(barras) paralelas assimétricas	(posição) selado(a)
(grau de) dificuldade	(salto) mortal
(posição) afastado(a)	(salto sobre o) cavalo
(posição) carpado(a)	

Em *(barras) paralelas (assimétricas)*, além do núcleo, também um determinante não se realiza.

Já nas 4 unidades seguintes, o elemento ausente não é o núcleo, mas, como denomina Faulstich (2003), os argumentos, que, por sua vez, formam o predicado:

*barra (fixa)*  
*barras (paralelas) assimétricas*  
*salto (sobre o cavalo)*  
*trave (de equilíbrio)*

O mecanismo de apagamento é possível na língua, segundo Faulstich (2003), porque, mesmo não se realizando, o elemento existe *in absentia*, visto que a forma encurtada é resultado de uma derivação espontânea do usuário da língua, quando já tem incorporada em sua mente a forma complexa da unidade.

No grupo das variantes linguísticas, temos ainda as variações que ocorrem no âmbito morfológico. Apenas 1 ocorrência desse tipo foi registrada:

*sublance*

Trata-se de uma alteração morfológica por redução. *Sublance* é uma abreviação de *sublançamento*.

Quanto à inexistência da variação de registro nos dados desta pesquisa, é preciso lembrar que, primeiramente, os materiais coletados têm data de publicação próximas, o

que não favorece o aparecimento de variantes temporais. Em segundo lugar, a ginástica artística é um esporte praticado dentro de um ambiente institucionalizado, ou seja, dentro de alguns poucos clubes aparelhados para a prática desse esporte ou de algumas escolas particulares que utilizam materiais oficiais ou adaptados. Portanto, é natural que não tenham surgido variantes discursivas. Uma observação, no entanto, deve ser registrada: na descrição de *roda*, Brochado e Brochado (2005) afirmam ser ela “popularmente conhecida como estrela” (anexo II). Entretanto, a própria CBG, em Regulamento Técnico, (Torneio Nacional – GAF 2011) elege *estrela*, daí por que foi considerada variante coocorrente.

Passando agora a olhar a estrutura morfológica das variantes concorrentes simples, vemos que são palavras primitivas as seguintes:

<i>barra</i>	<sup>2</sup> <i>paralelas</i>	<i>trave</i>
<sup>1</sup> <i>paralelas</i>	<i>cavalo</i>	

As duas ocorrências de *paralelas* aparecem numeradas porque essas variantes designam aparelhos diferentes, sendo a de número “1” variante do aparelho masculino *barras paralelas* e a de número “2”, do aparelho feminino *barras paralelas assimétricas*. A forma *paralelas*, na ginástica artística, é registrada exclusivamente no plural.

Não constaram do *corpus* variantes concorrentes simples formadas por composição. Já por derivação, temos exemplos de sufixação, derivação regressiva e conversão ou derivação imprópria. A derivação sufixal ocorre em apenas dois casos, sendo que nenhum é um processo deverbal:

-al	<i>mortal</i>
-dade	<i>dificuldade</i>

A derivação regressiva, que incidiu sobre diversas UTs, nas variantes, apareceu em apenas uma palavra:

*salto*

Foi observada nas variantes a única ocorrência de abreviação, como já apontei:

*sublance*

Dos casos particulares de redução citados no quadro de formação de termos de Abreu (2010a), siglação e acrossemia, nenhum registro houve nesse léxico.

Destacam-se, no grupo de variantes concorrentes, as unidades simples que são adjetivos:

*afastado*

*grupado*

*estendido*

*selado*

Trata-se de adjetivos originados de participios verbais. Essas unidades, quando perdem o núcleo (*posição*), passam a caracterizar diretamente o nome do movimento.

#### 4.2.2 Variantes coocorrentes

As variantes que representam casos de sinonímia no vocabulário da GA são:

*auxílio*

*prova*

*rondada*

*dos santos*

*parada*

*salto sobre a mesa*

*estrela*

*pegada*

*tomada*

Como se vê, 3 são unidades complexas e 6 são simples. Destas, 3 são morfologicamente primitivas:

*estrela*

*prova*

*rondada*

Em relação à *rondada*, o mais plausível é que se trate de um decalque do francês *rondade*. Em razão de sua adaptação morfofonêmica ao português, foi considerada primitiva.

Tal como se observou em *aparelho* (apresentado na seção 4.1) *prova* também poderia ser pensada como um caso de derivação regressiva. Entretanto, a unidade

veicula o sentido de *apresentação* ou *exibição*, distanciando-se do sentido mais corrente de *provar*. Trata-se, sem dúvida, de um caso de difícil análise, e optei por classificá-la como primitiva.

Já a unidade seguinte representa um caso mais claro de derivação regressiva:

*auxílio*

É mais transparente, para o usuário da língua, que *auxílio* expressa a ação de *auxiliar*. Somada a *salto*, variante concorrente, *auxílio* configura o segundo caso de derivação regressiva entre as variantes do léxico da GA.

Por derivação sufixal, foram formadas as seguintes unidades:

*-ada*    *parada*

*pegada*

*tomada*

Notamos que, entre as variantes coocorrentes, apenas um sufixo foi registrado: *-ada*. Trata-se de um caso de nominalização deverbal.

Uma UT formada por eponímia aparece entre as variantes sinônimas:

*dos santos*

A lexia nomeia o movimento executado pela brasileira Daiane dos Santos.

Por fim, temos *salto sobre a mesa*, indicada nesta pesquisa como variante de *salto sobre o cavalo*. Na verdade, trata-se de um caso particular, porque houve mudança física do equipamento, o que acarretou também a mudança do nome: o cavalo de salto passou a mesa de salto (ver anexo II). Em breve, certamente teremos *salto sobre a mesa* como termo de entrada e *salto sobre o cavalo* como variante temporal.

### 4.2.3 Variantes competitivas

Entre as unidades listadas no quadro das páginas 68 e 69, identifiquei 3 variantes do tipo competitivas. São elas:

*espacate**twist**kipe*

*Espacate* e *kipe* foram criadas a partir das palavras alemãs *spagat* e *kippe*, respectivamente. Sofreram um primeiro processo de adaptação morfofonêmica para o português e, posteriormente, geraram formas vernaculares, as quais constituem as entradas do vocabulário listadas na seção 4.1: *espacato* e *quipe*. Diferentemente de *carpado* e *rondada*, por exemplo, *espacate* e *kipe* ainda não estão completamente adaptadas morfofonemicamente ao português. Já *twist* é um empréstimo que mantém a forma estrangeira, rivalizando com *parafuso*.

Considerando o panorama apresentado neste capítulo, percebemos que a variação é um fenômeno muito ativo no léxico da GA. A proporção foi próxima de uma variante para cada três unidades apresentadas como termos. Da mesma forma, pudemos perceber que a variação não se restringe a um tipo, já que, para cada grupo, vários exemplos foram encontrados.

Observamos que as variantes formais foram as mais numerosas nesta pesquisa. Também vimos que os casos de apagamento, que caracterizam as variantes lexicais, predominaram nesse domínio, confirmando que os usuários da língua se utilizam dos mecanismos de economia que ela oferece.

### 4.3 REVISANDO AS HIPÓTESES DA PESQUISA

Retomo agora as hipóteses que nortearam esta pesquisa, comentando em que medida os dados as confirmaram ou não.

a) *A terminologia da GA brasileira é formada a partir de lexias vernaculares e estrangeiras.* Como vimos, além do grande número de lexias vernaculares, foram registrados alguns casos de empréstimo: *flair*, *flic-flac*, *twist*, *duplo twist carpado* e de formas ainda não plenamente adaptadas ao vernáculo: *espacate* e *kipe*. Portanto, é possível reconhecer a influência de outras línguas – alemão, inglês e francês – na

constituição do léxico da GA, mas uma influência menor do que a projetada. A maior concentração de termos estrangeiros parece estar mesmo entre os epônimos.

b) *Na configuração morfológica das UTs simples, predomina a formação de nomes deverbais (sobretudo nas denominações de movimentos); nas UTs complexas, há o predomínio de núcleos deverbais.* Em relação às unidades simples, a análise dos dados mostrou predomínio de palavras primitivas. Entre as derivadas, os substantivos formados a partir de verbos prevaleceram na designação dos movimentos ou elementos da GA. Além da sufixação, que forneceu nomes como *saída e rodante*, a derivação regressiva também se mostrou um processo produtivo nesse vocabulário, como vimos em unidades como *giro e voo*. Em relação às unidades complexas, da mesma forma, foram registradas estruturas cujos núcleos deverbais são formados por derivação regressiva, como *apoio dorsal e giro gigante*, e estruturas cujos núcleos deverbais são formados por sufixação, como *reversão lateral e suspensão dorsal*. Tanto entre as lexias simples como entre as complexas, entretanto, as formações deverbais não foram predominantes no léxico analisado.

c) *As variantes competitivas são predominantes nessa terminologia, tendo em vista a forte presença de lexias estrangeiras.* Contrariando esta hipótese, as variantes competitivas se mostraram pouco produtivas. De fato, o vocabulário básico da GA abarca quantidade muito expressiva de variantes; no entanto, predomina a variação do tipo linguística, em que ocorre apagamento de um dos elementos que compõem o sintagma terminológico.

## RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo foi dedicado à apresentação dos candidatos a UTs e respectivas variantes listados nas fontes consultadas e à análise da constituição morfológica e sintática dessas unidades. Os dados indicaram predomínio de unidades simples.

Quanto às UTs que geraram entradas no vocabulário analisado, entre as simples, foi registrado maior número de palavras primitivas, seguidas das formadas por derivação sufixal e regressiva. Em relação às complexas, o esperado predomínio de estruturas com núcleos determinados por um adjetivo se confirmou.

Entre as unidades variantes, foram registrados os três tipos de variação estabelecidos por Faulstich (2001): concorrentes, coocorrentes e competitivas. As primeiras prevaleceram, e os casos de apagamento de núcleo nominal foram preponderantes.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de descrever morfológica e sintaticamente as unidades que compõem o vocabulário brasileiro da ginástica artística. Com isso, demonstrei quais processos de formação ou de estruturação incidem sobre essa linguagem especializada.

Embora o *corpus* tenha se mostrado pequeno para que se pudesse chegar a um resultado mais representativo, um panorama preliminar pode ser apresentado: vimos que, em relação às unidades simples, houve prevalência de palavras primitivas. A derivação sufixal, com ligeiro predomínio do sufixo *-ção/-são*, e a derivação regressiva também foram frequentes no léxico analisado.

Em relação às unidades complexas, prevaleceu o padrão lexical em que um adjetivo caracteriza um nome, que, por sua vez, é o núcleo do sintagma. Essa configuração já fora observada em outras pesquisas e, portanto, confirmada para a terminologia da GA. Outros padrões lexicais foram observados, mas em número bem menor.

Também pudemos confirmar uma discreta influência do léxico estrangeiro no vocabulário brasileiro da GA, através dos empréstimos incorporados à língua por diferentes formas. É possível que, numa lista maior de termos desse domínio, mais ocorrências desse tipo apareçam, uma vez que foram listados nos glossários, ao que parece, prioritariamente os termos que nomeiam elementos mais básicos. E justamente em relação a esses, as formas vernaculares podem já ter se consolidado na língua.

A propósito, reforço que, para proceder ao estudo linguístico resumido acima, precisei partir de um trabalho inicial, que foi a recolha das unidades que poderiam compor o vocabulário brasileiro da GA. Apesar de a modalidade ter se difundido significativamente na última década, no Brasil, a produção de material de divulgação desse esporte ainda parece escassa. Trabalhar com dados não oficiais, ou, ainda, mesclar informações de especialistas com informações não atestadas, como possivelmente eram as dos glossários virtuais, representou uma dificuldade para este trabalho. Mas talvez a contribuição que nele se possa ver esteja justamente no fato de ter mostrado a grande lacuna (e, portanto, oportunidade) que existe na área de divulgação da terminologia da ginástica artística brasileira. Certamente, um trabalho necessário a partir de agora seria a

construção de um glossário pelos mecanismos informatizados que oferece a Terminologia atualmente. O trabalho que apresentei representa apenas um exercício do que poderia ser um trabalho muito maior, de apresentação sistematizada e atestada dessa terminologia.

Sabemos que a popularização de um esporte envolve uma forte estratégia de comunicação, e disso faz parte a disseminação de sua terminologia. À medida os possíveis espectadores e mesmo praticantes de uma modalidade se apropriam dos termos desse domínio, uma relação muito mais estreita se firma.

Para os próximos anos, existe a perspectiva de que trabalhos relativos à comunicação esportiva ganhem relevância no país, em razão de que os dois maiores eventos esportivos mundiais serão sediados no Brasil: A Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016. Especialmente para as Olimpíadas, muitas obras de informação devem ser produzidas, sobretudo multilíngues, para atender aos milhares de turistas estrangeiros que consumirão produtos e, principalmente, informação brasileira. Portanto, além de glossários monolíngues, que impulsionem a popularização de modalidades ainda em fase de afirmação no país, obras que estabeleçam correspondência entre diversas línguas serão fundamentais. Estas são, pois, as sugestões que deixo a quem queira realizar um trabalho nessa área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, S.P. de. Processos de formação de termos: um breve exercício analítico. In: ISQUERDO, A.N; FINATTO, M. J. B. (Orgs.). *As Ciências do Léxico - Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010a, v.4, p. 605-624.
- \_\_\_\_\_. Aspectos gramaticais na formação de termos reduzidos. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (Orgs.). *As Ciências do Léxico - Lexicologia, Lexicografia e Terminografia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010b, v. 5, p. 381-399.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 3ª.ed. SP: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. A renovação lexical nos domínios de especialidade. *Revista da SBPC*, ano 58, n.2. abr-jun 2006. p.32-34
- ANJOS, E. D. dos. *Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes da capoeira: um estudo término-linguístico*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2003.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011
- \_\_\_\_\_. M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1997.
- BASTARRICA, M. L. *Empréstimos lingüísticos do inglês: um estudo do léxico do comércio exterior à luz da teoria da variação em terminologia*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BROCHADO, F. A.; BROCHADO, M. M. V. *Fundamentos da ginástica artística e de trampolins*. RJ: Guanabara-Koogan, 2005.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CARVALHO, S. *O discurso midiático da ginástica artística*. Dissertação de mestrado . Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2007.

DAL CORNO, G. O. M. *Terminologia da indústria moveleira: um estudo descritivo*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Revista da SBPC*, ano 58, n.2. abr-jun 2006. p.27-31

\_\_\_\_\_. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. de. (orgs). *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia: cooperação internacional: Brasil e Canadá*. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

\_\_\_\_\_. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*. v. 7. São Paulo, 2001, p. 11-40.

FIG. *FIG World champions: 1903 – 2007*. Disponível em <http://fig-gymnastics.com/vsite/vfile/page/fileurl/0,11040,5187-198624-215847-156120-0-file,00.pdf>. Acesso em 15.11.2011.

FERREIRA. A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*, versão 5.11. Editora Positivo, 2004.

HENRIQUES, C. C. Relações entre neologia, eponímia e antroponímia. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (orgs.). *As ciências do léxico*. Campo Grande, 2004, Editora da UFSM, vol. 2, p.43-51.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, versão 1.0. Editora Objetiva Ltda, 2009.

KRIEGER, M.G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M. G. O termo: questionamentos e configurações. In: KRIEGER, M.C.; MACIEL, A. M. B. (orgs). *Temas de terminologia*. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

LAMBERTI, F. C. C. *Empréstimos lingüísticos no português: uma interpretação variacionista*. Dissertação de mestrado. Brasília, UnB, 1999.

L'HOMME, M-C. *La terminologie: principes et techniques*. Montreal: Presses de l'Université: 2004.

MARINHO, I. P. *História geral da educação física*. São Paulo: Cia. Brasil Editores, 1980.

NISTA-PICCOLO, V. L. Pedagogia da ginástica artística. In: NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V. L. (orgs). *Compreendendo a ginástica artística*. SP: Phorte, 2005.

NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V. L. (orgs). *Compreendendo a ginástica artística*. SP: Phorte, 2005.

OLIVEIRA, M. S. de. *O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2010.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de terminologia*. Trad. E. Faulstich (2002). Canadá: Departamento de Tradução do Governo, 2001. Disponível em: [http://www.translationbureau.gc.ca/pwgsc\\_internet/fr/publications/documents/presport.pdf](http://www.translationbureau.gc.ca/pwgsc_internet/fr/publications/documents/presport.pdf). Acesso em 12.03.2010.

POLGUÈRE, A. *Lexicologie et sémantique lexicale: notions fondamentales*. Montréal : Les presses de l'Université de Montréal, 2003.

PUBLIO, N. S. *Evolução histórica da ginástica olímpica*. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 1998.

\_\_\_\_\_. Origem da ginástica olímpica. In: NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V.L. (orgs.) *Compreendendo a ginástica artística*. SP: Phorte, 2005.

REY, A.. *Terminologie: noms et notions*. 2ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

SAGER, J.C. *A practical course in terminology processing*. Amsterdã: John Benjamins, 1990.

SANTOS, C. M. B. dos. *Os sufixos –ção e –mento na construção de nomes de ação e de processo : contribuições à prática lexicográfica*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre : UFRGS, 2006.

SANTOS, C.M.B. dos. *Perspectivas teóricas da Morfologia Construcional no estudo das aproximações e diferenças entre -ção e -mento*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2012.

SOARES, C.L. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: DEL PRIORE, M; DE MELO, V. A. (orgs). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

TESCHE, L. *O turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1852-1940*. Ijuí: Unijuí, 2001.

VIEIRA, S; FREITAS, A. *O que é ginástica artística*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

## **ANEXOS**

ANEXO I: NOTÍCIA SOBRE IMPLANTAÇÃO DE PROJETO DE GA



## Ginástica

27/09/2011 - 07h00

### **Maior rival de Nadia Comaneci trabalhará com Oleg Ostapenko no Brasil**

Gustavo Franceschini  
Em São Paulo

Nellie Kim foi a maior rival da romena Nadia Comaneci, soma cinco medalhas de ouro olímpicas e é a atual presidente do Comitê Técnico de Ginástica Artística Feminina da Federação Internacional de Ginástica (FIG). A partir de agora, ela será também consultora do projeto da fundação LiveWright para desenvolver a ginástica brasileira no Paraná ao lado de Oleg Ostapenko.

A ex-ginasta soviética, nascida no atual Tadjiquistão, é uma das responsáveis por estabelecer as regras atuais do esporte. Ela foi contratada para orientar o projeto do Centro de Excelência de Ginástica (Cegin), em Curitiba, que já serviu de base para a seleção brasileira permanente e agora viverá nova fase de novo sob o comando do ucraniano Oleg Ostapenko.

A ideia como um todo será apresentada nesta terça, em São Paulo. O treinador responsável pela ascensão de Daiane dos Santos voltará ao país a convite da LiveWright, ONG capitaneada pelo milionário empresário João Paulo Diniz e outros entusiastas do esporte, que pretendem incentivar o setor até os Jogos de 2016.

Ao contrário de Oleg, que morará no Brasil, Nellie Kim seguirá cumprindo suas funções de cartola normalmente. Eventualmente, virá ao país acompanhar e orientar o desenvolvimento do projeto, na função de consultora.

“Estamos falando de cinco medalhas de ouro olímpicas. O papel dela na FIG hoje é muito importante. Ela que define as regras que serão aplicadas no esporte. Ela vai nos auxiliar nesse aspecto, porque ela sabe tudo disso”, disse Eliane Martins, secretária-geral da Federação de Ginástica do Paraná (FGP), que é parceira da LiveWright no projeto.

Nellie Kim viveu seu ápice nas Olimpíadas de Montreal, em 1976, ao lado de Nadia Comaneci. Na mesma competição em que a romena, considerada a melhor do esporte em todos os tempos, conseguiu a primeira nota dez da história dos Jogos, a então soviética foi medalha de ouro três vezes.

Kim venceu no solo, na competição por equipes e no salto, deixando Nadia Comaneci com a prata nas duas primeiras. A romena deu o troco ganhando na competição individual, nas barras assimétricas e na trave, deixando a rival com a prata na primeira.

Como dirigente, Nellie Kim foi responsável pela implantação do novo código de regras de ginástica, em vigor desde 2006.

<http://m.esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2011/09/27/maior-rival-de-nadia-comaneci-trabalhara-com-oleg-ostapenko-no-brasil.htm>

## ANEXO II: FICHAS TERMINOLÓGICAS

**ABERTURA****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** feminino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *Ação muscular de extensão da articulação dos quadris (F3: G1).***Contexto:**

<b>Oitava, giro de quadril e oitavão</b>				
• Fluência	X	X		
• Ajuste de empunhadura	X	X		
• Carpa excessiva ou falta de abertura	X	X		
<b>Lançamentos</b>				

(FRG, 2011)

Nota: Segundo o professor João Carlos Oliva, o termo *abertura* também é usado como terminologia da força, ou seja, indica movimentação do afastamento do tronco em relação aos membros inferiores.

**AJUDA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** treinamento

**Informação conceitual:** *É quando um auxiliar participa diretamente, segurando o executante para que este consiga realizar o exercício proposto. Há, portanto, contato físico entre o ajudante e o executante (F3: G1).*

**Contexto:** *Além disso, a questão “das ajudas” (segurança das ginastas pelo técnico) em exercícios de maior “risco” é facilitada com uma criança (menor e mais leve) (SCHIAVON, 2009, p. 109).*

**Variante: AUXÍLIO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *[...] e muitos exercícios começam a ser ensinados, mesmo que com facilitações (auxílio, trampolim acrobático, fosso, tumble track, etc) [...] (SCHIAVON, 2009, p. 109).*

**Contexto 2:** *Auxílio: Dois colegas auxiliam na elevação à posição de pé, apoiando nas costas (região escapular) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 58).*

**APARELHO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Como são chamadas as "provas" da ginástica. As mulheres disputam quatro aparelhos (trave, solo, salto sobre o cavalo e barras assimétricas) e os homens, seis (solo, salto sobre o cavalo, barra fixa, barras paralelas, argolas e cavalo com alça) (F3: G3).*

**Contexto:** *As provas (aparelhos) são realizadas sempre na mesma ordem, chamada de ordem oficial de competição (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 141).*

**Variante: PROVA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto:** *No ciclo anterior, por exemplo, as exigências especiais eram de três em cada aparelho, com exceção da prova de salto que seguia outro critério, [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 32).*

**APOIO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *São chamadas de apoio as posições em que o peso do corpo é sustentado prioritariamente sobre os braços (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).*

**Contexto:** *Hoje uma série de barras paralelas deve ser composta por elementos de impulso e de vôo passando pela suspensão e pelo apoio [...] (FIG, 2007) (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 291).*

**APOIO DORSAL****Categoria gramatical:** sintagma terminológico**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *Apoio dorsal (ou de costas), quando se está de costas para a superfície de apoio;* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).**Contexto:**

5.	¼ de tcheca	2.00 p.
6.	Um volteio em <b>apoio dorsal</b> transversal na extremidade do cavalo(P.1)	1.00 p.
7.	Saída por cima do cavalo.	1.00 p.

(CBG – Regulamento técnico – Brasileiro – GAM 2008, p. 5)

**APOIO FACIAL****Categoria gramatical:** sintagma terminológico**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *Apoio facial (ou de frente), quando se está de frente para a superfície de apoio;* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).**Contexto:** *O volteio terá seu início e término no apoio facial.* (CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008 – p. 20)

## ARGOLAS

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho que consiste em duas argolas dispostas a 2,55 m do chão. (F3: G3)*

**Contexto:** *O estreante em Copas do Mundo Arthur Zanetti ficou com o bronze no solo e o sexto lugar na prova de argola. (OLIVEIRA, 2010, p. 122).*

**Nota:** Segundo Oliveira e Bortoleto (2011), na atualidade, seguindo especificações da FIG, as argolas são feitas de fibra de vidro e são suspensas por cabos de aço e tiras de náilon ou couro a uma armação de ferro. Ficam a 2,8m do solo e distantes 50 cm uma da outra.

## AVIÃO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Posição de equilíbrio em que o ginasta mantém uma perna no chão e eleva a outra para trás. Exige força, flexibilidade e equilíbrio (F3: G2).*

**Contexto:** *Há diversos tipos de equilíbrios, entre eles: [...] equilíbrio facial sobre uma perna (avião), entre outros (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).*

## AVIÃO FACIAL

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *“Apoiado em um dos pés, elevar a outra perna estendida para trás abaixando o tronco simultaneamente, até os ombros e a perna elevada chegarem, pelo menos, à horizontal. Os braços deverão estar estendidos, em situação ligeiramente oblíqua para cima em relação ao tronco” (SANTOS, 1986: 23), pés em ponta e olhar dirigido à frente. Quanto mais alta for a elevação da perna, mais bonito fica o avião. É preciso manter a posição de equilíbrio por alguns instantes, antes de retornar à posição inicial. O avião pode ser feito também lateralmente (avião lateral) para a direita ou esquerda, ou ainda para trás (avião dorsal). Para a realização dos aviões, é necessário se ter muita flexibilidade, força e equilíbrio. (F3: G1)*

**Contexto:**

5.	1,50	Roda ¼ de volta, parada de mãos ao impulso rolamento para frente com as pernas unidas e estendidas, queda de peito passando uma perna ao espacato de frente.
6.	0,50	Passar as pernas para trás, ficando na posição decúbito ventral, flexionar as pernas e elevar-se a posição em pé.
7.	1,00	Passo, <b>avião facial</b> 2 seg. lançamento da perna a frente com ½ volta.
8.	2,00	Na direção A-B corrida, rodante flic mortal para trás grupado a posição fundamental.

(CBG – Regulamento Técnico - Torneio Nacional – GAM 2008, p. 5)



**BARRA FIXA**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho que consiste em uma barra que fica a 2,55 m de altura.* (F3: G3)

**Contexto:** *As provas masculinas: solo, cavalo com alças, argolas, salto, barras paralelas e barra fixa* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 141).

**Variante: BARRA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto 1:** A série de barra deve ser dinâmica, [...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 153).

**Contexto 2:** *A barra é o único aparelho que há bonificação de conexão entre elementos C de vôo [...]* (OLIVEIRA, 2007, p. 30).

**Nota:** Atualmente, segundo especificações da FIG, a barra é feita de aço inoxidável, tem 2,4m de comprimento e 28 mm de diâmetro. É posicionada a uma altura de 2,8m em relação ao solo (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

## BARRAS PARALELAS ASSIMÉTRICAS

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *As provas femininas: salto, barra paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 141).

**Contexto:** *Para a competição feminina, as ginastas se apresentam da mesma forma em quatro aparelhos: Barras Paralelas Assimétricas, Solo, Salto sobre o Cavalo e Trave de Equilíbrio* (BORTOLETO, 2000, p. 4).

**Nota:** A forma que gerou a entrada foi *barras assimétricas* (F3: G3).

## Variante: BARRAS ASSIMÉTRICAS

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Contexto 1:** *Barras assimétricas: aparelho que consiste em duas barras paralelas, dispostas a 2,30 e 1,50 m de altura* (F3: G3).

**Contexto 2:**

Lesões Tegumentares	Barra Assimétricas	Trave	Salto	Solo
Abrasão (ralada)		X		X
Bolha	X			
Contusão	X	X	X	X
Dermatite de Contato (alergia)	X	X	X	X

*Motriz Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, pp.21 - 29*

(NUNOMURA, 2009, p. 25)

Variante: **PARALELAS**

**Contexto 1:** *As partes de valor que compõem uma série de paralelas devem ser variadas, [...]* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p.146).

**Contexto 2:** *3) Sintomatologia algica [atividades em que sente dores e atividades específicas em cada aparelho (solo, salto, trave e paralelas)];* (SOUZA; ALMEIDA, 2006, p.68).

**Variante: PARALELAS ASSIMÉTRICAS**

**Contexto 1:** *Para a iniciação pode-se utilizar a barra fixa baixa, a barra baixa das paralelas assimétricas, [...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p.85).*

**Contexto 2:** *Protetor de mãos das paralelas assimétricas, também chamado de “courinho” (SCHIAVON, 2009, p.230 – nota de rodapé).*

**BARRAS PARALELAS**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho que consiste em duas barras paralelas, dispostas a 1,75 m de altura (F3: G3).*

**Contexto:** *No entanto, foi nas Olimpíadas de Berlim (1936), quando as competições masculinas foram realizadas nos seis aparelhos: solo, salto, cavalo, barra fixa, argolas e barras paralelas, que a Ginástica realmente cria sua imagem enquanto esporte [...] (BORTOLETO, 2000, p. 3).*

**Nota 1:** Segundo especificações da FIG, as barras paralelas têm 3,5m de comprimento, e a distância entre elas é ajustável, entre 42 e 52cm. O aparelho é posicionado a uma altura de 1,8m do colchão (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

**Nota 2:** Foram registradas as formas *barras paralelas simétricas* em Bortoleto (2000, p. 4) e *paralelas simétricas* em Nunomura (2002, p. 23), sem ocorrências em outros textos do *corpus* de checagem.

**Variante: PARALELAS**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto 1:** *Numa série moderna de paralelas, devem predominar os exercícios de impulso e de vôo. (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 153)*

**Contexto 2:** *Nas paralelas o especialista nessa prova Li Xiaopeng ficou com o ouro [...] (OLIVEIRA, 2007, p.63).*

## CÂMBIO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

### Informação conceitual

#### 3.1.5.7 Giros sobre o eixo longitudinal

*Giros sobre o eixo longitudinal podem ser combinados com os demais tipos de movimentos e recebem diferentes denominações:*

[...]

*Câmbio – quando executado em parada de mãos (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 16).*

### Contexto

6.	Giro gigante para trás com ½ volta à tomada palmar (câmbio B)	1.50 p.
7.	Giro gigante para frente	1.00 p.
8.	Giro gigante para frente	1.00 p.
9.	Saída em mortal estendido para frente	1.50 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008 – p. 29)

**CAVALO COM ALÇAS**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho de 1,60 m de comprimento, em formato de cavalo, que possui [sic] duas alças paralelas (F3: G3).*

**Contexto:** *O ginasta chinês naturalizado suíço Li Donghua venceu a prova de cavalo com alças e o veterano Andreas Wecker da Alemanha ganhou a prova de barra fixa (OLIVEIRA, 2007, p. 59).*

**Nota 1:** De acordo com Publio (*apud* OLIVIERA; BORTOLETO, 2011), o cavalo tem 1,60m de comprimento e 35 cm de largura. Fica a 1,05 do colchão. As alças são s entre 40 e 45 cm distantes uma da outra. Complementam Oliveira e Bortoleto (2011, p.289) que “Hoje o corpo do cavalo é feito de fibra de vidro recoberta de espuma de polietileno, [...] na cobertura do aparelho, em vez de couro são utilizados tecidos sintéticos”.

**Nota 2:** Foi registrada a forma *cavalo com arções* em Nunomura (2002, p. 23), sem outra ocorrência no *corpus* de checagem.

**Variante: CAVALO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *Os últimos sucessos da seleção americana vieram com Alexander Artemev na prova de cavalo em 2006 onde ele conquistou o bronze (OLIVEIRA, 2007, p. 82).*

**Contexto 2:** *A série de cavalo deve conter, no mínimo, 1 elemento de valor B de cada um dos 4 grupos listados a seguir, [...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 151).*

## COMPOSIÇÃO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** arbitragem

**Informação conceitual:** *Estrutura da série apresentada pelo ginasta (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 79).*

### Contexto

*A Nota B inclui deduções por falhas de:*

- *Composição*
- *Execução (postura, estética, técnica, aterrissagem, entre outras específicas de cada aparelho)*
- *Apresentação Artística (Trave e Solo) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 144).*

## DOMINAÇÃO

**Categoria gramatical:** substantivo feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

### Informação conceitual

#### 3.1.5.6 Dominações

*Dominações são rotações do corpo para frente ou para trás, sobre um eixo fixo ou semifixo (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

### Contexto:

- **NÍVEL 1 - Valor de Dificuldade - 7,00 pontos.**
- Execução técnica e postural - 10,00 pontos.**

Parte	Elemento	Valor
1.	Corrida de impulso, balanço de quipe (extensão total do corpo à frente), balanço atrás,	1.50 p.
2.	Seguido de balanço completo (ida e volta) abrindo o quadril embaixo,	1.50 p.
3.	Imediata dominação traseira ao apoio braquial, balanço à frente,	1.00 p.
4.	Afastamento das pernas e apoio nos barrotos, <b>dominação</b> dianteira, extensão total do corpo à frente,	1.00 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008 – p. 9)

**DUPLO TWIST CARPADO**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Dos Santos:* Nome dado ao duplo twist carpado (dois saltos mortais com as pernas estendidas, mas juntas ao corpo), inventado pelo técnico Oleg Ostapenko e consagrado por Daiane dos Santos (F3:G3).

**Contexto:** *No mesmo Campeonato Mundial a ginasta Daiane dos Santos apresentou um novo exercício na prova de solo, o duplo twist carpado, que recebeu seu sobrenome: DOS SANTOS e conquistou a medalha de ouro nesta prova, [...] (SCHIAVON, 2009, p. 38).*

**Nota 1:** A entrada em G3 e G4 é *dos santos*, mas, pelas informações listadas nos campos *informação conceitual* e *contexto* e pela maior frequência de *duplo twist carpado*, percebe-se que *dos santos* é a variante.

**Nota 2:** A respeito da informação conceitual desta unidade, ver nota para *twist*, variante de *parafuso*.

**Variante: DOS SANTOS**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Contexto:** *Atualmente, o duplo twist carpado, conforme decisão já homologada pela FIG, é conhecido como “Dos Santos” (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 14).*



**ELEMENTO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Movimento simples que tem valor técnico e execução reconhecida (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 79).*

**Contexto:** *O Código de Pontuação contém Tabelas de Elementos específicas para cada aparelho, nas quais cada elemento é identificado com um número. Os elementos são divididos em categorias, conforme sua dificuldade, de A a <sup>SUPER</sup>E, sendo o elemento A o mais simples e o <sup>SUPER</sup>E o mais difícil. (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 143)*

**Nota:** Nas provas masculinas, ao elemento de maior dificuldade é atribuído valor F: “O CP 2006-2008 reavaliou os elementos nas suas determinadas categorias, eliminando os elementos Super E e incluindo uma nova categoria de elementos F de dificuldade” (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009, p.103). Já nas provas femininas, o valor máximo é G. ([http://cbginastica.com.br/web/index.php?option=com\\_content&task=view&id=37](http://cbginastica.com.br/web/index.php?option=com_content&task=view&id=37))

**ELEMENTO ACROBÁTICO**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Exercício com rotação superior a 180° sobre o eixo transversal do corpo (F3: G3).*

**Contexto:** *A série de solo deve ser composta por elementos acrobáticos, como paradas, rolamentos, reversões e mortais para a frente/lado e para trás, e de dança, como saltos, saltitos e giros (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 147-148).*

**Nota:** Segundo o professor João Carlos Oliva, a rotação pode se dar também sobre o eixo longitudinal do corpo, existindo ainda uma forma combinada.

**ELEMENTO GINÁSTICO**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Exercício sem rotação superior a 180° sobre o eixo transversal do corpo (F3: G3).*

**Contexto:** *Em 1956 durante os JO de Melbourne, o CP passou a dividir os elementos ginásticos em categorias de dificuldade A, B e C, [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 28).*

**Nota:** Foi registrada a forma *elemento gímico* em Schiavon (2009, p. 56), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

**ELEMENTO TÉCNICO**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Qualquer exercício realizado na disputa do esporte, que pode ser ginástico e acrobático (F3: G3)*

**Contexto:** *Estes aparelhos permitem realizar 801 elementos técnicos, de valor reconhecido pelo Código de Pontuação (CP) do ciclo 2009-2012, [...] (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 283).*

**EMPUNHADURA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *São tomadas, pegadas ou presas, que representam as várias maneiras do executante segurar o aparelho e manter-se nele (F3: G1).*

**Contexto:** *Segundo a FIG (2009), uma série de barra fixa deve consistir em uma apresentação dinâmica com conexão fluída dos elementos de balanço, piruetas e vôo, alternando elementos próximos e distantes da barra com uma variedade nas formas de empunhadura (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).*

**Variante: TOMADA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto:** *Há seis tipos de tomadas na barra fixa (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).*

**Variante: PEGADA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto:** *Sweeney (1975) define a empunhadura dorsal como a pegada em que as palmas das mãos estão voltadas para frente [...] (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).*

**EMPUNHADURA CUBITAL**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Pegada com os ombros em posição de “desloque”, por trás do corpo. (F3: G1)*

**Contexto:** *A empunhadura cubital é definida por Borrmann (1980) como a empunhadura na qual os dorsos das mãos estão voltados um para o outro (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).*

**EMPUNHADURA DORSAL**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Empunhadura Dorsal: A palma das mãos é dirigida para frente quando em suspensão, e para baixo quando em apoio. Nas paralelas, argolas e cavalo com alças as palmas das mãos se defrontam. (F3: G1)*

**Contexto:** *Sweeney (1975) define a empunhadura dorsal como a pegada em que as palmas das mãos estão voltadas para frente, [...] (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).*

**EMPUNHADURA MISTA**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Combinação da dorsal com a palmar.* (F3: G1)

**Contexto:** *Alguns exercícios podem ser executados em empunhaduras mistas, a saber, palmar cubital, dorsal palmar e dorsal cruzada* (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).

**EMPUNHADURA PALMAR**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Ao contrário da dorsal, as palmas ficam voltadas para o ginasta.* (F3: G1)

**Contexto:** *Sweeney (1975) caracteriza a empunhadura palmar como a pegada em que as palmas das mãos ficam voltadas para trás* (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 292).

## EQUILÍBRIO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

### Informação conceitual

#### 3.1.2.1. Equilíbrios ou paradas

*Nos equilíbrios o centro de massa (CM) se encontra acima do ponto de contato com a superfície de apoio. Há diversos tipos de equilíbrios, entre eles posição de pé, sobre um ou dois pés, posição ajoelhada, parada de cabeça, parada de mãos, parada de ombros, equilíbrio facial sobre uma perna (avião), entre outros (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).*

### Contexto:

Parte	Elemento	Valor
1.	Posição fundamental, elevação dos braços acima da cabeça, corrida, sobre-passo, rodante flic mortal estendido para trás (A-C).	1.50 p.
2.	Oitava à parada de mãos com braços estendidos finalizando em pé	1.00 p.
3.	Coreografia qualquer seguido de um equilíbrio qualquer "A" e um volteio e ½ (começa a contagem do volteio atrás)	1.00 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008 – p. 17)

### Variante: PARADA

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

### Contexto

5.	Esquadro 2 seg.	1.00 p.
6.	Parada de mãos à força com cotovelos flexionados, pernas afastadas e a manutenção (não a subida) da parada com o auxílio dos pés nos cabos (2seg.)(o apoio dos pés só poderá ser feito após a extensão total dos braços)	1.00 p.
7.	Queda para trás (de peito)	1.00 p.
8.	Mortal para trás estendido	1.00 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008 – p. 22)

**ESPACATO****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *Afastamento máximo das pernas estendidas no plano frontal (lâtero-lateral) ou no plano sagital (ântero-posterior), pés em ponta, tronco ereto, na vertical. Este último poderá ser feito com a perna direita ou esquerda à frente (F3: G1).***Contexto:** *Posição afastada – caracterizada pelo afastamento das pernas; quando alcança os 180 graus, é chamada de espacato [...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, (p. 11).***Variante: ESPACATE****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Contexto 1**

VD – Valor de Dificuldade	8 elementos incluindo a saída Máximo 5 acrobáticos e mínimo 3 dança	
	1) Uma ligação de dança de pelo menos 2 saltos diferentes, 1 deles ( jump, leap ou hop) com afastamento ântero-posterior das pernas de 180º (espacate/split)	+0.50
	2) Giro da Tabela de Elementos do Grupo 3	+0.50

(CBG – Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 27)

**Contexto 2***As ginastas têm como principais queixas de dores nos exercícios de solo a execução do espacate (14%) [...] (SOUZA; ALMEIDA, 2006, p. 70).*

## EXECUÇÃO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** arbitragem

**Informação conceitual:** *O ato de executar uma série e/ou rotina de ginástica. Também pode significar forma, estilo e técnica aplicados pelo ginasta e que caracterizam a habilidade de um atleta durante a apresentação de sua rotina ou série (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 79-80).*

**Contexto:** *A Nota B inclui deduções por falhas de:*

- *Composição*
- *Execução (postura, estética, técnica, aterrissagem, entre outras específicas de cada aparelho)*
- *Apresentação Artística (Trave e Solo) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 144).*

## FLAIR

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Movimento em que o ginasta deve alternar o apoio das mãos, as pernas ficam separadas e estendidas e movimentam-se circularmente ao redor do tronco. Geralmente executado pelos homens no cavalo com alças ou solo, ou, mais raramente, por ginastas femininas na trave (F3: G1).*

**Contexto:** *A série de cavalo com alças é caracterizada por movimentos pendulares, chamados de tesouras, e circulares, chamados de volteios, com pernas unidas ou afastadas (flair), executados em diferentes situações de apoio, em todas as partes do cavalo (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 150-151).*

Nota: Segundo observação do professor João Carlos Oliva, haveria uma variante para este termo: o epônimo *Thomas*. O ginasta americano Thomas teria se destacado durante a Guerra Fria, e os russos, acrescenta o professor, por não aceitarem o nome de um ginasta americano para o movimento, ter-lhe-iam atribuído o nome *flair*. Foram identificadas as formas *thomas* (p. 287) e *thomas flair* (p. 288) em Oliveira e Bortoleto (2011), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.



**FLIC-FLAC**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Movimento de transmissão de impulso sucessivo que inicia dos pés para as mãos (com fase de vôo), continua das mãos para os pés (com mais uma fase de vôo) até que o ginasta finalize em pé. Pode ser executado para trás e para frente (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 80).*

**Contexto:** *Flic-flac é uma reversão saltada para trás (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

**GINASTA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** ginasta

**Informação conceitual:** *Aquele que pratica ginástica, em qualquer uma de suas manifestações: ginástica artística, ginástica rítmica, aeróbica. (F3: G1)*

**Contexto:** *Também não é possível afirmar, até o momento, que está havendo um processo sólido de renovação dos ginastas de alto rendimento que representarão nosso país num futuro próximo, [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 37).*

**Nota:** São modalidades de ginástica reconhecidas pela FIG: ginástica acrobática, ginástica aeróbica, ginástica artística feminina (GAF), ginástica artística masculina (GAM), ginástica rítmica, ginástica de trampolins e ginástica para todos.

**GIRO****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:****3.1.5.4 Giros**

*Giros são rotações completas, executadas sobre eixos fixos (barras paralelas ou barra fixa) ou semifixos (argolas), nas quais a posição de partida e chegada se assemelham (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

**Contexto:**

SSIMÉTRICAS	VD – Valor de Dificuldade	4 elementos dos RC e das Deduções Específicas, incluindo a saída	
	RC – Requisitos de Composição		1) Kipe ao apoio facial BI
		2) - Impulso para trás até a horizontal <b>OU</b> - Impulso para trás acima da horizontal	+0.10 + 0.50
		3) - Giro facial para trás BI <b>OU</b> - Giro Livre para trás da horizontal ou acima na BI	+0.10 +0.50
		4) - Oitavão <b>OU</b> - Kipe ao apoio facial no BS	+0.10 +0.50

(CBG – Regulamento Técnico - Torneio Nacional – GAF 2011, p. 2)

**Nota 1:** O G1 apresenta as entradas *giro (no aparelho)* e *giro (no solo)*. Como a especificação aparece entre parênteses, esses termos não foram listados.

**Nota 2:** Em alguns textos do *corpus*, *giro* aparece designando também elementos realizados em outros aparelhos que não barras paralelas, barra fixa ou argolas, como se lê: “Falta de um giro de no mínimo 360° sobre 1 dos pés - 0.30” (CBG - Regulamento Técnico - Torneio Nacional - GAF 2011, p. 4).

**GIRO GIGANTE**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Elemento específico das barras assimétricas uma rotatória em volta da barra de 360 graus, executada com braços estendidos e corpo na posição estendida (F3: G3).*

**Contexto:** *O giro gigante para a frente é aquele em que as costas estão voltadas para o sentido do movimento. Por essa razão, ele é chamado, por algumas pessoas, de giro gigante de costas (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 14).*

**GRAU DE DIFICULDADE**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** arbitragem

**Informação conceitual:** *Define o valor dos elementos acrobáticos, ginásticos, entre outros (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 80).*

**Contexto:** *Com essa mudança, a prova de salto ganhou uma nova dimensão por possibilitar um avanço no grau de dificuldade [...] (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009, p. 101).*

**Variante: DIFICULDADE**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto 1:** *De fato, a busca pela perfeição faz com que treinadores e ginastas optem por um número reduzido de movimentos, porém estes devem combinar a maior dificuldade possível,[...](OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 283).*

**Contexto 2:** *Os elementos são divididos em categorias, conforme sua dificuldade, [...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 149).*

**NOTA FINAL**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** arbitragem

**Informação conceitual:** *Soma de "A" (grau de dificuldade dos exercícios) e de "B" (qualidade da execução do ginasta), que resulta na nota final do atleta. (F3: G3)*

**Contexto:** *Um exemplo é o salto Roche (reversão duplo mortal grupado) que é muitas vezes executado com queda ou falhas graves, mas a nota de partida alta faz com que a nota final do ginasta seja boa (OLIVEIRA, 2007, p. 87).*

**OITAVA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual****3.1.5.5 Oitavas e sublançamentos (movimento de Felge)**

*Oitavas e sublançamentos são rotações para trás, sobre eixos fixos ou semifixos (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

**Contexto:**

<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
Deslocamento na suspensão	A partir da suspensão passagem das pernas entre os braços e solta atrás	A partir da suspensão 2x flexão de braços
Deslocamento no apoio	A partir da suspensão Passagem das pernas entre os braços e volta	Saída: giro de sola afastado
Rolamento para frente	Oitava c/ impulso do colchão ou da rampa	Oitava B.b.

(FRG, 2011)

**PARADA DE MÃOS**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Equilíbrio invertido, mãos no chão, pés para cima* (VIEIRA; FREITAS, 2007, p.82).

**Contexto:** *Quando o balanço parte da parada de mãos (cabeça para baixo), a percepção do executante coincide com o sentido da rotação* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 14).

**PARAFUSO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Giros sobre o eixo longitudinal podem ser combinados com os demais tipos de movimentos e recebem diferentes denominações:*

*Parafuso – quando realizado em combinação com mortais.*

[...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 16).

**Contexto:** PIRUETA/PARAUSO: *giro em torno do eixo longitudinal do corpo. Pode ser realizado no ar ou com apoio de um dos pés.* (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 82)

**Nota:** Apesar de Vieira e Freitas (2007) listarem *pirueta* como sinônimo de *parafuso*, Brochado e Brochado (2005) diferenciam os dois termos, razão por que são apresentados em entradas distintas.

**Variante: TWIST**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *Twist: o mesmo que parafuso (F3:G3).*

**Contexto 2:** *Os ginastas devem executar: elementos acrobáticos para frente, para trás, elementos não acrobáticos (exercícios de força ou equilíbrios ou volteios) e elementos de lado ou do tipo Twist ou variações do exercício Thomas (FIG, 2009) (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 287).*

**Nota:** Segundo o professor João Carlos Oliva, o movimento *twist* apresenta uma diferença em relação ao movimento *parafuso*, consistindo o primeiro em 1/2 giro, e o segundo, em 1 giro.

**PASSADA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Seqüência sucessiva de elementos executados pelo ginasta. Termo geralmente usado no solo, quando o ginasta vai de uma ponta à outra realizando movimentos contínuos (F3: G1).*

**Contexto:** *Eu fiz a primeira passada de Solo, já cheguei um pouco faltando (SCHIAVON, 2009, p. 265 – depoimento de ginasta).*

**PIRUETA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Piruetta - giro sobre o eixo longitudinal, em um salto de pé, sem rotação de mortal, ou com apoio sobre um pé (giros de dança) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 16).*

**Contexto:** *Piruetta/ Parafuso: giro em torno do eixo longitudinal do corpo. Pode ser realizado no ar ou com apoio de um dos pés (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 82).*

**Nota:** Apesar de Vieira e Freitas (2007) listarem *piruetta* como sinônimo de *parafuso*, Brochado e Brochado (2005) diferenciam os dois termos, razão por que são apresentados em entradas distintas.

**PONTE**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Ponte é o nome dado às reversões lentas, sem fase de vôo, para a frente e para trás* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).

**Contexto:** *As ginastas tem como principais queixas de dores nos exercícios de solo a execução do espacate (14%), das pontes e reversões (12%), corrida e rodantes com acrobacias (9%).* (SOUZA; ALMEIDA, 2006, p. 70).



## POSIÇÃO AFASTADA

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Posição afastada* – caracterizada pelo afastamento das pernas; quando alcança 180 graus, é chamada de *espacato*, apresentando duas opções: *afastamento ântero-posterior* e *afastamento lateral* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 11).

**Contexto:** não identificado

**Nota:** Apesar de não ter sido localizada em contexto, a unidade foi mantida por apresentar variante do tipo lexical, em que o núcleo é apagado.

## Variante: AFASTADO

**Categoria gramatical:** adjetivo

**Gênero:** masculino

### Contexto 1:

4.	Descer a posição sentada, com as pernas em grande afastamento, flexão do tronco à frente (cachorrinho) (2 seg.)	1.00 p.
5.	Esquadro <b>afastado</b> (2 seg.), elevação do quadril, sem as pernas tocarem o chão até o apoio dos pés unidos no solo. Levantar-se até a posição fundamental.	1.00 p.

(CBG –Regulamento Técnico – Brasileiro - GAM 2008, p. 2)

**Contexto 2:** *Salto afastado na posição longitudinal da Trave* (SCHIAVON, 2009, p. 369 – apêndice E).

## POSIÇÃO CARPADA

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** É caracterizada pela flexão do tronco em direção às pernas ou vice-versa. As pernas permanecem unidas e estendidas (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 82).

**Contexto:**

6.	Esquadro alto 2 seg.(Grupo I, nº 2), extensão total do corpo ao apoio dorsal, ½ volta ao apoio facial puxar as pernas unidas e estendidas até a <b>posição carpada</b>	1.00 p.
----	--	---------

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008, p. 34)

## Variante: CARPADO

**Categoria gramatical:** adjetivo

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *Carpada(o): Postura que assume o ginasta quando, mantendo os joelhos em completa extensão, flexiona a articulação do quadril, inclinando o tronco sobre as coxas. Pode ser em diferentes angulações. (ver figura) (F3: G1)*

**Contexto 2:**

### Opção 1

Parte	Elemento	Valor
1.	Elevação, até o apoio, com auxílio do técnico. Apoio com braços e corpo estendido (2 seg.).	0.50 p.
2.	Esquadro carpado (2 seg.)	1.00 p.
3.	Rolamento <b>carpado</b> para frente até a vela	0.50 p.
4.	Tomada de impulso ao balanço para trás enloque com corpo estendido	1.00 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008, p. 20)

**POSIÇÃO ESTENDIDA****Categoria gramatical:** sintagma terminológico**Gênero:** feminino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *É caracterizada pela postura em linha reta entre tronco e pernas. Em geral, as pernas estão unidas.* (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 82)**Contexto:**

Segundo voo				
• Altura	X	X	X	0.80
• Não manter a posição <b>estendida</b> do corpo	X	X		

(CBG – Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 1)

**Variante: ESTENDIDO****Categoria gramatical:** adjetivo**Gênero:** masculino**Contexto 1:** *Estendida(o): Postura que assume o corpo do ginasta quando apresenta alinhamento total entre todos os segmentos corporais. O abdômen e os glúteos devem estar contraídos. (ver figura) (F3: G1).***Contexto 2:**

4.	Tomada de impulso ao balanço para trás enloque com corpo estendido	1.00 p.
5.	Balanço para trás	1.00 p.
6.	Balanço para frente	1.00 p.
7.	Imediato deslocamento para tras	1.00 p.
8.	Mortal para trás <b>estendido</b>	1.00 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008, p. 20)

**POSIÇÃO GRUPADA**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *É aquela caracterizada pela flexão das pernas (joelhos são levados e colocados próximos do tronco) (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 82).*

**Contexto:** *Posição grupada – caracterizada pela flexão das articulações do quadril e joelhos (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 11).*

**Variante: GRUPADO**

**Categoria gramatical:** adjetivo

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *Posição assumida pelo ginasta quando aproxima os joelhos do peito, os calcanhares dos glúteos com os pés em ponta, mantendo as costas arqueadas para frente e a cabeça flexionada (queixo toca o peito, testa toca os joelhos). Pode-se segurar os joelhos com as mãos (F3: G1).*

**Contexto 2:** *Essa regra também vale para exercícios pertencentes ao mesmo quadrante no CP, exemplo, mortal de frente grupado e mortal de frente carpado (OLIVEIRA, 2007, p. 32).*

**POSIÇÃO SELADA****Categoria gramatical:** sintagma terminológico**Gênero:** feminino**Subdomínio:** posições e movimentos**Contexto:** não identificado**Nota:** Apesar de não ter sido localizada em contexto, a unidade foi mantida por apresentar variante do tipo lexical, em que o núcleo é apagado.**Variante: SELADO****Categoria gramatical:** adjetivo**Gênero:** masculino**Informação conceitual:** *Selada(o): postura assumida pelo ginasta quando faz uma hiper-extensão lombar, acentuando a curvatura lordótica de sua coluna vertebral. Desta forma, as costas ficam arqueadas para trás. Pode acontecer com o corpo em qualquer posição (F3: G1).***Contexto:**

<b>Deduções Específicas do Aparelho</b>				
	0.10	0.30	0.50	1.00
Primeiro voo				
> Falta de giro no EL para o salto do G3 com ¼(90°)	45°			
> Técnica pobre	X	X		
• Ângulo no quadril	X	X		
• Corpo arqueado ou selado	X	X	X	
• Joelhos flexionados	X	X		
• Pernas e joelhos afastados				

(CBG – Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 18)

**QUADRUPEDIA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Ato em que o atleta se apóia sobre quatro pontos do corpo (F3: G3).*

**Contexto:** *Neste sentido, todas as formas de quadrupedia têm lugar de destaque (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 29).*

**QUIPE****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Kipe ou Quipe: Elemento mais básico das barras paralelas. O ginasta balança com o corpo estendido. Em seguida, faz com que seu corpo fique em posição carpada, encostando a perna na barra, e com os braços se ergue, puxando o corpo para cima, de modo que a cintura fique junto à barra (F3: G3).*

**Contexto:**

Oitava c/ impulso do colchão ou da rampa	Oitava B.b.
Sub-lance sem soltar a barra+1 embalo a frente e solta atrás	Oitava à força B.a.
Sublance a partir do apoio na barra	Quipe ou quipe dorsal
Entrada: quipe na b.b.	Lança quipe

(FRG, 2011)

**Variante: KIPE****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Contexto 1:** Ver *Quipe***Contexto 2:**

MÉTRICAS	VD – Valor de Dificuldade	4 elementos dos RC e das Deduções Específicas, incluindo a saída	
	RC – Requisitos de		1) Kipe ao apoio facial BI
		2) - Impulso para trás até a horizontal OU - Impulso para trás acima da horizontal	+0.10 + 0.50
		3) - Giro facial para trás BI OU - Giro Livre para trás da horizontal ou acima na BI	+0.10 +0.50

(CBG – Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 31)

## REVERSÃO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:**

*Reversão é uma rotação na qual, partindo de posição de pé, o executante passa pelo apoio invertido e chega à posição de pé novamente.*

[...]

*As reversões saltadas, ou com fase de vôo, executadas para a frente, são chamadas de **reversão**, simplesmente (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

**Contexto:** *As ginastas tem como principais queixas de dores nos exercícios de solo a execução do espacate (14%), das pontes e reversões (12%, [...]) (SOUZA; ALMEIDA, 2006, p. 70).*

## REVERSÃO LATERAL

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *O mesmo que estrela (F3: G3).*

**Contexto:** *Reversão é uma rotação na qual, partindo de posição de pé, o executante passa pelo apoio invertido e chega à posição de pé novamente. Reversões podem ser executadas para a frente, para trás e para o lado, com ou sem fase de vôo.*

*Rodas e rodantes são reversões laterais. [...]) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

**Nota:** *Reversão lateral* aparece nesta lista em entrada própria porque, conforme se lê no campo *contexto*, Brochado e Brochado (2005) consideram *roda* ou *estrela* um tipo de reversão lateral.



**RODA****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** feminino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *Rodas e rodantes são reversões laterais* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).**Contexto:**

Macaquinho (3 apoios)	Parada de cabeça pernas unidas e estendidas		Parada de cabeça pernas unidas e estendidas subida a parada de mãos	Espacato em qualquer posição	Esquadro afastado ou carpado (marcar 2 seg
	Educativo para <b>roda</b> (passagem com apoio das mãos em colchonete)	Roda	Roda com uma mão	Roda voada (fase de voo visível antes do apoio das mãos no solo)	Reversão sem mãos (perna) ou borboleta

(FRG, 2011)

**Variante: ESTRELA****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** feminino

**Contexto 1:** *Estrela, roda ou reversão lateral: Elemento básico de solo que representa uma passagem pelo apoio invertido, lançando alternadamente as pernas. Consiste em, iniciando na posição de pé, com uma perna à frente da outra, flexionar o tronco à frente com os braços elevados e estendidos, alinhados ao tronco, cabeça também no alinhamento do tronco. Quando as mãos estiverem quase tocando o solo, a ginasta realizará ¼ de giro em rotação lateral com o tronco, abordando o solo com uma das mãos depois a outra no plano sagital. Lança então a perna que estiver atrás para o alto, passando lateralmente em apoio invertido, mantendo joelhos em extensão e pés em ponta, com afastamento máximo das pernas, até retornar à posição em pé. Pode ser realizado também na trave de equilíbrio.(ver figura) Explicações [sic] e correções verbais: O professor deve ser sucinto e claro, procurando despertar o interesse e a atenção dos alunos. As correções servirão de feed-back para o aprimoramento técnico da execução (F3: G1).*

**Contexto 2:** *A roda, popularmente chamada de estrela, deve ser executada com pernas estendidas e afastadas* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 48).

**Nota:** *Reversão lateral* aparece nesta lista em entrada própria porque, conforme se lê na *informação conceitual*, Brochado e Brochado (2005) consideram *roda* um tipo de reversão lateral.

**RODANTE**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:**

*Rodas e rodantes são reversões laterais. (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15)  
O rodante é um exercício de ligação que possibilita melhor desempenho para os saltos para trás. Não passa de uma roda com ¼ de giro, unindo as pernas ao passar pelo apoio invertido, aterrissando sobre ambos os pés, de frente para o ponto de partida (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 51).*

**Contexto:** *Porque nesses exercícios de perna é “rodante-flic-duplo”, não é bem localizado (SCHIAVON, 2009, p. 221 – depoimento de ginasta).*

**Variante: RONDADA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto 1: Rondada, rondante ou round off:** *Elemento de solo semelhante a uma roda (estrela), porém com os dois pés chegando ao solo no mesmo instante, juntos. Usado pelos ginastas para acelerar uma “passada”, e para preparar para realização de flic-flac e saltos mortais para trás (F3: G1).*

**Contexto 2:** *Só tive quando era novinha na ginástica, fazia uma rondada-mortal, que nem era usada, [...] (SCHIAVON, 2009, p. 266 – depoimento de ginasta)*

Nota: Segundo o professor João Carlos Oliva, para o termo *rodante* haveria ainda a variante *árabe*, que não foi, no entanto, registrada no *corpus* de checagem.

## ROTAÇÃO

**Classe gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Movimento circular do corpo, em 360 graus, em torno de um eixo fixo (barra de um aparelho, por exemplo), de um eixo livre (centro de gravidade do próprio corpo), ou de um eixo variável (F3: G1).*

**Contexto:** *Com essa mudança, a prova de salto ganhou uma nova dimensão por possibilitar um avanço no grau de dificuldade com o qual os ginastas executariam os exercícios com mais altura e, portanto, maior tempo de voo para realizar rotações e com uma segurança maior (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009, p. 101).*

## SAÍDA

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Sair de um aparelho no final da série, concluindo a apresentação. Em geral é realizada com um ou com duplo mortal, com variação de graus nos giros longitudinais do corpo (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 82).*

**Contexto:** *Além disso, ele deve executar uma saída de valor mínimo D (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 149).*

## SALTO MORTAL

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Saltos Mortais: termo técnico da modalidade esportiva Ginástica Artística. Significa exercícios de ginástica de solo onde o ginasta impulsiona-se no solo com os dois pés, salta e gira seu corpo livremente no ar, para frente ou para trás, com, no mínimo 360 graus de rotação sobre o eixo transversal do corpo, finalizando de pé sobre o solo. A postura do ginasta durante a fase de vôo dos mortais pode variar, desde grupada (joelhos flexionados, coxa junto ao tronco, pés junto aos glúteos, cabeça flexionada à frente, mãos segurando os joelhos) a estendida (segmentos corporais em alinhamento). A rotação do corpo para frente ou para trás sobre o eixo látero-lateral (transversal) pode ser chamada também de flip ou salto (F3: G1).*

**Contexto:** *Assim como uma ginasta experiente pode ter medo de realizar um salto mortal na trave de equilíbrio, [...] (DUARTE, 2008, p. 1).*

## Variante: MORTAL

**Categoria gramatical:** adjetivo

**Gênero:** Ø

**Descrição:** *Movimento no qual o ginasta gira no ar em torno do eixo transversal do corpo (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 80).*

### **Contexto:**

#### *3.1.5.3 Mortais*

*Rotações de no mínimo 360 graus, em fase de vôo, sobre o eixo transversal (mortais para a frente e para trás) ou ântero-posterior (mortais para o lado) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).*

**Nota:** *Mortal é adjetivo uniforme, isto é, sem variação de gênero.*

## SALTO SOBRE O CAVALO

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho que consiste em um trampolim e uma mesa, com altura de 1,35 m para homens e 1,25 m para mulheres. (F3: G3)*

**Contexto:** *A GA feminina compreende quatro eventos: o salto sobre o cavalo, as paralelas assimétricas, a trave de equilíbrio e o solo [...] (NUNOMURA, 2002, p. 23).*

**Nota:** Oliveira e Bortoleto (2011, p. 290) explicam que, “em 2001, o cavalo de salto foi substituído por uma mesa de salto, o que possibilitou um grande avanço nessa prova”.

## Variante: SALTO SOBRE A MESA

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *No salto sobre a mesa, Diego Hypólito venceu seu terceiro ouro na competição (OLIVEIRA, 2010, p. 109).*

### Contexto 2

		Salto sobre a mesa	
Requisitos específicos	CI	Dois saltos diferentes	
	Nota final	Média	
	Valor	Segundo código FIG vigente	

(CBG – Regulamento Técnico - Torneio Nacional – GAM 2010, p. 16)

## Variante: SALTO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Contexto 1:** *As provas femininas: salto, barras paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 141).*

**Contexto 2:** *O salto foi a prova da ginástica que sofreu as mudanças mais significativas na morfologia no decorrer dos anos. (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 290)*

## SEGURANÇA

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** treinamento

**Informação conceitual:** *Não há participação direta na execução do exercício. O auxiliar irá permanecer próximo ao executante, com a finalidade de dar-lhe confiança e evitar acidentes no caso de qualquer falha de execução. Neste último caso, a segurança deve transformar-se imediatamente em ajuda direta (F3: G1).*

**Contexto:** *Além disso, a questão “das ajudas” (segurança das ginastas pelo técnico) em exercícios de maior “risco” é facilitada com uma criança (menor e mais leve) [...] (SCHIAVON, 2009, p. 109).*

**Nota:** Foi registrada a forma *segurança manual* em Duarte (2008, p. 61), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

## SEQUÊNCIA ACROBÁTICA

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Seqüência de elementos executados pelo ginasta. Termo geralmente usado no solo, quando o ginasta vai de uma ponta a outra realizando movimentos. Também pode ser chamado de passada (F3: G4).*

**Contexto:** [...] *uma seqüência acrobática consiste em, pelo menos, 3 elementos acrobáticos de vôo, sendo um deles um mortal (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 148).*

**Nota:** *Seqüência acrobática* não foi considerada variante de *passada* porque, na explicação de Brochado e Brochado (v. contexto) a primeira se refere a uma seqüência de elementos exclusivamente acrobáticos, e não a uma seqüência de quaisquer elementos, conforme expresso na descrição do glossário. Também Bortoleto (2000, p. 19 – nota de rodapé) apresenta explicação divergente da do glossário: “Seqüência Acrobática é um termo técnico existente na linguagem própria à GA, utilizado para definir um conjunto de elementos, do grupo das acrobacias, realizados em seqüência”.

**SÉRIE**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** série

**Informação conceitual:** *Seqüência de elementos técnicos que forma a apresentação de um ginasta (F3: G3).*

**Contexto:** *Quanto ao treinamento técnico, esta fase prioriza o trabalho de ligação entre os exercícios, que deverão ser treinados em pequenas séries de, no mínimo, dois elementos. Estas pequenas séries devem ser ampliadas até os ginastas atingirem, no final do período, a execução de meias séries (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 30).*

**SOLO**

**Classe gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho que consiste em um tablado que mede 12 m x 12 m (F3: G3).*

**Contexto:** *As provas femininas: salto, barras paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 141).*

NOTA: Para o professor João Carlos Oliva, o *solo* não seria considerado um *aparelho*. A designação *aparelho* caberia, no feminino, às *paralelas assimétricas*, à *trave de equilíbrio* e à *mesa de salto*.

**STALDER****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Stalder ou endo:* Movimento em que a ginasta deve passar pelo apoio estendido invertido estendido, para girar em suspensão invertida (pernas afastadas) e passando novamente apoio estendido invertido. É um tipo de giro gigante, que pode ser feito para frente ou para trás, na barra fixa ou assimétrica (F3: G1).

**Contexto**

PARALELAS ASSIMÉTRICAS	VD – Valor de Dificuldade	8 elementos incluindo a saída	
	RC – Requisitos de Composição  5x 0.50 cd = 2.50	1) Um giro circular próximo a barra do Grupo 2 com ou sem giro no EL, mínimo B (Oitavas)	+0.50
		2) Giro Gigante para trás e giro gigante para frente do Grupo 3 com ou sem giro no EL, mínimo B	+ 0.50
		3) Stalder para frente ou trás do Grupo 4, ou Giro de sola para frente ou trás do Grupo 5, com ou sem giro no EL, mínimo B	+0.50

(CBG – Regulamento técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 26)

**Nota:** Apesar de a unidade *endo* ser listada como sinônimo (variante) de *stalder* nos glossários G1, G2 e G4, ela não foi considerada como tal em razão de não se tratar de movimento idêntico, conforme observou o professor João Carlos Oliva Segundo o quadro de campeões do mundo publicado no *site* da FIG, Josef Stalder teria se consagrado nos anos 1950, e Yuri Endo, nos anos 60. Portanto, não haveria razão para que dois ginastas, competindo em épocas diferentes, nomeassem o mesmo elemento. De fato, *endo* é um movimento muito semelhante ao *stalder*, porém, enquanto este é executado para frente, aquele é executado em sentido inverso ([http://www.usgyms.net/bars\\_skills.htm](http://www.usgyms.net/bars_skills.htm)).



**SUBLANÇAMENTO****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Subdomínio:** posições e movimentos**Informação conceitual:** *Oitavas e sublançamentos são rotações para trás, sobre eixos fixos ou semifixos* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 15).**Contexto**

Parte	Elemento	Valor
1.	Tomada de impulso para frente, balanço para trás	1.00 p.
2.	Balanço para frente	1.00 p.
3.	Balanço para trás	1.00 p.
4.	Balanço para frente	1.00 p.
5.	Balanço para trás com dominação traseira ao apoio	1.00 p.
6.	Lançamento para trás ao apoio dos pés afastados ao lado das mãos	1.00 p.
7.	Saída em sub-lançamento à frente	1.00 p.

(CBG – Regulamento Técnico – Brasileiro – GAM 2008 – p. 12)

**Variante: SUBLANCE****Categoria gramatical:** substantivo**Gênero:** masculino**Contexto 1:** *Sublance a partir do apoio na barra* (FRG, 2011).**Contexto 2:** *[...] a gente não parava enquanto não conseguia fazer a saída de sublance mortal, daquele pé na mão e mortal* (SCHIAVON, 2009, p. 209 – depoimento de ginasta).

## SUSPENSÃO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e aparelhos

**Informação conceitual:** *Chamamos de suspensão as posições nas quais a linha dos ombros se encontra abaixo do aparelho* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).

**Contexto:** *Hoje uma série de barras paralelas deve ser composta por elementos de impulso e de vôo passando pela suspensão e pelo apoio [...] (FIG, 2007) (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011, p. 291).*

## SUSPENSÃO A LONGADA

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e aparelhos

**Informação conceitual:**

*Chamamos de suspensão as posições nas quais a linha dos ombros se encontra abaixo do aparelho. Diferenciamos as seguintes variações:*

*Suspensão alongada*

*[...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).*

**Contexto:** *Da suspensão alongada, kipe ao apoio facial* (CBG – Regulamento técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 21).

## SUSPENSÃO DORSAL

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e aparelhos

### Informação conceitual

*Chamamos de suspensão as posições nas quais a linha dos ombros se encontra abaixo do aparelho. Diferenciamos as seguintes variações:*

[...]

*Suspensão dorsal – quando as costas estão voltadas para a barra*

[...] (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 12).

**Contexto:** *Descida até a suspensão dorsal com corpo em canoinha (2 seg) (CBG – Regulamento técnico – Torneio Nacional – GAM 2011, p. 13).*

## TEMPO

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Tempo (tempo salto): Flic-flac sem apoio das mãos no solo, também chamado de flic-flac livre (F3: G1).*

**Contexto:** *Tempo (flic sem mãos) (SCHIAVON, 2009, p. 379 – apêndice J).*

**Nota:** Não houve registro de outras ocorrências de *tempo salto* e *flic sem mãos* no *corpus* de checagem.

**TESOURA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Movimento corporal lateral. O ginasta alterna o apoio das mãos (ora direita, ora esquerda) com pernas e braços estendidos, enquanto as pernas vão abertas de um lado a outro do cavalo. (Movimento específico do cavalo com alças) (F3: G4).*

**Contexto:** *Nos exercícios pendulares no cavalo com alças (as tesouras), em que as pernas balançam de um lado para o outro, os ombros são deslocados lateralmente (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 18).*

**TKACHEV**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Elemento em que o ginasta larga a barra (fixa ou assimétricas), passa de costas por cima dela na posição carpada ou com pernas separadas, e em seguida pega a barra novamente (F3: G1).*

**Contexto:** *Primeira largada e retomada (ginger, jager e tkatchev) (SCHIAVON, 2009, p. 367 – apêndice D).*

**TRAMPOLIM**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** materiais

**Informação conceitual:** *Trampolim: Prancha de saltos* (F3: G1).

**Contexto:** *Nesse salto, antes da chegada ao cavalo é executado um rodante sobre o trampolim. Dessa forma, a entrada é de costas para o cavalo* (NUNOMURA, 2002, p.27 – nota de rodapé) .

**Nota:** Brochado e Brochado (2005, p.22) se referem a *trampolim* e *prancha de salto* como equipamentos diferentes: “Esse tipo de energia pode ser observada nos aparelhos de ginástica modernos e tem a finalidade de facilitar a execução dos exercícios ginásticos. Os exemplos mais evidentes são os trampolins e pranchas de salto, [...]”. No dicionário Houaiss, trampolim é “prancha longa, e geralmente bem elevada, em que nadadores, acrobatas etc. preparam os seus saltos e de onde os executam”.

**TRAVE DE EQUILÍBRIO**

**Categoria gramatical:** sintagma terminológico

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** aparelhos

**Informação conceitual:** *Aparelho que consiste em uma trave de de 10 cm de largura por 5 metros de comprimento (F3: G3).*

**Contexto:** *Daniele Hypólito, também medalhista em Copas do Mundo teve sua primeira conquista neste campeonato em 2002 na Alemanha, com o ouro na Trave de Equilíbrio, [...] (SCHIAVON, 2009, p. 39).*

**Variante: TRAVE**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Contexto 1:** *A duração da série de trave não deve ultrapassar os 90 segundos (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 147).*

**Contexto 2:** *Alguns exemplos são o rodante com acrobacias no solo, hiber e o tsukahara no salto, mortal para frente na trave e as saídas em mortal nas barras (SOUZA; ALMEIDA, 2006, p.70).*

**Nota:** Foi registrada a forma *trave de equilíbrios* (no plural) em Brochado e Brochado (2005, p.146), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

**TSUKAHARA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Salto mortal duplo com um parafuso completo no primeiro salto (F3: G2).*

**Contexto:** *Alguns exemplos são o rodante com acrobacias no solo, hiber e o tsukahara no salto, mortal para frente na trave e as saídas em mortal nas barras (SOUZA; ALMEIDA, 2006, p.70).*

**VELA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** feminino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Deitado "em decúbito dorsal elevar as pernas e o quadril, mantendo o corpo numa posição de equilíbrio invertido e ereto, apoiado apenas na nuca e nos braços, com as mãos no solo ou ajudando a manter o quadril elevado" (SANTOS, 1986 p. 23) (F3: G1).*

**Contexto:** *Da posição invertida em apoio dorsal (vela), carpar e voltar à posição de vela (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 47).*

**VOLTEIO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Volteios: Giros de perna unidas em apoio de braços, podendo ser realizados no solo ou no cavalo com alças (F3: G1).*

**Contexto:** *Já nos movimentos circulares no cavalo com alças, os volteios, as rotações observadas são completamente diferentes (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 18).*



**VOO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Período em que o atleta permanece no ar, durante o exercício das acrobacias* (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 84).

**Contexto:** *Obter experiência espacial, através de balanços, saltos, apoios, giros e vôos* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 24).

**Nota:** A grafia da unidade de entrada foi atualizada. No original era *vôo*.

**YAMASHITA**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Salto reversão sobre o cavalo com o segundo vôo carpado.* (F3: G1)

**Contexto:** *Grupo 3. Reversões e Yamashitas (reversão carpada)* (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 152)

**YURCHENKO**

**Categoria gramatical:** substantivo

**Gênero:** masculino

**Subdomínio:** posições e movimentos

**Informação conceitual:** *Salto batizado com o nome da atleta soviética Natalia Yurchenko que começa com uma corrida de aproximação em direção à mesa de salto. Próximo ao trampolim a ginasta realiza uma acrobacia que é finalizada de costas e com um impulso que permite que ela apoie as mãos na mesa (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 84).*

**Contexto:** *Grupo 4 – Yurchenko (salto com rodante no final da corrida) (BROCHADO; BROCHADO, 2005, p. 145).*

ANEXO III: UNIDADES DESCARTADAS NA FORMAÇÃO DO  
CORPUS

## 1) Unidades listadas como termos, mas não confirmadas em contexto

<b>Unidade</b>	<b>Fonte<sup>42</sup></b>
<b>ANTEPULSÃO</b>	F3: G1
<b>APOIO LATERAL</b>	F2
<b>BACK-IN, FULL-OUT</b>	F1
<b>BIPEDIA</b>	F3: G1
<b>CUERVO</b>	F3: G1
<b>DECOMPOSIÇÃO DO EXERCÍCIO</b>	F3: G1
<b>EMPUNHADURA CRUZADA</b>	F3: G1
<b>FECHAMENTO</b>	F3: G1
<b>FLIC KORBUT</b>	F3: G2
<b>FLIC SEM AS MÃOS<sup>43</sup></b>	F3: G2
<b>FLIC-FLAC DE PERNAS SEPARADAS<sup>44</sup></b>	F3: G2
<b>FULL-IN, BACK-OUT</b>	F1
<b>GIRO SOBRE O EIXO LONGITUDINAL</b>	F2
<b>KORBUT FLIC FLIC</b>	F3: G1
<b>POSIÇÃO AFASTADA-CARPADA</b>	F2
<b>POSIÇÃO DORSAL</b>	F3: G1
<b>POSIÇÃO FACIAL</b>	F3: G1
<b>POSIÇÃO JAPONESA</b>	F3: G1
<b>POSIÇÃO HORIZONTAL</b>	F3: G1

<sup>42</sup> As unidades muitas vezes se repetiram em mais de uma fonte. Apenas uma fonte foi indicada.

<sup>43</sup> Foi registrada a forma *flic sem mãos* em Schiavon (2009, p. 379 – apêndice J), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

<sup>44</sup> Foi registrada a *flic flac com pernas separadas* em Schiavon (2009, p. 371 - apêndice F), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

<b>POSIÇÃO LATERAL</b>	F3: G1
<b>POSIÇÃO TRANSVERSAL</b>	F3: G1
<b>RETROPULSÃO</b>	F3: G1
<b>RUDI</b>	F3: G2
<b>SALTO PAK</b>	F3: G2
<b>SÉRIE DE ELEMENTOS</b>	F3: G1
<b>SUSPENSÃO AFASTADA</b>	F2
<b>SUSPENSÃO FACIAL</b>	F2
<b>SUSPENSÃO EM DOIS JOELHOS</b>	F2
<b>SUSPENSÃO EM UM JOELHO</b>	F2
<b>SUSPENSÃO INVERTIDA</b>	F2
<b>TRIPEDIA</b>	F3: G1
<b>ÜBERSCHLAG<sup>45 46 47</sup></b>	F3: G1
<b>VALOR DE CONEXÃO<sup>48</sup></b>	F3: G3

## 2) Unidades apontadas como variantes, mas não confirmadas em contextos

<b>Unidade apontada como variante</b>	<b>Termo correspondente</b>	<b>Fonte da unidade apontada como variante</b>
<b>APOIO DE FRENTE</b>	<b>APOIO FACIAL</b>	F2
<b>APOIO DE COSTAS</b>	<b>APOIO DORSAL</b>	F2
<b>APOIO DE LADO</b>	<b>APOIO LATERAL</b>	F2
<b>BANANEIRA</b>	<b>PARADA DE MÃOS</b>	F3: G1

<sup>45</sup> Na forma original sem o trema: *uberschlag*

<sup>46</sup> Foi registrada a forma *híber*, possível redução decalcada de *uberschlag* em Souza e Almeida (2006, p. 60), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

<sup>47</sup> Foi registrada a forma *uber*, possível redução de *uberschlag*, em Schiavon (2009, p. 299 – depoimento de ginasta), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

<sup>48</sup> Foi registrada a forma *valor de ligação* em CBG (Regulamento Técnico – Torneio Nacional – GAF 2011, p. 7), sem ocorrência em outro texto do *corpus* de checagem.

<b>FULL OUT</b>	<b>BACK-IN, FULL-OUT</b>	F3: G1
<b>FULL IN</b>	<b>FULL-IN, BACK-OUT</b>	F3: G1
<b>GIGANTE</b>	<b>GIRO GIGANTE</b>	F3: G1
<b>KIPPE</b>	<b>QUIPE</b>	F2
<b>PARADA DE DOIS APOIOS</b>	<b>PARADA DE MÃOS</b>	F3: G1
<b>PRESA</b>	<b>EMPUNHADURA</b>	F3: G1
<b>RONDANTE</b>	<b>RONDADA</b>	F3: G1
<b>ROUND OFF</b>	<b>RONDADA</b>	F3: G1
<b>TEMPO SALTO</b>	<b>TEMPO</b>	F3: G1

3) Unidades listadas como termos no Glossário 1, mas identificadas pelas informações conceituais como não pertencentes ao domínio da GA

<b>Unidade listada como termo</b>	<b>Informação conceitual</b>
<b>ALONGAMENTO</b>	<i>Alongamento envolve movimentos forçando o aumento da amplitude de movimento das articulações. Servem também nos treinos de Ginástica Artística para ganho de flexibilidade. Não é bom iniciar exercícios de alongamento sem aquecimento prévio.</i>
<b>AQUECIMENTO</b>	<i>Aquecimento geral por meio de corridas e movimentações rápidas dos diferentes segmentos corporais, objetivando aumentar a temperatura corporal e prepara-la para a atividade física. O aquecimento específico é voltado mais para a movimentação de partes do corpo que serão mais solicitadas em uma aula em particular.</i>
<b>DEMONSTRAÇÃO</b>	<i>É de grande ajuda, por possibilitar estímulo visual. Pode ser feita pelo professor ou ginasta mais desenvolvido. Substitui muitas explicações verbais e permite se fazer a análise técnica do movimento. Podem ser usadas também fitas de vídeo.</i>
<b>DISCIPLINA</b>	<i>É necessário que se tenha uma diretriz e regras a serem seguidas para o sucesso de uma turma. Deve-se estimular o aluno a seguir as determinações do professor, nunca indo além de suas possibilidades. Nunca usar os aparelhos para brincadeiras sem orientação. Habituar-se a utilizar sempre colchões ao redor dos aparelhos onde estiver trabalhando, usando sempre carbonato de magnésio nas mãos para as</i>

	<i>empunhaduras. A boa disciplina é fator fundamental para a prevenção de acidentes na Ginástica Artística.</i>
<b>GINÁSTICA</b>	<i>Arte de desenvolver e fortificar o corpo por meio de exercícios apropriados. Tem origem do termo grego gymnastike.</i>
<b>GINÁSTICA ARTÍSTICA</b> <sup>49</sup>	<i>O mesmo que Ginástica Olímpica, que é o nome que se dá a um esporte olímpico, com normas oficiais de competição, que se realiza em 6 aparelhos masculinos (argolas, cavalo com alças, barra fixa, paralelas simétricas, salto sobre o cavalo e solo) e 4 femininos (paralelas assimétricas, salto sobre o cavalo<sup>50</sup>, solo e trave de equilíbrio). A principal característica deste esporte é a realização de acrobacias, como rotações do corpo nos diferentes sentidos e direções, combinados com elementos ginásticos. Para realizá-los, o ginasta depende de todas as suas qualidades físicas e habilidades psicomotoras.</i>
<b>HPEREXTENSÃO</b> <sup>51</sup> <b>DA COLUNA</b>	<i>Movimento de curvar-se para trás, no plano sagital, com acentuamento da curva lordótica da coluna vertebral, muito utilizado na postura selada, e em elementos que utilizam a abertura do tronco como a ponte estática e dinâmica, e acrobacias tais como o flic-flac no solo.</i>
<b>INDUMENTÁRIA ADEQUADA</b>	<i>Roupas que oferecem liberdade de movimentos, de malha ou lycra. Munhequeiras, faixas e protetores palmares irão oferecer maior segurança ao ginasta, dando-lhe também maior confiança para a realização dos exercícios. Os aparelhos também devem estar em perfeitas condições de uso, não devendo apresentar sinais de grande desgaste. Com roupas e equipamentos adequados a prática torna-se mais segura.</i>
<b>PROGRESSÃO PEDAGÓGICA DOS EXERCÍCIOS</b>	<i>São atividades facilitadoras da aprendizagem técnica, com a utilização de materiais auxiliares.</i>
<b>REPETIÇÃO</b>	<i>É feita no final da aprendizagem, quando o ginasta já executa o movimento sozinho. Através da repetição vai-se aprimorando a técnica, aumentando a regularidade dos acertos e automatização da execução.</i>
<b>SITUAÇÃO INABITUAL</b>	<i>Situação vivenciada pelo ginasta, a qual não faz parte de seus movimentos cotidianos, estando sendo experimentada somente pela oportunidade da prática da Ginástica Artística. (G4)</i>

<sup>49</sup> Neste caso, não se trata de não pertencer ao domínio da GA, mas de nomear o próprio domínio.

<sup>50</sup> Ver notas em salto sobre o cavalo.

<sup>51</sup> Grafia corrigida: original \*hiper-extensão.

<b>TRABALHO PARALELO DE DESENVOLVIMENTO DE QUALIDADES FÍSICAS</b>	<i>Trabalho adequado de preparação física geral e específica, que irá das condições aos ginastas de desenvolverem-se tecnicamente.</i>
---	--